

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

IVAN MENEZES CALAZANS

**GRAMATICALIZAÇÃO E ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS
PREPOSIÇÕES LATINAS EM TEXTOS DE AUTORES DA
PATRÍSTICA COM DESTAQUE DA OBRA *CONFESSIONES*
DE SANTO AGOSTINHO**

**SALVADOR - BAHIA
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

IVAN MENEZES CALAZANS

**GRAMATICALIZAÇÃO E ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS
PREPOSIÇÕES LATINAS EM TEXTOS DE AUTORES DA
PATRÍSTICA COM DESTAQUE DA OBRA *CONFESSIONES*
DE SANTO AGOSTINHO**

Tese apresentada como requisito parcial do
Curso de Doutorado em Letras do Programa
de Pós-Graduação em Letras e Linguística.
Orientadora: Rosauta Maria G. Fagundes
Poggio

**SALVADOR - BAHIA
2011**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus por ter-nos feito merecedor desta conquista e a todos que contribuíram de forma direta ou indireta.

À Prof^a. Dr^a. Rosauta Maria G. Fagundes Poggio, Orientadora desta Tese, por ter-nos dirigido com dedicação e competência.

Em especial, agradecemos à Prof^a. Dr^a. Teresa Leal Gonçalves Pereira, que também esteve presente durante a elaboração deste trabalho.

Aos professores em geral, que deram sua contribuição nos preparando para uma nova etapa de nossa vida profissional.

E, por fim, aos colegas, que nos apoiaram acreditando em mais uma conquista.

RESUMO

Nesta Tese, a partir da ocorrência de algumas preposições latinas nas *Confessiones* de Santo Agostinho, com a expressão de AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO e DIREÇÃO, procede-se ao exame desses elementos de relação e sua correspondência em traduções dessa obra nas línguas portuguesa e italiana atuais, com o objetivo de verificar a mudança linguística, especialmente, no que diz respeito à Gramaticalização. Observa-se até que ponto as preposições portuguesas e italianas mantiveram as acepções das preposições latinas e quais as que tiveram o seu campo semântico ampliado, assim como foram analisados os novos processos de Gramaticalização que se desenvolveram nas duas línguas enfocadas, em busca de novas formas para expressar os conceitos em apreço.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Gramaticalização; Preposições; Teoria Localista.

ABSTRACT

This thesis is intended to examine the elements DISTANCE, LOCATION and DIRECTION of some Latin prepositions in the Confessiones by Santo Agostinho and their correspondence in translations of this work in current Portuguese and Italian in order to verify the linguistic change, especially in what concerns Grammaticalization. It is observed to what extent Portuguese and Italian prepositions kept their meanings and which ones had their semantic field enlarged. New grammaticalization processes that developed in both languages were analyzed in search of new ways to express the concepts.

KEY WORDS: *Functionalism; Grammaticalization; Prepositions; Localist Theory*

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Estágios do processo de gramaticalização	037
Quadro 02 – <i>Continuum</i> de fusão das unidades lingüísticas espaciais	039
Quadro 03 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	098
Quadro 04 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: preposição em latim, em português e em italiano	100
Quadro 05 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: preposição e locução em português e em italiano	102
Quadro 06 – Expressão do ‘Tempo: afastamento’: preposição em latim e em italiano e locução prepositiva em italiano	104
Quadro 07 – Expressão do ‘Qualidade: afastamento: lugar abstrato’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	105
Quadro 08 – Expressão da ‘Qualidade: afastamento: lugar abstrato’: preposição em latim e preposição em português e em italiano	106
Quadro 09 – Expressão do ‘Espaço: localização’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	109
Quadro 10 – Expressão do ‘Espaço: localização’: preposição em latim, em português e em italiano	111
Quadro 11 – Expressão do ‘Espaço: localização’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em português e em italiano	117
Quadro 12 – Expressão do ‘Tempo: localização’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	119
Quadro 13 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	121
Quadro 14 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: preposição em latim, em português e em italiano	125
Quadro 15 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: locução	

prepositiva em latim e preposição em português e em italiano	129
Quadro 16 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: locução prepositiva em português e preposição em latim e em italiano	130
Quadro 17 – Expressão do ‘Espaço: direção’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	132
Quadro 18 – Expressão do ‘Espaço: direção’: preposição em latim, em português e em italiano	134
Quadro 19 – Expressão do ‘Espaço: direção’: locução prepositiva em latim, em português e em italiano	138
Quadro 20 – Expressão do ‘Espaço: direção’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano	139
Quadro 21 – Expressão do ‘Tempo: direção’: preposição em latim, em português e em italiano	141
Quadro 22 – Expressão do ‘Tempo: direção’: preposição em latim e locução prepositiva em português e em italiano	143
Quadro 23 – Expressão do ‘Tempo: direção – limite final’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano	144
Quadro 24 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano	146
Quadro 25 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim, em português e em italiano	149
Quadro 26 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: locução prepositiva em latim e preposição em português e em italiano	152
Quadro 27 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e locução prepositiva em português e em italiano	154
Quadro 28 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e em italiano e locução prepositiva em português	155
Quadro 29 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano	158
Quadro 30 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano: expressão do ‘afastamento’	166

Quadro 31 - Primeiro estágio da gramaticalização – <i>embraced</i> – português e italiano	167
Quadro 32 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano: expressão da ‘localização’	177
Quadro 33 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano: expressão da ‘direção’	193
Quadro 34 - Primeiro estágio da gramaticalização – <i>embraced</i> – latim, português e italiano	194

LISTA DE ABREVIATURAS

ADV./ Adv. - Advérbio

CSA - *Confessiones de Santo Agostinho*

Et al. - e outros

GR - Garcia de Resende

N - Nome

Num. Ord. – Numeral Ordinal

Op. cit. - *Opera citata*

PREP./ Prep. - preposição

s. v. - *sub verbum*

V. - Verbo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	013
2 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES POR ALGUNS GRAMÁTICOS	016
3 FUNCIONALISMO	019
4 GRAMATICALIZAÇÃO	031
4.1 CONCEITOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	034
4.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	037
4.3 PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO	040
5 AS PREPOSIÇÕES LATINAS	043
5.1 AS PREPOSIÇÕES <i>EX</i> , <i>AB</i> E <i>DE</i> NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO	043
5.1.1 A preposição <i>ex</i>	043
5.1.2 A preposição <i>ab</i>	045
5.1.3 A preposição <i>de</i>	046
5.2 AS PREPOSIÇÕES <i>IN</i> , <i>INTRA</i> E <i>INTUS</i> NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO	049
5.2.1 A preposição <i>in</i>	049
5.2.2 A preposição <i>intra</i>	052
5.2.3 A preposição <i>intus</i>	053
5.3 AS PREPOSIÇÕES <i>AD</i> , <i>APUD</i> E <i>ULTRA</i> E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>USQUE AD</i> NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO	055
5.3.1 A preposição <i>ad</i>	055
5.3.2 A preposição <i>apud</i>	056
5.3.3 A preposição <i>pro</i>	057
5.3.4 A preposição <i>ultra</i>	059
5.3.5 A locução prepositiva <i>usque ad</i>	060
6 AS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS	062
6.1 A PREPOSIÇÃO <i>DE</i> E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>LONGE DE</i> NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO	062

6.1.1 A preposição <i>de</i>	062
6.1.2 A locução prepositiva <i>longe de</i>	065
6.2 A PREPOSIÇÃO <i>EM</i> E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>DENTRO DE</i> NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO	065
6.2.1 A preposição <i>em</i>	065
6.2.2 A locução prepositiva <i>dentro de</i>	068
6.3 AS PREPOSIÇÕES <i>A</i> , <i>PARA</i> E <i>ATÉ</i> E AS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS <i>PARA COM</i> , <i>PARA LONGE DE</i> , <i>PARA DENTRO DE</i> , <i>ATRÁS DE</i> E <i>EM RELAÇÃO A</i> NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO	069
6.3.1 A preposição <i>a</i>	069
6.3.2 A preposição <i>para</i>	071
6.3.3 A preposição <i>até</i>	073
6.3.4 A locução prepositiva <i>para com</i>	075
6.3.5 A locução prepositiva <i>para longe de</i>	075
6.3.6 A locução prepositiva <i>atrás de</i>	075
6.3.7 A locução prepositiva <i>em relação a</i>	076
6.3.8 A locução prepositiva <i>para dentro de</i>	076
7 AS PREPOSIÇÕES ITALIANAS	077
7.1 AS PREPOSIÇÕES <i>DI</i> E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>LONTANO DA</i> NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO	077
7.1.1 A preposição <i>di</i>	077
7.1.2 A locução prepositiva <i>lontano da</i>	078
7.2 A PREPOSIÇÃO <i>IN</i> , <i>SU</i> E <i>TRA</i> E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA <i>DENTRO DI</i> NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO	079
7.2.1 A preposição <i>in</i>	079
7.2.4 A preposição <i>su</i>	080
7.2.5 A preposição <i>tra</i>	081
7.2.6 A locução prepositiva <i>dentro di</i>	083
7.3 AS PREPOSIÇÕES <i>A/AD</i> , <i>DA</i> , <i>PER</i> , <i>VERSO</i> E <i>FRA</i> E AS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS <i>DAVANTI A</i> E <i>FINO A</i> NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO	083
7.3.1 A preposição <i>a/ad</i>	083

7.3.2 A preposição <i>da</i>	085
7.3.3 A preposição <i>per</i>	087
7.3.4 A preposição <i>verso</i>	089
7.3.5 A preposição <i>fra</i>	090
7.3.6 A locução prepositiva <i>davanti a</i>	091
7.3.7 A locução prepositiva <i>fino a</i>	091
8 METODOLOGIA	093
8. 1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	093
8. 2 ETAPAS METODOLÓGICAS	093
8.3 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	094
9 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES NA OBRA <i>CONFESSIONES</i> DE SANTO AGOSTINHO: OS CAMPOS SEMÂNTICOS DO AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO E DIREÇÃO NO LATIM, NO PORTUGUÊS E NO ITALIANO	098
9.1 O CAMPO SEMÂNTICO DO ‘AFASTAMENTO’	098
9.1.1 ‘Espaço: afastamento’	098
9.1.2 ‘Tempo: afastamento’	103
9.1.3 ‘Qualidade: afastamento’	105
9.2 O CAMPO SEMÂNTICO DA ‘LOCALIZAÇÃO’	108
9.2.1 ‘Espaço: localização’	109
9.2.2 ‘Tempo: localização’	109
9.2.3 ‘Qualidade: localização’	120
9.3 O CAMPO SEMÂNTICO DA ‘DIREÇÃO’	132
9.3.1 ‘Espaço: direção’	132
9.3.2 ‘Tempo: direção’	140
9.3.3 ‘Qualidade: direção’	146
10 ESTUDO DO <i>CORPUS</i>	161
10.1 O CAMPO SEMÂNTICO DO AFASTAMENTO	161
10.1.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico do AFASTAMENTO	165
10.2 O CAMPO SEMÂNTICO DA LOCALIZAÇÃO	167

10.2.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico da LOCALIZAÇÃO	177
10.3 O CAMPO SEMÂNTICO DA DIREÇÃO	179
10.3.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico da DIREÇÃO	192
11 A MUDANÇA DE PREPOSIÇÕES DO LATIM PARA O PORTUGUÊS E ITALIANO: EXPRESSÃO DOS CONCEITOS DE AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO E DIREÇÃO	196
11.1 CONCEITO DE AFASTAMENTO	196
11.2 CONCEITO DE LOCALIZAÇÃO	197
11.3 CONCEITO DE DIREÇÃO	198
12 CONCLUSÃO	200
13 REFERÊNCIAS	204
ANEXO	

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, um ponto comum entre as teorias lingüísticas é a afirmação de que todas as línguas possuem caso. Enquanto a língua latina, *verbi gratia*, expressa essa marcação através da morfologia, outras línguas marcam o caso através da sintaxe, incluindo-se nesse último grupo a língua portuguesa.

O caso sintático da língua portuguesa se realiza por meio da ordem, relativamente obrigatória, das palavras na sentença, assim como através do auxílio das preposições. Esses itens gramaticais já existiam no sistema latino, sendo, porém, pouco usados. Recorria-se ao emprego de preposições, quando se fazia necessário, a fim de tornar clara a comunicação. Com o passar do tempo, no latim tardio, em decorrência do sincretismo dos casos morfológicos, aumentou-se gradativamente o emprego desses itens de relação, passando, assim, a preposição a elemento marcador de caso no português.

Vale ressaltar que, primeiramente, as preposições latinas eram usadas em situações concretas, iniciando os adjuntos adverbiais. Pouco a pouco, são registrados empregos mais abstratos, como nos casos do complemento nominal e do objeto indireto.

Na língua portuguesa, houve um aumento no quadro das preposições e, além do surgimento de preposições simples, foram criadas locuções prepositivas para expressar alguns conceitos, cujas formas desapareceram nesse período.

Além da necessidade de um estudo para saber as formas de expressar os conceitos das preposições latinas que desapareceram, é importante averiguar, na língua portuguesa, o destino dessas formas, que direção tomaram, ou se desapareceram. É crucial observar que, algumas vezes, ocorreu também um enfraquecimento semântico de algumas preposições, levando-as a se tornarem afixos, deixando, desse modo, de ser morfemas livres para se tornarem morfemas presos, num processo de gramaticalização.

Através da observação do comportamento das preposições na língua latina do século IV, pode-se chegar ao estudo de processos de gramaticalização desses itens nas línguas portuguesa e italiana do século XX, em uma perspectiva funcionalista e pancrônica.

Procuraram-se, por meio do estudo de textos representativos da língua latina, de autores da Patrística, com destaque da obra *Confessiones* de Santo Agostinho, assim como

de suas traduções para o português (2004) e o italiano (2002) atuais, identificar semelhanças e diferenças do uso, da função e dos aspectos sintático-semânticos das preposições, em comparação com o emprego desses elementos em obras contemporâneas, assim como em obras do período clássico.

Apesar de, nesta pesquisa, pretender-se trabalhar com toda a obra *Confessiones*, devido à escassez do tempo, fez-se um recorte, sendo escolhidos o primeiro e o segundo livros da referida obra. Entretanto, essa atitude não afetou as conclusões do trabalho, uma vez que, neste recorte, encontra-se documentada uma quantidade significativa de ocorrências de preposições analisadas em seus vários aspectos.

Estabeleceram-se comparações, do ponto de vista semântico, observando a variabilidade na seleção entre essas preposições a partir do período tardio do latim.

Do conjunto dos usos dessas preposições, foram estudadas, especialmente, aquelas que marcam os adjuntos adverbiais.

Pretendeu-se analisar as preposições que expressam os conceitos de AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO e DIREÇÃO no latim, no português e no italiano.

Também foram analisados os processos de gramaticalização ocorridos a partir da língua latina, comparando ao que ocorre hodiernamente, no português e no italiano.

Para a execução deste trabalho, partiu-se das seguintes hipóteses: - as preposições passaram por mudanças semânticas nos diversos períodos da língua latina e continuam esse processo no português e no italiano; - no latim tardio, as locuções prepositivas eram constituídas, através de um processo de redobro de preposições, o que não era bem aceito pelos autores clássicos; - o desenvolvimento do emprego das preposições, no português e no italiano, decorreu do desaparecimento do uso dos casos morfológicos latinos e da marcação do caso sintático nas línguas românicas, o que poderia demonstrar não serem esses itens vazios de significado; - as novas relações que passaram a se configurar como sintáticas apresentariam diferenças no uso das preposições entre as línguas românicas, o que poderia levar à observação de ricos contrastes possivelmente ocorridos entre esses itens nos idiomas português e italiano; - as evidências da documentação em textos de autores da Patrística indicarão caminhos de formação dos processos de semanticização e de gramaticalização; - as diferenças observadas no emprego das preposições no português e no

italiano para expressar os conceitos de AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO e DIREÇÃO ilustrariam uma suposta variação semântica ocorrida a partir do processo de gramaticalização; - algumas preposições também foram usadas como prefixos a partir da baixa latinidade.

Justifica-se o tema escolhido, no âmbito da teoria da mudança lingüística, porque se insere em uma abordagem teórica moderna, o funcionalismo, contribuindo para os estudos da morfossintaxe da língua latina, da língua portuguesa e da língua italiana, além de estabelecer uma revisão dos conceitos gramaticais. Com vistas a dar continuidade a estudos do latim, nos *Diálogos de São Gregório*, pesquisa realizada por R. Poggio, são analisados os processos semânticos ocorridos com as preposições na obra *Confessiones* de Santo Agostinho.

Justifica-se também esta pesquisa pela contribuição aos estudos da lingüística histórica, no que concerne às preposições.

Justifica-se, ainda, este trabalho pela necessidade de oferecer aos profissionais das línguas latina, portuguesa e italiana uma contribuição para o estudo da mudança ocorrida com as preposições, partindo-se do pressuposto de que tais itens podem apresentar uma riqueza semântica diversificada, fator intrínseco ao papel que realizam como conectivos na sintaxe da língua portuguesa e da língua italiana.

Vale esclarecer que os exemplos da obra *Confessiones* de Santo Agostinho, apontados, estão indicados na ordem que se segue: número do Livro, número da página em que se encontram e linha em que se encontram.

Finalmente, convém acrescentar que o salto cronológico da análise de preposições do latim do século IV para o português e o italiano atuais também não afetou as conclusões desta pesquisa, uma vez que foram verificados os resultados das mudanças relativas às preposições, do latim para as duas línguas românicas citadas. Assim, para os propósitos deste estudo, conseguiu-se chegar às conclusões perseguidas.

Em uma oportunidade futura, pretende-se estudar os demais livros de tão apaixonante *obra*, assim como analisar as preposições encontradas em outras sincronias das línguas românicas abordadas.

2 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES POR ALGUNS GRAMÁTICOS

Com base na leitura e exame de gramáticas clássicas, assim como de manuais de Lingüística, depreende-se que não existe muita diferença entre os autores, com relação à análise dos itens gramaticais, a partir dos aspectos sintáticos e semânticos.

Para esses estudiosos, de um modo geral, as **preposições** são definidas como elementos que têm uma função relacional, isto é, ligar dois termos entre si: o primeiro termo, sendo o antecedente; e o segundo, o conseqüente ou subordinado. Limitam-se, assim, a explicar esses elementos, enfocando apenas o aspecto sintático. Essa abordagem é bastante vaga, haja vista que outras classes gramaticais, tais como substantivo, adjetivo e verbo, podem também estabelecer relações entre outros elementos textuais, não sendo, portanto, essa característica exclusiva das preposições.

Na opinião de J. Soares Barbosa (1966, p. 207), a preposição por si só não possui significação.

A título de exemplificação, N. Mendes de Almeida (1988, p. 337) assinala que a preposição não tem significação; já Rocha Lima (1958, p. 335) admite que há contextos em que a preposição tem significado e em outros, não.

Celso Cunha e L. F. Lindley Cintra (1985, p. 542) dão novo enfoque a essa linha de pensamento. Seguindo a idéia de B. Pottier (1962), ambos enfatizam que as preposições possuem significação.

Os autores citados anteriormente apresentam a divisão das preposições em português em dois grupos: essenciais e acidentais. As primeiras são assim chamadas para se distinguirem das preposições do segundo grupo provenientes de vocábulos que, perdendo aí seu valor e emprego primitivos, passam a funcionar como preposições.

Alguns gramáticos concentram seus estudos nas estruturas em que são empregadas as preposições, não se preocupando com o estudo semântico desses itens. É o que ocorre com E. Bechara, em 2002.

Dessa maneira, para a definição de preposições, os gramáticos se divergem, baseando-se em diversos critérios, que envolvem aspectos diferentes, como: elementos fônicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos.

Assim, destacam-se nas definições as seguintes afirmações:

- constituem classes de palavras;
- são partículas invariáveis;
- relacionam dois termos;
- funcionam como conectivo subordinativo;
- apresentam significação externa, ou não a possuem;
- possuem volume fônico reduzido;
- no contexto, apresentam uma rede de relações.

Vale acrescentar que, em um enfoque mais moderno, M. H. de Moura Neves (2002, p. 601-602) insere as preposições na categoria de “*palavras que pertencem à esfera semântica das relações e que na junção dos elementos do discurso num determinado ponto do texto indicam as porções que sucedem*”.

No caso das preposições, esses elementos podem ter seu estatuto determinado dentro de subestruturas da oração. A mesma autora faz uso de uma nova nomenclatura, passando a chamá-las de introdutoras de argumento, isto é, introduzem complementos e as acidentais passam a equivaler, então, às não introdutoras de argumentos.

Para Celso Cunha e L. F. Lindley Cintra (1985, p. 543), a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento. Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção.

Segundo os autores, as preposições indicadoras de modo que estabelecem relações de situação/noção estariam presentes em construções, como “*-Não podemos gastar dinheiro à toa*”. (O. Lins, *FP*, 157), “*A proposta foi recebida com reserva*”. (C. Drummond de Andrade, *CB*, 125), “*pareceu-lhe que toda a povoação estava em chamas*”. (Castro Soromenho, *TM*, 255), “*Volto-me por acaso*”. (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168), “*É próprio do gato sair sem pedir licença, voltar sem dar satisfações*”. (C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

À luz da teoria linguística moderna, sabe-se que todo signo possui um significante e um significado, como assinalou Saussure. Conseqüentemente, admite-se que todas as preposições possuem significação, umas sendo plenas e outras mais esvaziadas, em decorrência da maior freqüência de uso.

3 FUNCIONALISMO

Com o Círculo Lingüístico de Praga, inicia-se o funcionalismo, que caracteriza a preocupação com as relações entre línguas como um todo e as diversas modalidades de interação social e não tanto com as características internas às línguas. Essa corrente, centrada na semântica e na pragmática, recebeu, depois de 1970, adeptos em muitos países, incorporando-lhe novos interesses. Portanto, há temas muito discutidos e pesquisados no centro da investigação funcionalista, como a gramaticalização, ponto de partida para este trabalho.

Inicialmente, o estudo da teoria funcional era restrito ao campo da Fonologia. A partir dos anos 70 do século XX, as pesquisas funcionais mudam o seu foco para a análise dos campos da Sintaxe e da Semântica. Assim, há vários enfoques funcionalistas. Na Inglaterra, surge o Funcionalismo de M. A. K. Halliday; na Holanda, o Funcionalismo de C. S. Dik; nos Estados Unidos, destaca-se um grupo de estudiosos, como: P. Hopper, G. Sankoff, T. Givón, S. Thompson, entre outros. Assim, o Funcionalismo ganhou novos adeptos em diversos países.

Os termos **função** e **funcional** são empregados de maneira diferentes – função é empregada pelos seguidores dessa Escola no sentido de ‘tarefas’ desempenhadas pela linguagem ou seus componentes ou ‘propósito’; já funcional é empregado, às vezes, com o sentido muito vago.

Para Garvin (apud NEVES, 1996), a **função** pode representar as relações entre uma forma e outra (função interna); entre uma forma e seu significado (função semântica); ou ainda, entre o sistema de formas e seu contexto (função externa). O Funcionalismo não especifica as relações que serão seu objeto de estudo, porém privilegia a última função representativa da comunicação na situação social.

Convém ressaltar que o estudo do Funcionalismo é de vasto conteúdo e não se pretende deter a um específico, uma vez que há inúmeras abordagens dessa teoria. Muitos enfoques da teoria funcionalista estão ligados aos nomes de seus responsáveis.

Dessa maneira, os direcionamentos do Funcionalismo são diversificados. Segundo

R. Poggio (1999), há funcionalistas direcionados ao estudo de um modelo abstrato de uso da língua, outros direcionados à língua tal qual como essa se manifesta em seu uso efetivo, alguns procuram estudar a variação translingüística, enquanto outros buscam a causa da variação intralingüística.

O Funcionalismo elucida as transformações, a partir de interpretações funcionais, comunicativas e/ ou cognitivas, inserindo tendências naturais que refletem ângulos da construção cognitiva do homem e da interação social, ou seja, os arquétipos de discursos relativos às interações lingüísticas entre os participantes de uma facção. A essencialidade da dependência recíproca de sincronia/ diacronia na gramaticalização é verificada diante do levantamento da origem dos itens gramaticais, seus caminhos de modificações e da avaliação dos mesmos como um fato discursivo – pragmático. Portanto, deve-se estabelecer um estudo comparativo dos diversos estágios lingüísticos, enquadrando modelos, alvos de investigação, por meio dos dados históricos, e colocações teóricas provenientes das pesquisas sincrônicas. Vale destacar que a inserção de uma mudança na gramática resulta num processo de gramaticalização "perfeito".

O exame da competência comunicativa é a finalidade primordial da teoria funcional. Logo, esse elemento simboliza um fator comum nos estudos dos funcionalistas, não importando os enfoques atribuídos, como o estudo de um modelo abstrato do uso da língua, conforme o uso efetivo.

O lingüista deve ser guiado pela pertinência comunicativa, com a íntegra observância dos segmentos do enunciado, efetivando a distinção entre os monemas e fonemas (MARTINET, 1994 apud POGGIO, 2002, p. 13).

O Funcionalismo tornou-se um dos mais sérios “interlocutores” da gramática gerativa dominante, daí certos termos do gerativismo serem, inicialmente, abordados pelos funcionalistas (ILARI, 1996, p. 39).

Na visão de M.A.K. Halliday, uma teoria funcional parte da investigação de como a língua é usada (apud GIVÓN, 1995, p. 2).

Para A. Martinet (1994, p. 13), numa visão anterior, é preciso partir da observação da comunicação na língua em sua primeira fase falada.

Segundo Neves (1996, p. 12):

A gramática funcional considera a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar estas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Dessa maneira, a Gramática funcional tem como foco central o uso de expressões lingüísticas na interação verbal, considerando que a língua muda para satisfazer as necessidades humanas e organiza-se de um modo funcional.

A Gramática funcional concentra-se na comunicação dos falantes, seu ponto de partida são as significações das expressões lingüísticas e procura investigar como essas expressões se codificam gramaticalmente. As formas discursivas mais produtivas fazem-se através do processo de gramaticalização.

F. de Saussure é considerado como limite, quanto ao uso da língua. Ele observa a fase em que a língua foi entendida como expressão do pensamento, e a fase em que a língua foi entendida como comunicação. Sendo assim, F. de Saussure faz uma relação entre expressão e comunicação.

Desde a primeira Escola de Praga, a teoria da Gramática funcional preocupa-se com o uso das expressões lingüísticas em situação de comunicação, pois a expressão lingüística é considerada como intermediária com relação à interação do falante e à interpretação do destinatário.

Na Gramática funcional, há integração da Sintaxe e da Semântica, em uma teoria pragmática.

O estudo da Gramática funcional toma três direções, a saber:

- Interface sintaxe/ semântica
- Interface sintaxe/ texto
- Interface sintaxe/ conversação

Na interface sintaxe/ semântica, os funcionalistas vêm desenvolvendo suas pesquisas a respeito da estrutura informacional da sentença, sobre a teoria dos protótipos, a teoria localista, teoria composicional dos sentidos, a referenciação, dêixis, foricidade, assim como a respeito das conjunções.

Quanto à interface sintaxe/ texto, os funcionalistas têm focalizado seus estudos nos seguintes tópicos: unidade discursiva, hierarquia tópica, planos do texto (definitude,

indefinitude, fundo e figura), descontinuidade do texto, conectividade textual etc.

Outros ainda centram suas pesquisas na interface sintaxe/ conversação e, voltados para a análise da conversação, procuram estudar a unidade de construção de turnos, as construções e os tipos de sentenças conversacionalmente motivadas.

Preferiu-se centrar esta pesquisa na **interface sintaxe/ semântica**, em especial, na mudança lingüística, mais especificamente, no estudo da gramaticalização.

Os funcionalistas, ao trabalharem com o estudo da gramaticalização, adotam também os princípios da teoria localista e da teoria dos protótipos abordadas sucintamente a seguir.

A **Teoria Localista**, desenvolvida desde a Escola de Praga, retomada a partir do fim da década de 60 pelos funcionalistas (Hjelmslev, 1935; Lyons, 1967, 1975, 1977; Anderson, 1971, 1973; Pottier, 1974) e atualmente pelos cognitivistas (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1990; Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991; Svorou, 1993, Langacker, 1999), postula que as expressões mais abstratas derivam das menos abstratas e que as expressões espaciais são mais básicas do que as temporais. Uma vez que o sentido espacial é menos abstrato, o temporal advém do anterior, irradiando, a seguir, para sentidos cada vez mais abstratos.

O localismo se baseia na relação homem e espaço, ou seja, o espaço que o homem ocupa no mundo. O ser humano é o elemento mais relevante do centro dêitico, isto é, a intersecção de três dimensões que representam o QUEM, o ONDE e o QUANDO de um evento lingüístico. O homem, em suas interações diárias, localiza-se no espaço e no tempo. O AQUI e o AGORA são fundamentais para o entendimento do conhecimento do mundo, pois o homem é situado (AQUI) e datado (AGORA), ou seja, a pessoa está em determinado lugar em determinado tempo. Dessa forma, AQUI e AGORA são expressões dêiticas que se fundamentam primariamente na pessoa que fala, como pessoa do discurso, no seu corpo humano, que pode ainda ser subdividido em sua parte interna (dentro) e sua parte externa (fora): em geral, cada entidade (ser humano, coisas, animais) pode ser vista como tendo regiões internas ou externas. AQUI significa dizer, como falante, 'perto de mim', então, é uma localização relativa, imprecisa e com baixo grau de especificidade, porque não se sabe a localização exata do falante. O grau de explicitação para localizar algo vai depender da intenção do falante, da situação do ouvinte, do contexto comunicativo, além do tipo de interações lingüísticas que ele mantém. Em suma, depende da necessidade de localizar a

entidade. A codificação lingüística de relações espaciais não deve ser extensa, pois é preciso fazer economia para evitar as redundâncias.

Segundo G. Lakoff e M. Johnson (1980, p. 14), as oposições polares que remetem a espaço são naturalmente físicas, podendo variar de acordo com as diversas culturas. A estrutura dos conceitos espaciais emerge da experiência espacial constante do homem, da sua interação com o ambiente físico. Assim, *aqui/ lá, em cima/ embaixo, por dentro/ de fora, frente/ costas* são expressões básicas, o que significa dizer que as outras entidades são localizadas a partir delas. Vários conceitos metafóricos podem surgir baseados nessa experiência. Correlações sistemáticas com a nossa experiência fazem com que um conceito seja parcialmente estruturado por uma metáfora, podendo ser estendido por determinados meios. Conforme esses autores, experiências básicas referentes aos domínios espacial, social e emocional são conceptualizadas de forma diferente.

Assim, o tempo é conceptualizado em termos de espaço. A metáfora TEMPO É ESPAÇO, proposta por G. Lakoff e M. Johnson (1980), fundamenta o uso de expressões espaciais com sentido temporal. W. Meyer-Lübke (apud LAKOFF; JOHNSON, 1980) afirma que apesar de as expressões espaciais serem mais básicas e as de tempo figuradas com estreita ligação com as de espaço, as relações de tempo são muito mais simples e menos variadas que as de lugar. Distingue-se a indicação de tempo absoluto da indicação relativa, devendo-se considerar no primeiro caso o momento e a duração, enquanto que no segundo, a distinção é entre o que precede e o que segue, e se assinala que não há outra categoria possível. No caso da expressão da simultaneidade, que estaria incluída na relação de tempo relativo, as línguas românicas não possuem um meio especial para expressar essa nuance de sentido, recorrendo à construção que marca a duração.

S. Svorou (1993, p. 238), em sua pesquisa baseada nessa teoria, observa que as línguas se assemelham no modo como codificam relações espaciais e a motivação para as semelhanças encontra-se na forma com que os seres humanos experimentam o mundo, o que depende da sua configuração física e do seu aparato neuro-fisiológico, assim como das culturas em que eles estão inseridos.

Essa autora (1993, p. 3) ressalta que, atualmente, as teorias da linguagem e do significado são contrárias à visão objetivista da teoria semântica, já que antes o fator humano não era levado em consideração. O que ocorre com os novos estudos é que o ser

humano é posto como o início e o principal elemento, pois é dele que as demais noções irão surgir. Assim, o *locus* das situações juntamente com os participantes e suas características, e o tempo em que essas situações ocorrem vão constituir as três dimensões, que serão necessárias para a descrição dos episódios. O ser humano, no ato conceptual de localizar um objeto, utiliza outros objetos, que estão na proximidade ou vizinhança do primeiro, de um modo relativístico, sendo essa localização detectável em um nível psico-fisiológico e descrita em um nível lingüístico. E mesmo quando não há assimetria aparente entre a entidade a ser localizada e a entidade referente, o que será levado em consideração é a localização de um observador.

L. Talmy (1983 apud SVOROU, 1993, p. 9), com a finalidade de descrever a relação assimétrica entre entidades em uma situação espacial, criou termos como “figura” (o objeto a ser localizado) e “fundo” (a referência do objeto). Alguns lingüistas também sugerem outros termos: “locans” e “locatum”, “trajector” e “landmark”, “relans” e “relatum” etc. Os termos “trajector” (TR) e “landmark” (LM) citados acima foram sugeridos por R. Langacker, em 1986, e adotados por S. Svorou, em 1993, significando, respectivamente, ‘a entidade a ser localizada’ e ‘a entidade relacionada com a localização do trajector’, isto é, ‘o ponto de referência’.

Outra noção que é considerada fundamental nesse estudo é a de região, uma vez que incorpora o conhecimento do caráter físico e funcional de entidades, determinando a descrição lingüística das relações espaciais. Essa noção é motivada pelo uso lingüístico. Dessa forma, alguns *containers* de forma côncava (ex.: caixa, taça, cesta etc.) têm uma região interior, enquanto que outras entidades, tais como quadros, árvores, montanhas e também pessoas, têm região exterior, pois seu “espaço de uso” é externo e em torno delas. Ainda existem entidades que não apresentam regiões (ex.: campos, continentes e países), pois elas próprias são regiões.

Quanto aos limites físicos dessas entidades, são considerados aqueles que procedem a uma interação típica com pessoas, porque essas entidades contêm as pessoas e suas interações normais. Assim, cidades, lagos, edifícios, salas etc. podem ser estabelecidas como sendo regiões, tendo regiões exteriores ou tendo região interior e funcionando como *containers*, tudo isso devido às suas características físicas e fundamentais.

A noção de região está intimamente ligada à noção de *reference frame* (RF), que é fundamental em muitas teorias de relações espaciais com vistas às relações projetadas. Há dois tipos de RF: *inherent RF* e *deitic RF*, distinguidos pela maioria das teorias de acordo com C. Tanz (1980 apud SVOROU, 1993, p. 21). A RF inerente é construída com referência aos valores inerentes das sub-regiões do LM (ex.: é fácil identificar em uma máquina de escrever a sua frente e as suas costas, sem relacioná-las com sua situação), enquanto que uma RF dêitica é construída ignorando qualquer valor de sub-região que existe do LM, porém dando ênfase aos valores situacionalmente determinados no contexto (ex.: em relação a uma árvore, a sua frente será o lado que está diante do observador e as costas será o lado que não está diante dele).

Segundo S. Svorou (1993, p. 31), as formas gramaticais da língua que expressam primariamente relações espaciais são consideradas *spatial grams*. Em 1986, J. Bybee (apud SVOROU, 1993, p. 216) usou o termo *gram* pela primeira vez, referindo-se a morfemas gramaticais de línguas. Sua forma abreviada reflete iconicamente o tamanho fonológico pequeno desses morfemas, além de representar que são elementos que passaram por uma evolução de unidades maiores. Assim, as línguas podem usar um número pequeno desses elementos e por não ser um grupo em que novos membros cada vez mais surgem da derivação de outros elementos, então se torna uma classe fechada, sendo elementos gramaticais em um maior ou menor grau. Esses elementos (aposições, afixos, flexões de casos e também advérbios espaciais) que se caracterizam pelo seu “conteúdo relacional” formam uma parte da gramática das línguas naturais.

As abordagens contrárias à visão objetivista do significado de *grams* espaciais demonstraram a polissemia de tais formas, mostrando a estrutura na relação entre sentidos, motivada por mecanismos gerais cognitivos e crenças culturais, além do esquema de imagens do protótipo (núcleo-periferia) para descrever os casos de polissemia.

Essa linguista (1993, p. 33) ainda enfatiza que a relação do domínio semântico de espaço para tempo, causalidade, posse é uma questão que ela vai considerar em sua pesquisa.

Outros linguistas cognitivistas também admitem que o espaço é a fonte dos conceitos temporais. B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 48) situam o espaço em um *continuum* que pode ser assim descrito:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

Esses linguistas (1991, p. 115-116) afirmam que alguns domínios que servem para desenvolver conceitos gramaticais são apresentados em termos das categorias acima mencionadas. Objetos, atividades ou localizações expressam entidades mais abstratas ou servem para estruturar textos. Dentre elas, o ESPAÇO é uma categoria que desempenha um papel como fonte de gramaticalização.

Alguns autores, especialmente os localistas, admitem que os conceitos temporais provêm apenas do ESPAÇO. Porém, é questionável que a categoria gramatical de TEMPO tenha apenas essa única fonte. Verbos modais, por exemplo, que não envolvem ESPAÇO, servem de fonte para marcadores de futuro, comprovando assim que a possibilidade a não é imprescindível e a gramaticalização, nesse caso, teria de ser explicada em termos da possibilidade b ou c.

R. Poggio (1999; 2002) aplica essa teoria às preposições. Ela afirma que é bem adequado o uso de termos espaciais, como as preposições, para expressarem o tempo, uma vez que esse é, metaforicamente, conceitualizado em termos de espaço. Há uma tendência a conceptualizar o menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado e os conceitos básicos da experiência espacial não são metafóricos.

B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 188) sugerem, como uma explicação provável para o fato de as formas espaciais serem consideradas como fontes primárias para as funções de caso, o seguinte: uma das funções de marcador de caso é estruturar textos no nível da sentença, então a estratégia mais evidente para esse procedimento é tratar os textos como um espaço unidimensional e, por conseguinte, conceptualizar as relações de caso em termos de relações espaciais.

As preposições, consideradas como elementos gramaticais, são usadas para expressar não só relações espaciais e temporais, mas outras relações não-espaciais.

No que diz respeito à **Teoria dos Protótipos**, segundo J. Taylor (1992, p. 38), a investigação dos protótipos decorre de uma abordagem proposta, inicialmente, pela teoria de Ludwig Wittgenstein, expressa na sua obra *Philosophical Investigations*, que é contrária à Teoria de Categorização Aristotélica Clássica. Essa teoria dominou, durante a maior parte do século XX, a Filosofia, a Psicologia e a Linguística, inclusive a chamada linguística autônoma, que é o Estruturalismo e o Gerativismo. De acordo com a teoria aristotélica,

todas as coisas são caracterizadas pela essência, isto é, tudo que é imanente e que define a sua individualidade, ou pelos acidentes, que não são necessários e por isso se tornam irrelevantes para a determinação de uma entidade. O modelo clássico de categorização estabelece que uma entidade pertence ou não a uma categoria, de acordo com o preenchimento de certas condições necessárias e suficientes. Necessárias, uma vez que esses traços não podem ser destruídos, pois são imprescindíveis para a definição do todo da categoria. Se um deles não existir em uma entidade, essa entidade não poderá ser considerada como membro da categoria. Suficientes, no sentido de que qualquer entidade que possua os traços definitórios passa a ser *ipso facto* membro da categoria. Dessa forma, os traços são binários, obedecendo à Lei da Contradição, que estabelece que uma coisa não pode possuir e ao mesmo tempo não possuir um mesmo traço, e a Lei do “Meio-Excluído”, que estabelece que uma coisa deve possuir um traço ou não o possuir (ele pode ter apenas um dos traços e o traço tem que estar presente ou ausente). Devido a tudo isso, decorre que as categorias teriam limites claros, não havendo casos ambíguos, pois um elemento pertenceria ou não a uma categoria.

Em relação ao trabalho de L. Wittgenstein (apud TAYLOR, 1992), trata-se do estudo da forma pela qual se pode definir a palavra **jogo**. Percebe-se que os vários membros dessa categoria não compartilham todos os atributos, assim como alguns membros não possuem praticamente nada em comum. Dessa forma, ele define os jogos como *semelhanças de família*, pois os membros de uma família apresentam características comuns, tais como, cor dos olhos, traços faciais, temperamentos, tipo de cabelo etc.

Em 1953, L. Wittgenstein também observa que não há limites fixos para a categoria de jogos, já que novos membros podem ser introduzidos em grande escala. Um exemplo desses novos membros são os *video games* surgidos nos anos 70 do século XX.

Já no que se refere à proposta atual, a categoria não é estruturada em termos de traços bem delimitados, mas antes por uma rede de similaridades, cujos limites são tênues. As entidades são caracterizadas a partir de seus atributos. Não há uma linha que mostre claramente a divisão entre membros [+ prototípicos] e [- prototípicos]. Os membros [+ prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto os membros [- prototípicos] compartilham menos atributos, sendo, por isso, marginais. De acordo com J.

Taylor, na Teoria dos Protótipos, o que existe são atributos associados tipicamente à determinada categoria.

Também, conforme os estudos de T. Givón (1986, p. 77-102), o centro de uma categoria é mais sólido, em oposição à margem, que é mais flexível. Dessa forma, estruturas [+ prototípicas] seriam o centro da categoria, pois representam estruturas mais cristalizadas, que são cognitivamente e linguisticamente mais salientes. Já as [- prototípicas] estão à margem da categoria e, devido à sua flexibilidade, não há como descrevê-las completamente, pois um novo membro pode, a qualquer momento, ser incluído.

Experiências feitas por lingüistas, como William Labov, psicólogos, Eleanor Rosch e antropólogos, Willett Kempton, realizadas desde a década de 70 do século XX, demonstraram que, para cada categoria, existem alguns membros mais centrais, considerados como prototípicos. Quando se solicita um exemplo de “pássaro”, verifica-se que as pessoas respondem, preferencialmente, “pardal” em lugar de “pingüim”, uma vez que esse último seria um exemplo mais periférico dessa categoria, por não se tratar de um pássaro por excelência. Isso cria um problema à abordagem da Teoria Clássica, que não explicaria tal questão.

J. Taylor (1992, p. 52) ressalta o resultado da pesquisa de E. Rosch, em 1973, segundo a qual as categorias como certas formas geométricas (círculo, quadrado e triângulo) e orientações espaciais (vertical e horizontal), além das cores focais, são mais salientes do que os desvios dessas formas e adquirem caráter prototípico. Para as demais categorias “artificiais” (porque são produtos decorrentes de nosso contexto cultural), como explicar que algumas delas adquiram um caráter prototípico? Alguns autores acreditam que a causa de tal caráter seria a frequência de uso. Na verdade, porém, ela deveria ser considerada mais como um *sintoma* do que uma causa para a prototipicidade desses membros.

Parece que a representação mental de um protótipo constitui-se apenas de um componente do conhecimento que uma pessoa possui de uma categoria (TAYLOR, 1992, p. 63).

G. Kleiber (apud POGGIO HEINE, 2006), analisando amplamente a Teoria dos Protótipos, em 1990, considera duas versões: a versão padrão e a versão ampliada, ressaltando que não há uma continuidade entre elas, e sim, uma ruptura. Ele afirma que a

denominação **versão ampliada** ou **versão polissêmica da teoria do protótipo** não aparece na literatura, pois a oposição entre essas duas versões não é reconhecida sob essa forma pelos adeptos da semântica do protótipo “revista”.

Essa ruptura pode ser demonstrada, pois, na versão ampliada, a noção de protótipo (ou de efeito prototípico) não corresponde à definição inicial do protótipo como melhor exemplo da categoria e a concepção categorial é diferente, pois a unidade lexical é que vai constituir o indicador de uma categoria, ressaltando que uma mesma palavra pode reagrupar vários sentidos diferentes.

Assim, na teoria da *semelhança de família* não existe uma figura central prototípica, mas um conjunto de referentes, tais como A, B, C, D, E, que estão unidos por relações de tipo associativo: AB, BC, CD, DE, estando a categorização justificada por laços de associação entre os diferentes exemplos e não por uma relação entre todos esses diferentes exemplos e um mesmo protótipo. Então, para que haja *semelhança de família* basta que cada membro da categoria divida pelo menos uma propriedade com um outro membro da categoria (GIVÓN apud KLEIBER, 1990, p. 159-160). Isso vai diferir da *semelhança de família* da versão padrão, na qual havia uma necessidade de ter ao menos um traço em comum com o protótipo.

Desse modo, a versão ampliada é também conhecida como versão polissêmica do protótipo, enquanto que a versão padrão é a versão monossêmica.

Na versão ampliada, o protótipo está relacionado à noção de sentido primeiro ou emprego primeiro do qual derivam os outros, ou seja, nas duas versões, o protótipo aparece como a entidade central da categoria.

Na versão padrão, verifica-se uma extensão categorial dos exemplos prototípicos aos exemplos marginais, enquanto na versão ampliada, a extensão categorial ocorre do sentido básico para os sentidos derivados, sendo reguladas as extensões em ambas versões através de um processo metonímico.

A versão ampliada se torna a teoria da organização semântica dos lexemas polissêmicos, mostrando como um mesmo termo pode remeter a diferentes categorias, sem que seja necessário postular uma categoria comum que lembre essas diferentes categorias. A versão ampliada, quanto aos vocábulos polissêmicos, não é considerada uma teoria da

categorização, portanto uma teoria semântica lexical que descreva as relações entre as diferentes acepções, ou seja, entre as diferentes categorias de uma mesma palavra.

O modelo revisto reconhece um sentido básico, do qual derivam os outros e adianta explicações sobre os laços entre os diferentes sentidos relacionados.

Neste trabalho, leva-se em conta a versão padrão da Teoria dos Protótipos, procurando-se verificar, nos elementos gramaticais estudados, o sentido prototípico que se mantém através dos séculos.

Finalmente, convém ressaltar que a pesquisa sobre a mudança lingüística precisa assumir um caráter transdisciplinar, pois individualmente não se pode desenvolver uma argumentação competente sobre os subsistemas do Léxico, da Semântica, do Discurso e da Gramática. Particularmente, com respeito à gramaticalização, será conveniente negar a centralidade desse processo, incluindo nas pesquisas considerações sobre a lexicalização, a semanticização e a discursivização.

4 GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização tem sido um dos temas mais discutidos nos últimos tempos e o estudo da mudança lingüística, aprofundado, à medida que atinge a gramática.

Os estudiosos (funcionalistas) estão cada vez mais empenhados em pesquisar as mudanças lingüísticas tanto no exterior, como: (HOPPER; HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER; TRAUGOTT, LEHMANN, entre outros), quanto no Brasil (CASTILHO, BRAGA, VOTRE e outros).

O primeiro a empregar o termo **gramaticalização** foi Antoine Meillet (1912), que, dando continuidade à tradição indoeuropeísta, considera a gramaticalização como um dos dois principais processos de mudança gramatical.

Inicialmente, A. Meillet ([1915], 1948, p. 31) propôs a existência de três classes de palavras, as palavras principais, as acessórias e as gramaticais, indicando que entre elas há uma transição que ocorre gradativamente. Esse processo ele o chamou de **gramaticalização**, entendida como a *le passage d'un mot autonome au role d'élément grammatical*¹.

Essa transição diz respeito ao esvaziamento tanto do sentido quanto da forma de uma palavra gramatical, podendo juntar-se a uma palavra principal para atribuir a essa um papel gramatical que não dispunha previamente. Com base nesses princípios, observa-se que se entende por gramaticalização não apenas um processo diacrônico, isto é, a derivação de usos acessórios e gramaticais de um uso principal, mas também um processo sincrônico, ou seja, a derivação de usos assim constituídos num mesmo recorte de tempo.

Segundo A. Meillet (1948), o emprego freqüente de um signo lingüístico conduz a um desgaste progressivo e, conseqüentemente, a uma redução do seu valor expressivo. Assim, cada vez que um elemento é empregado, seu valor expressivo diminui e a repetição torna-o desgastado. Em decorrência da necessidade de se falar com maior força expressiva, criam-se novas formas gramaticais, devido ao desgaste progressivo das formas.

¹ 'atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo'

Para A. Meillet (1948), a mudança gramatical refere-se também à ordem das palavras na sentença. A passagem da ordem livre do latim para a ordem mais fixa no português causou a mudança do valor da ordem enfática para o valor gramatical nas línguas românicas.

No que se refere à gramaticalização e à lexicalização, Meillet (1948) assinala que ambos são sinônimos de etimologia.

Segundo A. de Castilho (1997), a gramaticalização refere-se ao processo de criação e alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), à criação e alterações que afetam a estrutura da palavra, seu radical e seus afixos (morfologização) e à criação e alterações que afetam a estrutura da sentença, sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização).

A Gramática é o subsistema resultante do processo de gramaticalização, sendo constituído pelas estruturas em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: a Fonologia, estudo das estruturas fônicas, a Morfologia, estudo da estrutura da palavra, e a Sintaxe, estudo das estruturas sintagmática e funcional da sentença.

Assim como ocorre com o termo *funcionalismo* em Linguística, o termo *gramaticalização* possui definições diferentes para os diversos estudiosos. Mas vale destacar que Traugott e Heine (1991, v. I), após realizarem vários estudos sobre o tema, chegaram à conclusão de que esse termo se refere “à parte da linguagem que tem por objeto a interdependência entre *langue* e *parole*” e acrescentam que esse processo pode ser descrito alternativamente como um fenômeno diacrônico ou sincrônico.

Segundo R. Poggio (2002), a gramaticalização recebe várias denominações, a depender do autor e, atualmente, pode ser encarada como um processo pancrônico, que apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, porque implica variação, podendo ser descrita como um processo sem referência ao tempo.

Assim, na história dos estudos sobre gramaticalização, destacam-se vários grupos de pesquisadores:

- (i) aqueles que trabalham com tipologia lingüística, como Heine, Claudi e Hünemeyer, que, desde 1991, estudam as línguas africanas; J. Bybee, Perkins e Pagliuca, que, a partir de 1994, pesquisam mais de 66 línguas de diferentes famílias;

T. Givón (1995), que busca aproximar a análise funcionalista da tipologia translingüística, tanto no plano sincrônico, como no plano diacrônico.

(ii) aqueles que estudam a sintaxe conversacional, afirmando que grande parte da organização da gramática provém da fala, isto é, do uso da língua. Entre esses estudiosos, citam-se: Hodge (1970); Givón, que, em 1971, acrescentou o módulo do discurso nos estudos da gramaticalização; C. Lehmann (1982); Heine e Reh (1984); S. Thompson e P. J. Hopper que, a partir de 1991, defendem a existência de uma gramática emergente; e E. Sweetser, que, a partir de 1990, fez um estudo das conjunções empregadas em situações de comunicação.

(iii) aqueles que focalizam a mudança linguística, como Meillet, Émile Benveniste, Kurylowicz, I. Roberts, A. de Castilho, entre outros.

(iv) aqueles que estudam a semântica cognitiva, como Lakoff e Johnson (1980), E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993) e outros.

No que diz respeito às alterações semânticas, que acompanham o processo de gramaticalização, Willet (1988) aponta três hipóteses: 1) a hipótese da extensão metafórica (o significado mais concreto de uma expressão se aplica a um contexto mais abstrato); 2) da inclusão (os significados gramaticais são parte da estrutura semântica interna presente na origem lexical); e 3) a hipótese da implicatura (o mecanismo predominante para criar significados secundários, que gradualmente passam a significados primários, é a convencionalização de implicaturas).

Assim, os estudos da mudança linguística têm sido, recentemente, revigorados pelos estudos da **gramaticalização**, sendo essa considerada como um aspecto das mudanças que afetam a gramática. E visto como um processo de criação da gramática, através da necessidade discursiva, não apenas como reanálise do material léxico para o material gramatical, mas também como reanálise dos moldes gramaticais e de função do nível do discurso para funções semânticas no nível da sentença.

Uma característica geral da gramaticalização reconhecida pelos lingüistas é ser um processo evolutivo unidirecional. Entretanto, atualmente, há autores que discordam desse princípio.

O reconhecimento dos princípios que regem a gramaticalização tem sido alvo de estudo também de diversos autores, como Hopper, Lehmann, Haiman, entre outros.

Há ainda outras abordagens que servem de parâmetros para o estudo da gramaticalização, como a proposta para a mudança semântica de Willet (apud HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991), a Teoria da gramática emergente de Hopper (1991), o estudo das implicaturas, da metáfora e da metonímia, apontadas por Traugott e König (apud HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991).

Serão apresentados a seguir, alguns tópicos referentes à gramaticalização: conceito, processos e princípios.

4.1 CONCEITOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Há uma diversidade de perspectivas sobre a gramaticalização, nos diferentes períodos dos estudos sobre esse processo:

1º grupo: (até 1970)

Nesse grupo, a gramaticalização é vista como um processo através do qual a unidade léxica assume função gramatical.

Assim, o primeiro grupo opera com o léxico e a gramática e defende a idéia de que um item lexical passa de uma classe aberta para uma fechada, perdendo também substância semântica. Fazem parte desse grupo: J. Kurylowicz, G. Sankoff, J. Bybee, entre outros.

Conforme Kurylowicz (1965 apud POGGIO, 2002, p. 65), verifica-se, na gramaticalização, uma ampliação dos limites de um morfema com a passagem do item do léxico para a gramática, isto é, de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical. No momento em que o item lexical se gramaticaliza, ele sofre alterações, podendo perder substância semântica e fonológica.

Heine *et al.* (*op. cit.*, p. 3; 148) trazem a definição clássica de gramaticalização dada por Kurylowicz ([1965] 1975, p. 52): “Gramaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e. g. from a derivative formant to a inflectional one.”²

Hopper e Traugott (1993, p. xv) concordam, já que definem a gramaticalização como “um processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Segundo R. Poggio (2002), a gramaticalização refere-se à amplitude de limites de um morfema, ao avançar do léxico para a gramática ou de formante derivativo para formante flexional.

Na opinião de Borba (2003, p. 49), a gramaticalização consiste em:

[...] perda gradual da substância semântica lexical substituída por substância semântica gramatical, ou então, passagem de um item léxico de um sistema aberto para um sistema fechado, seja na qualidade de forma livre, seja na qualidade de forma presa (desinências, por exemplo).

Entretanto, esse autor acrescenta que não há perda ou substituição, mas passagem gradual, pois a transição se dá num *continuum* e no decorrer do tempo.

Acrescenta, ainda, que a motivação para a gramaticalização é proveniente tanto das necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas, ou as que existem são insuficientes.

2º grupo: (a partir de 1970)

Nessa óptica, o estudo da gramaticalização considera não somente a reanálise do material léxico para o gramatical, mas acrescenta a reanálise dos itens do discurso para os moldes gramaticais.

Na década de 70, o enfoque dado à gramaticalização pelos lingüistas surge como uma forma de mostrar a evolução de uma língua e seu processo histórico, promovendo não apenas um *continuum* entre os padrões anteriores de uso lingüístico e as formas lingüísticas atuais, como também uma reanálise dos moldes do discurso para os moldes gramaticais.

² “Gramaticalização consiste na ampliação dos limites de um morfema do léxico para a gramática, ou do menos gramatical para o mais gramatical, isto é, de um formante derivativo para um flexional”

Nessa época, há a inserção do discurso pragmático como fator primordial para a compreensão da estrutura lingüística. As análises sintáticas funcionais têm como ponto de origem a semântica e o discurso. Vale ressaltar que a gramaticalização ocorre através da cristalização das formas discursivas mais evidenciadas no uso lingüístico.

T. Givón (1979, p. 208-209) vê o processo de gramaticalização como uma reanálise do material lexical em material gramatical e dos padrões discursivos em padrões gramaticais.

Assim, esse segundo grupo opera com o discurso e a gramática. A partir do meado de 70, o discurso pragmático foi considerado como um parâmetro maior para o desenvolvimento da Lingüística. Esses lingüistas vêem também a gramaticalização como reanálise de moldes do discurso e teorias gramaticais.

T. Givón (1975), ao desenvolver as idéias de G. Sankoff, arrumou-as em forma de ciclo, representando o fluxo diacrônico dos mecanismos lingüísticos:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero.

Esse autor assinala, ainda, que a gramaticalização é motivada pelo discurso e a evolução de estruturas sintáticas e morfológicas decorre de estratégias discursivas.

3º grupo: cognivistas (1980)

A linha cognivista é a mais recente linha de pesquisa e é principalmente desenvolvida por E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993), entre outros. Para esses lingüistas, a gramaticalização é um fenômeno externo à estrutura da língua, pertencendo ao domínio cognitivo.

Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), o processo de gramaticalização pode exprimir uma idéia em lugar de outra, sendo representado da seguinte forma:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

S. Svorou (1993) observa que é necessário investigar a história das formas gramaticais, não por questões lingüísticas, mas porque ela reflete aspectos profundos da interação social, e aspectos da construção cognitiva dos seres humanos.

Segundo P. J. Hopper (1996, p. 232), os dois pólos dos estudos de gramaticalização, o “léxico/ etimológico” e o “discurso/ texto”, mesmo sendo competitivos, se complementam e, embora pareça mais rica a direção “discurso/ texto”, a história da palavra poderá indicar como resolver importantes problemas.

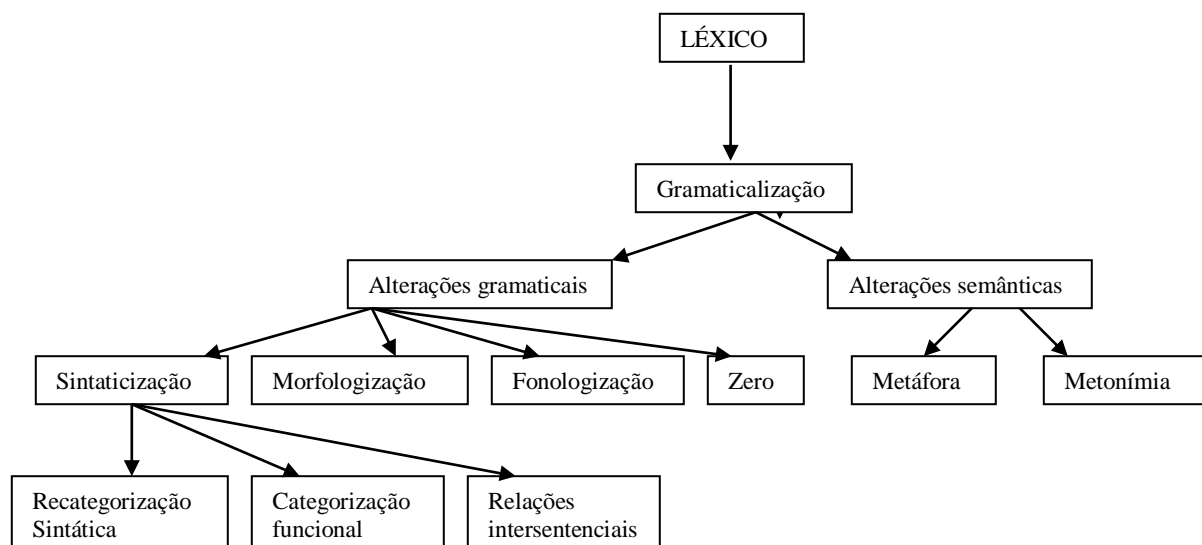
No que tange ao processo de gramaticalização das preposições, foi-se generalizando o uso daquelas já existentes no sistema para marcar o caso, porém esse desenvolvimento do emprego das preposições não foi suficiente, pois elas já possuíam diversos usos. Logo, tornou-se necessário o emprego de outros meios.

Uma observação importante é que o desenvolvimento do uso das preposições teve início em relações concretas (adjuntos adverbiais), sendo elas usadas bem mais tarde nas relações abstratas (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

4.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Os processos de gramaticalização ocorrem gradativamente e através deles uma forma ou função se transforma em outra, ou encontra-se em variação livre.

Segundo A. de Castilho (1997), o processo de gramaticalização constitui-se em estágios. Nesse processo, ao mesmo tempo em que ocorrem as alterações gramaticais, os itens lexicais sofrem alterações semânticas. Os estágios do processo de gramaticalização podem ser assim resumidos:



Quadro 01 - Estágios do processo de gramaticalização (CASTILHO, 1997, p. 32)

Para A. de Castilho (1997, p. 32), a Sintaticização e a Recategorização são consideradas como alterações gramaticais.

“A sintaticização de um item lexical é a sua recategorização funcional e relações intersentenciais”.

A recategorização sintática ocorre quando há mudança de um item lexical de uma classe para outra.

Continuum proposto para a recategorização:

Categoria maior [Nome, Verbo] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção, Pronome, Verbo auxiliar] (HOPPER, TRAUGOTT, 1993).

A recategorização, por fugir aos processos denominados pela gramática tradicional de composição e derivação, é também chamada derivação imprópria (POGGIO, 2002, p. 69).

A ordem em que pode ocorrer a gramaticalização de uma categoria em preposição é a seguinte:

N relacional > Preposição secundária > Preposição primária > Clítico > Afixo.

N > Preposição

V > Preposição

Adv. > Preposição

Num. Ord. > Preposição

A categorização funcional refere-se à atribuição de propriedades funcionais a determinado item.

Como relações intersentenciais, no português, tem-se o exemplo de relações entre coordenadas explicativas e as subordinadas causais.

Já o processo de morfologização aborda a perda de função e produtividade de morfemas. Refere-se a afixos flexionais ou derivacionais. Castilho (1997, p. 46) cita como exemplo a formação do futuro nas línguas românicas, ocorrendo a redução da forma trissilábica *habeo* para *hei*.

S. Svorou (1993) assinala que as características morfossintáticas dos morfemas

lingüísticos espaciais variam ao longo de um *continuum*. Ao estudar a gramaticalização de algumas preposições, observa-se que, muitas vezes, esses itens percorrem os estágios apontados pela autora. Assim, para as preposições que se gramaticalizaram através do processo de morfologização, isto é, a junção de elementos de várias classes ou de uma mesma classe gramatical, observam-se os três estágios apontados por Svorou, como indicados a seguir:

BAIXA FUSÃO		ALTA FUSÃO
<i>embraced</i>	<i>agglutinated</i>	<i>fused</i>
(‘enlaçado’)	(‘aglutinado’)	(‘fundido’)
<i>de ex</i>	<i>desde</i>	<i>des</i>

Quadro 02: *Continuum* de fusão das unidades lingüísticas espaciais (SVOROU, 1993)

No primeiro estágio, *embraced*, o morfema lingüístico e o seu complemento constituem unidades fonológicas independentes, embora componham uma unidade maior (as locuções, em geral), figurando em formas estereotipadas com tendência à cristalização; no segundo estágio, *agglutinated*, os morfemas acham-se afixados, embora sejam identificáveis em contextos fonológicos; e, finalmente, no terceiro estágio, *fused*, os morfemas afixados estão sujeitos à alteração fonológica ligada à raiz, podendo apresentar alomorfa condicionada por categorias morfológicas (gênero, número etc.).

No processo de fonologização, dá-se a fusão de formas livres com outras e a sua mudança para formas presas.

É no estágio zero que finaliza a gramaticalização de um morfema.

As alterações sofridas em composições textuais, tanto em sua base como na alteração de sentidos, são chamadas dessemanticização, *bleaching*, *fading*. Não é aconselhado o uso desses termos, uma vez que, no tocante às alterações semânticas, os itens perdem determinados sentidos, mas adquirem novos.

Segundo A. de Castilho (1997, p. 47), não se sabe o momento exato em que ocorrem as mudanças sintáticas e semânticas, ficando a seguinte questão: a mudança sintática causa a mudança semântica, ou a semântica é uma fase de sintática?

Para R. Poggio (2002, p. 71), no processo de gramaticalização, os itens são

polissêmicos, mostrando várias acepções que se interrelacionam. No *continuum* indicado para os estágios de gramaticalização, há pontos centrais, não discretos e, entre esses, destacam-se as relações de metáfora e de metonímia.

A alteração que ocorre por influências sintáticas é denominada metonímia.

A construção de conjunções sustenta-se em alterações metonímicas, como por exemplo: o advérbio de inclusão *magis* > conjunção adversativa *mas*, em contextos negativos (CASTILHO, 1997, p. 49).

4.3 PRINCÍPIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

No que diz respeito aos princípios de gramaticalização, isto é, às propriedades inerentes à gramaticalização, observou-se que os autores não são concordes, no que se refere ao estabelecimento dos mesmos. Por esse motivo, são apresentados a seguir os princípios indicados por C. Lehmann, P. J. Hopper e A. de Castilho.

C. Lehmann (1982) aponta cinco princípios de gramaticalização:

Paradigmatização: interação de construções sintáticas como formas periféricas.

Obrigatoriedade: a escolha entre os membros do paradigma submete-se a regras gramaticais.

Condensação: durante o processo de gramaticalização dos signos, os constituintes que se podem combinar tornam-se menos complexos.

Coalescência: união de partes; vai da justaposição para a alternância simbólica.

Fixação: na gramaticalização dos elementos, esses posicionam-se primeiro na sintaxe e depois na morfologia, como preenchedores de espaços gramaticais.

P. J. Hopper (1991, p. 24) considera a proposta de C. Lehmann como a gramaticalização apenas em início de seus estágios e aponta cinco princípios de gramaticalização:

- Estratificação: novas camadas emergem num domínio funcional amplo; há convivência entre a base e a consequência da variação lingüística; quando uma forma se gramaticaliza passa a coexistir com outras formas similares. Assim, há formas diferentes para codificar o mesmo significado.
- Divergência: relaciona-se à bifurcação de um item; quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a original continua autônoma, sofrendo mudanças como as demais formas.
- Especificação: ocorrendo a gramaticalização, dá-se o estreitamento da variedade de escolhas formais com nuances semânticas diferentes, havendo, dessa forma, um número menor com formas semânticas gerais, o que possibilita assim que um item se torne obrigatório.
- Persistência: no processo de gramaticalização de um item, ele mantém traços de significado lexical na palavra nova; conservando, assim, vestígios do significado original.
- Descategorização: as formas podem sofrer alterações ou até mesmo neutralizar as marcas morfológicas e propriedades sintáticas das categorias plenas N e V e assumir características das categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc.). Há dois tipos de perda, uma de marcadores opcionais e outra da autonomia discursiva, isto é, diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados.

Segundo Poggio (2002), A. de Castilho designa quatro princípios que podem dar conta dos processos e dos estágios de gramaticalização, seguindo a seguinte ordem:

- Paradigmatização e analogia: ambos operam no eixo paradigmático.

Além de ser aplicada à mudança fonética, há suposições de que também pode afetar o sistema gramatical.

- Sintagmatização e reanálise: entende-se a reanálise como mudança de percepção na formação da língua, no eixo sintagmático. A reanálise pode vir a sofrer consequências futuras em decorrência do surgimento de uma nova categoria gramatical. Como exemplo desse processo, A. de Castilho (1997) cita a formação do futuro romance e o surgimento do pretérito perfeito românico.

- Continuidade e gradualismo: segundo Poggio (2002), J. Kurylowicz assinala que a gramaticalização tende à inovação da estrutura das línguas.

E. Sapir, em 1921, e W. Labov, em 1995 (apud CASTILHO, 1997), afirmam que a variação é o primeiro passo para a mudança sintática. Outros lingüistas invertem essa ordem, como por exemplo, F. Lichtenberk. Devido ao caráter cíclico da gramaticalização, afirma-se que a variação é ponto de partida e de chegada da mudança lingüística.

- Unidirecionalidade: A. de Castilho (1997) afirma que a gramaticalização é unidirecional, desenvolvendo-se apenas da esquerda para a direita. Também B. Heine, U. Claudi, F. Hünemeyer e outros reconhecem o princípio de unidirecionalidade, mantendo seu ponto de vista de que as estruturas menos gramaticais podem tornar-se mais gramaticais, mas não o contrário, uma vez que a desgramaticalização e a regramaticalização acontecem em número insignificante.

5 AS PREPOSIÇÕES LATINAS

5.1 AS PREPOSIÇÕES *EX*, *AB* E *DE* NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO

Para a expressão do conceito de AFASTAMENTO, esta pesquisa está centrada nas preposições **ex**, **ab** e **de** que deram origem aos prefixos **ex-**, **ab-** e **de-**.

5.1.1 A preposição *ex*

Segundo W. Lindsay (1937, p. 146), a preposição **ex** provém do indo-europeu **eks**, constituída de **ek** mais a partícula **se**.

De acordo com L. Rubio (1983, p. 177-178), embora as preposições **de**, **ex** e **ab** expressassem o ‘afastamento’, **ex** e **ab** acrescentam um traço peculiar a essa noção: **ex** denota ‘afastamento a partir do interior’ e **ab**, ‘a partir do exterior’ do objeto. Cícero, em seu discurso *Pro Caecina*, joga com as diferenças que opõem essas preposições entre si:

Si qui meam familiam de meo fundo deiecerit, ex eo me loco deiecerit; si qui mihi praesto fuerit cum armatis hominibus extra meum fundum et me introire prohibuerit, non ex eo, sed ab eo loco me deiecerit...

(‘Se alguém expulsasse minha família **de** minha terra, me expulsaria a mim mesmo **dela**; se alguém se apresentasse diante de mim com homens armados, fora de minha terra e me proibisse de entrar (nela), não me expulsaria **do interior**, mas **das proximidades** desse lugar...’).

Observa-se que Cícero inicia seu discurso com o termo mais geral **de** (*de meo fundo*) e estabelece a oposição **ex/ab** em termos precisos e opostos ao impreciso **de**.

Segundo M. Said Ali (1964, p. 204), **de** é a preposição latina empregada com mais freqüência e para diversos fins. Inicialmente, **de** exprimia ‘afastamento de cima para

baixo’, diferente de **ab** que significava ‘afastamento no sentido horizontal’. **De** começou a confundir-se com **ab** e essa última desapareceu. Para expressar o ‘movimento de dentro para fora’, o latim usava a preposição **ex**. **De** tornou-se equivalente a **ex**, e essa veio a desaparecer. Portanto, **de** passou a exprimir o sentido de ‘afastamento’ e de ‘procedência’.

J. P. Machado (1977, s.v. **de**) assinala que a preposição **de** é mais plena e tem a vantagem sobre **ab** e **ex**, devido ao fato de iniciar-se por consoante. Desse modo, **de** acabou por eliminar as duas outras preposições que com ela competiam, como se pode notar nas concorrências entre **ab**, **ex** e **de**, documentadas em textos do latim tardio.

Em resumo, a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições **ab**, **ex** e **de** e mais a idéia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro.

Na versão latina dos *Diálogos de São Gregório*, há variação no uso das preposições **ab**, **ex** e **de**, não se percebendo aquela rigidez no emprego de cada uma delas, conforme foi apontado por L. Rubio (1983). Isso evidencia o início da mudança, quando as formas coexistem, havendo interferência entre seus campos semânticos.

No exemplo abaixo dos *Diálogos de São Gregório*, a preposição **ex** foi empregada, na sua acepção original de ‘afastamento do interior de’:

[...] *pro iniuria quam ingresserat recedere eum velle ex
monasterio putabat* (1, 24, 9-11)

(‘[...] cuidou-se ca se queria ir **do** mosteiro polo torto que lhi avia
feito (1, 5, 9).

Entretanto, muitas vezes, na referida obra, empregou-se a preposição latina **de**, para expressar o ‘afastamento do interior de’ (em lugar de **ex**), conforme se pode observar no exemplo abaixo:

[...] *antiquum hostem de obsessio homine protinus expulit* (2, 104, 3)

(‘[...] e logo o enmiigo saiu **do** seu corpo (2, 16, 4)’)

Em latim clássico, a forma **ex** está registrada como prefixo em inúmeras vocábulos, como: *exeo*, *exarmo*, *exaltare*, *excurrere*, *exhaurire*, *explodere*, *exquisitus*, *ex-abruptus*, *ex-officio* etc. Na passagem para o português, deu-se o desaparecimento da preposição **ex** e sua manutenção como prefixo, como nos exemplos: **exaltar**, **exaurir**, **explodir** e outros.

No latim tardio, acentuou-se o uso de *ex* para a formação de compostos, como *ex-consul*. O português seguiu o modelo latino *ex* mais substantivo e/ou adjetivo para indicar ‘estado’, ‘profissão’, ‘emprego’, como nos exemplos: *ex-tuberculoso*, *ex-catedrático*, *ex-presidente* etc.

5.1.2 A preposição *ab*

A preposição **ab**, à semelhança da preposição grega ‘*απο*’, teve os seguintes empregos:

1º) para denotar o ‘ponto de partida’, ‘afastamento de um lugar’, com idéia de movimento, donde equivale em vernáculo a **de**, **do lado de**, **desde**. Cediços são os exemplos encontrados nos autores do latim clássico, como Júlio César e Cícero (apud FARIA, 1958):

A signo Vortumni in Circum Maximum venire. (Cíc., *Verr.*, 1, 154)

(‘Vir da estátua de Vertumno ao Circo Máximo’);

Ab oppido castra movere. (Cés., *B. Civ.*, 3, 80, 7)

(‘Partindo da cidade levantar acampamento’);

(...) *a decumana porta* (Cés., *B. G.*, 6, 37, 1)

(‘(...) do lado da porta decumana’)

2º) no sentido temporal, ‘desde’, ‘logo depois’:

(...) *a parvulis* (Cés., *B.G.*, 6, 21, 3)

(‘desde pequeninos’)

(...) *ab decimae legionis cohortatione profectus* (Cés., *B.G.*, 2, 25, 1)

(‘(...) tendo partido logo depois de ter arengado a décima legião’).

3º) Desses sentidos concretos, passou a outros figurados: indicando a origem, procedência ou descendência etc.: ‘por’, ‘quanto a’, ‘em favor de’ etc.:

(...) *ab reodocere* (Cic., *Clu.*, 93)

(‘(...) falar em favor do réu’)

(...) *a materno genere* (Cic., *Sul.*, 25)

(‘(...) do lado materno’)

(...) *a pecúnia* (Cic., *At.*, 7, 15, 3)

(‘(...) quanto ao dinheiro’)

5.1.3 A preposição *de*

Segundo E. Faria (1958, p. 264), a preposição latina **de** é uma antiga forma causal fossilizada como advérbio, com a característica de servir ao mesmo tempo como preposição e como preverbo.

A preposição latina **de** é construída com ablativo, e, como **ab** e **ex**, marca a origem; em **de**, essa origem é desenvolvida com idéia acessória de ‘movimento do alto para baixo’, nuance que se conserva em certos compostos, como: **deorsum**, **deicere**, **descendere** (FARIA, 1958, p.264). Ex:

Lucretius et de muro se deiecerunt (CÉS., *B. CIU*, 1, 18, 3).
(‘Lucrécio e Átio lançaram-se do alto do muro’);

[...] *a caelo ad terram, de terra ad sidera mundi* (LUCR., 1, 788).
(‘[...] do céu para a terra, da terra para as estrelas de todo mundo’).

Segundo J. P. Machado (1977, s.v. **de**), **de** era a preposição latina de mais vitalidade, tanto na significação de base, como nas acepções metafóricas. Já no latim, **de** era empregada para unir dois substantivos, uso que correspondia antes ao genitivo.

Em resumo, a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições **ab**, **ex** e **de** e mais a idéia de posse encontrada no seu sentido de base, que exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro. Assim, algumas acepções, conservadas da sua origem latina, estão presentes nos *Diálogos de São Gregório*:

- indicando ‘espaço’: ‘origem do movimento de cima para baixo’:

e saindo-se da casa, caeu huu seixo do teto da casa e deu-lhi na cabeça (1,18, 13).

(exeadem domo percepisset [...] sed saxun ingens súbito **de** tecto cecidit eique in verticem venit (1, 54, 1-3)).

- denotando ‘tempo afastamento’, que equivale ao emprego de **ex**, em latim:

*E **daquele** dia em diante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso* (1, 6, 9).

(ataque **ex** illo die etiam cum voluero, de Deo tacere non possum (1,32, 8-9)).

De natureza multivariada, a preposição latina **de** tem emprego freqüente entre os maiores autores clássicos, conforme se depreende das informações contidas no *Dicionário Latino-portuguez* de Quicherat (apud SARAIVA, 1924):

1º) De cima de, da parte superior de;

V.g.: ***De** summis arcibus* (Ov.) (‘do alto da cidadela’)

*Tactus **de** coelo* (Cat.). (‘tocado do céu’, isto é, ‘fulminado’)

***De** tecto decidere.* (‘Cair do telhado’)

2º) Procedente de, vindo de;

V.g.: ***De** vita decedere.* (Cíc.) (‘Sair da vida’, isto é, ‘morrer’)

***De** scripto dicere.* (Cíc.) (‘Ler um discurso’)

***De** digito annulum detrahere.* (Ter.) (‘Tirar o anel do dedo’).

3º) Descendente de, saído de;

V.g.: *Homo **de** schola eruditus.* (Cíc.) (‘Um homem instruído na escola’)

*Priami **de** gente.* (Virg.) (‘Da família de Príamo’)

*Lybica **de** rupe leones.* (Ov.) (‘Leões dos rochedos da África’).

4º) Em, sobre, no alto de, debaixo de;

V.g.: *Clamare **de** via.* (Ter.) (‘Gritar da rua’)

*Pandere **de** collo alicujus.* (Ov.) (‘Estou pendurado ao pescoço de alguém’)

*Citari **de** tribunali.* (Cíc.) (‘Ser chamado a um tribunal’).

5°) Depois de, em seguida a:

V.g.: *Somnus de prandio.* (Plauto) ('Cochilo após a refeição')

Priami de sanguine. (Virg.) ('Depois da morte de Príamo')

Proferre diem de die. (T. Lív.) ('Diferir de dia para dia')

6°) No momento de, durante.

V.g.: *De nocte.* (Ter.) ('Durante a noite')

De mense decembri. (Cíc.) ('No mês de dezembro')

De principio.

7°) Dentre, no meio de;

V.g.: *Unus de illis.* (Cíc.) ('Um dentre eles')tundit.

Poeta de populo. (Cíc.) ('Poeta do povo')

Pars de nostris bonis. (Ter.) ('Parcela dos meus bens')

8°) A custa de, com.

V.g.: *De publico.* (T. Lív.) ('À custa do tesouro')

De meo. (Ter.) ('À minha custa')

De te largitor. (Ter.) ('Sê liberal à tua custa')

9°) De, feito de, composto de;

V.g.: *Signum de marmore.* (Ov.) ('Estátua de mármore')

Aetas de ferro. (Ov.) ('Idade de ferro')

De flore corona. (Tib.) ('Coroa de flores')

10°) Por causa de, por amor de, por;

V.g.: *De nihilo irasci.* (Plaut.) ('Zangar-se por nada')

Fundere sanguinem de rege. (Curt.) ('Morrer pelo rei')

De labore pectus. (Plaut.) ('Bate no peito de dor')

11º) A respeito de, acerca de, quanto a;

V.g.: *De me autem.* (Cíc.) ('Pelo que me diz respeito')

De natura rerum (Luc.) ('Acerca da natureza das coisas')

Legati de pace. (Cíc.) ('Enviados para tratarem da paz')

12º) Segundo, conforme, de acordo com;

V.g.: *De more.* (Virg.) ('Segundo o uso')

De consilii sententia. (Cíc.) ('Conforme o parecer do conselho')

De mea voluntate. (Cíc.) ('Segundo minha virtude')

5.2 AS PREPOSIÇÕES *IN*, *INTRA* E *INTUS* NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO

5.2.1 A preposição *in*

Etimologicamente, a preposição latina *in* possuía uma forma mais antiga *en*, que corresponde ao indo-europeu **en*, sem a indicação da classe a que pertencia. Em latim e em outras línguas, *en* possui a acepção de 'em' e de 'dentro de'. Conforme W. Lindsay (1937), no latim arcaico, a preposição *endo*, *indu* (< indo-europeu **endo*), quando reduzida por síncope a *ind-*, passou a ser confundida com *in*, deixando de ser usada.

De acordo com A. Ernout e A. Meillet (1939, s.v. **in**), a forma *in* é generalizada, significando 'em', 'sobre', no sentido de 'espaço' e do 'tempo', quando se referiam às coisas em movimento para um fim, passando daí a tomar outras acepções. F. Blatt (1952, p. 226), A. Ernout e A. Meillet (1939, s.v. **in**) e outros autores assinalam que a preposição *in* pode ser construída com mais de um caso. Quando usada em acepções diferentes, *in* é acompanhada de ablativo, se designar, conforme a função locativa do ablativo, 'o domínio

local' e 'temporal', no interior do qual a ação se desenvolve; ou ela pode ser usada com acusativo, se designar, conforme a função do caso acusativo, o 'fim', a 'direção' para a qual uma ação tem lugar.

IN: Preposição com ablativo

1º) 'Em'

2º) 'Sob', 'debaixo de'

3º) 'Entre', 'no meio de'

4º) 'A respeito de', 'para com'

Exemplos:

'Espaço: localização'

In Graecia habitare.

('Residir na Grécia')

'Espaço: situação intermediária'

Benedicta tu in mulieribus.

('Bendita és tu entre as mulheres')

'Espaço: situação inferior'

Ambulare in sole.

('Passear ao sol')

'Qualidade: lugar abstrato (SOB)'

Esse in Romanorum ditione.

('Estar sob o domínio dos romanos')

'Qualidade: relação'

Talis fuit in Priamo.

(‘Tal foi para com Príamo’)

‘Qualidade: relação (a respeito de)’

Pietas in parentibus (Cic.)

(‘Piedade para com os pais’)

‘Qualidade: relação’

In amicis fideles (Sal.)

(‘Fiéis aos amigos’)

IN: Preposição com acusativo

1º A – ‘para’, ‘a’.

B – ‘perto de’; ‘diante de’; ‘perante’

2º ‘Para com’; ‘a respeito de’

3º Para o lado de’; ‘em direção a’.

‘Espaço: direção’

In Romam mittere.

(‘Enviar a Roma’)

‘Espaço: diante de’

In populum perducere.

(‘Levar perante o povo’)

‘Espaço: direção’

Longus in occasum. (Virg.)

(‘Que se estende para o poente’)

‘Espaço: direção’

Sursum in coelum conspicere. (Plaut.)

(‘Olhar para o céu’)

‘Qualidade: direção’

In ius rapere.(Hor.)

(‘Levar a juízo’ ou ‘perante o juízo’)

‘Qualidade: direção’

Mihi in mentem venit ... (Virg.)

(‘Veio-me ao espírito’)

‘Qualidade: direção (relação)’

Negligens in amicos. (Cic.)

(‘Negligente para com os amigos’)

5.2.2 A preposição *intra*

Como assinala W. Lindsay (1937, p. 151), **intra** é proveniente do ablativo singular feminino, tendo a mesma formação que **inter**.

M. Bassols de Climent (1956, p. 245) observa que **intra** é empregada com verbos de repouso (‘no interior de’, ‘dentro’) e, com menos freqüência, no período pós-clássico, com verbos de movimento. **Intra** pode referir-se ao tempo ‘no intervalo de’, ‘durante’. Em sentido figurado, usa-se, a partir da época clássica, para indicar conformidade ‘dentro’, ‘segundo’, ‘conforme’. No período pós-clássico, **intra** expressa, às vezes, a inferioridade ‘um pouco menos’, ‘debaixo de’ e inclusive a carência ‘sem’ ou a exceção ‘exceto’.

Nos *Diálogos de São Gregório*, a preposição latina **intra** é sempre empregada na acepção espacial de ‘no interior de’, correspondendo à preposição **en**, como nos exemplos a seguir:

[...] *quae statim ad viri Dei verbum ita omnes egressae sunt ut ne una quidem intra spatium horti remanerit* (1, 56, 16-18)

E todos aqueles beschos que na horta andavan [...] partiron-se do horto e nunca ende hi huu ficou [...] (1, 21, 6).

A forma **intra** também está documentada como prefixo.

Conforme assinala A. G. da Cunha (1991, s.v. **intra**), o prefixo **intra-** não está documentado como elemento de composição no latim clássico, mas no latim tardio e, modernamente, é de grande emprego na formação de compostos, particularmente, no campo da Biologia (**intramedular**, **intramuscular**, **intravenoso**), onde é naturalmente usado em oposição a **extra**.

No que concerne à gramaticalização, pode-se dizer que **intra**, ao deixar de ser usada como preposição em português, chegou ao estágio zero, sendo, entretanto, empregada como prefixo, tanto no latim tardio como no português.

Quanto à significação, o prefixo **intra** conserva o sentido de base da preposição latina **intra** ‘no interior de’, ‘dentro’, ‘durante’, ‘segundo’.

5.2.3 A preposição *intus*

Intus é uma preposição arcaica, trata-se de uma forma arcaica de **incus**, sendo empregada no sentido de ‘a’, ‘para’, ‘em’, ‘dentro de’. A forma latina **intus** funciona ora como advérbio, ora como preposição.

O binômio **intus** – **foris** é um dos esquemas mais expressivos de toda a antropologia e ontologia de Agostinho:

*Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi! Et ecce **intus** eras et ego **foris** et ibi te quarebam et in ista formosa, quae fecisti, deformis inruebam. (Conf., X, XXVII, 38)*

(‘Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem’).

A forma **intus** apresenta as seguintes funções:

I) Como **advérbio**:

‘por dentro’, ‘interiormente’

1º *Intus tendere.*

(‘Penetrar no interior’)

Ab intus.

(‘Do interior’)

I) Como **preposição**:

Preposição que rege acusativo ou genitivo:

Acusativo:

Intus domum.

(‘Dentro de casa’)

Genitivo:

Intus aedium.

(‘Dentro dos palácios’)

5.3 AS PREPOSIÇÕES *AD*, *APUD*, *PRO* E *ULTRA* E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA *USQUE AD* NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO

5.3.1 A preposição *ad*

W. Lindsay (1937, p. 147) observa que a preposição latina **ad** é proveniente do indo-europeu ***ad**, sem indicar a que classe pertencia.

Inicialmente, usava-se **ad**, em latim, para expressar o conceito de ‘direção’ ou ‘movimento para algum ponto’, de ‘aproximação’ e final ‘junção de uma coisa a outra’ (SAID ALI, 1964, p. 201).

No latim do século VI, registra-se o emprego da preposição **ad** para indicar o ‘modo’, como se pode ver a seguir nos exemplos dos *Dialogi de São Gregório*:

[...] **ad** cuius vocem protinus Longobardos inmindos spiritus invasit (1, 38, 17-18).
(‘E **ao** braado do monge que esto disse logo o espirtu maaou entrou nos lombardos’ (1, 9, 11)).

[...] **ad** cuius nimirum voces advenit episcopus (1, 55, 2-3).
(‘E **aos** braados veo bispo’ (1, 19, 8)).

M. Said Ali (1964, p. 211) afirma que a preposição **ad** foi empregada no latim vulgar com o sentido de ‘lugar onde’, para denotar ‘o ponto de chegada do movimento’. Segundo o autor, são encontrados exemplos em Varrão e Tito.

Esse uso da preposição **ad** para indicar a ‘permanência’, como era corrente com a preposição **in**, também está documentado nos *Diálogos de São Gregório*, nos originais latinos, correspondendo na tradução portuguesa à preposição **a**, como nos exemplos que se seguem:

Corpus eius ad ianuam monasterii iacet (2, 124, 22-23).
(Seu corpo jaz **aa** porta do mosteiro (2, 32, 20))

[...] **ad** fenestram stans et omnipotentem Dominum depreceans (2, 129, 3-4).
([...] e, estando **a** hua feestra rogando Nosso Senhor (2, 35, 5)).

Pode-se afirmar que, já no próprio latim, a preposição **ad** passou por alguns processos de gramaticalização, como se pode observar:

- sintaticização: há o emprego de **ad** mais acusativo, no ambiente em que, normalmente, se esperava o caso morfológico dativo, como no exemplo dos *Diálogos de São Gregório*:

[...] *acce ad fratres vado, potionem eis dare*” (2, 121, 1-2)
(‘Vou dar de beber aos frades’ (2, 30, 6)).

- semanticização: no período clássico, observa-se que, sendo ela, inicialmente, empregada para responder à questão *quo* (‘para onde’), foi, também, posteriormente usada como resposta à questão *ubi* (‘onde’). Deu-se, assim, uma ampliação do seu sentido, estendendo-se do uso espacial da indicação do ‘alvo a atingir’ à aceção de ‘alvo atingido’ (‘próximo e perante’), seguindo pela indicação temporal e sentidos figurados, até assumir, finalmente, o papel de operador de tópico.

- semanticização: aceções espaciais de ‘percurso’ (traduzido por **por/ polo**), ‘espaço: localização’ (por **en**), ‘limite final’ (por **ata**) e ‘situação superior’ (por **sobre**), como também nos sentidos figurados de ‘lugar abstrato’ (port. **en**) e ‘causa’ (port. **per/ pelo**).

5.3.2 A preposição *apud*

A forma latina **apud** (latim arcaico **aput**), observa W. Lindsay (1937, p. 148), parece ser a preposição indo-européia **apo**, acrescida da partícula **d (e)** ou **t (i)**, devendo ter sido originariamente **apod** ou **apot**.

Conforme assinalam A. Ernout e F. Thomas (1953), emprega-se **apud** sobretudo com verbos de estado, referindo-se a pessoas. Exemplo:

(1) *Apud populum loqui*.
(‘Falar **diante do** povo’).

M. Barros de Climent (1956, p. 242) observa que **apud** é usada com acusativo e, geralmente, com verbos de repouso para indicar a proximidade de pessoas e com menos

freqüência de lugares. Em geral, essa preposição é mais usada na fala coloquial do que na prosa literária.

Nos *Gregorii Magni Dialogi Libri IV*, a preposição **apud** é empregada na sua forma arcaica **aput** e, na versão portuguesa do século XIV, ela é traduzida pela preposição **ante**, como se observa no exemplo abaixo:

(2) [...] *quod hi qui apud Dominum magni sunt meriti obtinere aliquando possunt ea etiam quae non sunt praedestinata?* (1, 48, 21 – 23).

(‘[...] aqueles que son de grande merecimento **ante** Nosso Senhor podem gaanhar [...] aquelas cousas que non foran ordinhas nem sabidas de Nosso Senhor?’ (1, 16, 19)).

No português atual, essa forma, além de corresponder à preposição **ante**, pode ser traduzida por locuções prepositivas, como: **perto de, junto de, diante de** etc.

A preposição **apud** é também empregada em referências bibliográficas no português atual como latinismo, quando se quer citar um autor consultado através de outro autor.

5.3.3 A preposição *pro*

Segundo W. Lindsay (1937, p. 152), a preposição latina **pro** é proveniente do indo-europeu ***pro**. Essa preposição **pro** rege ablativo.

Conforme observam Ernout e Meillet (1951, s.v. **pro**), o ablativo que acompanha **pro** ‘diante de’ é verdadeiramente um ablativo e não o caso morfológico locativo.

Exemplos:

1º ‘Em frente a’; ‘em presença de’; ‘adiante de’; ‘diante de’

‘Espaço: direção’ (diante de)

Pro pedibus tuis abjicere. (Apulius)

(‘Lançar a (em direção a) teus pés’)

‘Espaço: em volta de’

Pro concione stant milites. (Tac.)

(‘Os soldados rodeiam a assembléia’)

‘Espaço: diante de’

Pro concione. (Sal.)

(‘Perante uma assembléia’)

Como se observa acima, essa preposição significa ‘diante de’, com a idéia acessória de alguma coisa que se tenha atrás de si. A partir dessa idéia, observa-se que em **pro** está implícita a noção de ‘defesa’, ‘proteção’, daí os sentidos de ‘para’, ‘no interesse de’, ‘por causa de’, como se vê no exemplo abaixo:

[...] *concastigabo pro commerita noxia.* (Pl., *Tri.*, 26)

(‘[...] reprenderei severamente pelos [por causa de] acontecimentos prejudiciais’)

Depois, surge a idéia de substituição ‘no lugar de’, como no exemplo:

Pro consule (‘em lugar do consul’).

De acordo com Ernout e Meillet (1939, s. v. **pro**), **pro** significa também ‘uma proporção’, ‘segundo’, ‘proporcionalmente a’. Por exemplo:

Pro dignitate laudare aliquem. (Cic.)

(‘Louvar alguém segundo o seu merecimento’)

Pro também é empregada na acepção de ‘a preço de’, ‘pelo preço de’, como no seguinte exemplo:

Mihi unus est pro centum militus. (Cic.)

(‘Só ele vale para mim por cem mil’)

Pro no sentido temporal ‘durante’, ‘em’, ‘por’, ‘dentro de’:

Suas simultates pro magistratu exercere. (Lívio)

(‘Satisfazer os seus ressentimentos no exercício da magistratura’)

A esses sentidos, Gaffiot (1934, s.v. **pro**) acrescenta ‘por’, ‘como’ [identidade]:

[...] *aliquid pro certo ponere.* (Cés., *G.*, 7, 5, 6)

(‘[...] ter alguma coisa como certa’)

M. B. de Climent (1956, p. 258) assinala que todas essas acepções estão presentes no latim clássico, generalizando-se, porém, na época pós-clássica. Esse autor indica os seguintes passos na ampliação dos sentidos de **pro**: da idéia de ‘substituição’ deriva a de ‘proporção’ e, dessa última, a de ‘causa’, que adquire, às vezes, matizes de ‘finalidade’ e ‘instrumento’, no latim da decadência. No latim tardio, **pro** também se constrói com acusativo.

5.3.4 A preposição *ultra*

A preposição latina **ultra** ‘do outro lado’, segundo W. Lindsay (1937, p. 151), é derivada de **uls**, da raiz pronominal indo-européia *ol-*, do pronome *ille* ‘aquele’, latim arcaico **olle**, com o acréscimo do sufixo **-tero**.

Conforme salienta M. Bassols de Climent (1956, p. 251), usa-se **ultra** com verbos de movimento para indicar uma linha divisória ou fronteira que se traspassa (‘do outro lado’, ‘mais além’) ou com verbo de repouso para assinalar o que se sucede atrás da referida linha. Autores pouco clássicos empregam-na, às vezes, em lugar de *trans*. Apenas no período pós-clássico, essa preposição é empregada com sentido temporal.

Nos *Diálogos de São Gregório*, a preposição latina **ultra** corresponde à locução prepositiva portuguesa *fora de*, como se vê no exemplo seguinte:

[...] *susceptum corpus eius terratenit, nec **ultra** proiecit* (2, 116, 23-24)

[...] *a terra recebeu o corpo do morto e reteve-o em si e non-no deitou **fora de** si* (2, 24, 9).

Em português, **ultra** é elemento composicional do latim **ultra** ‘para além de’, ‘em excesso’ que se documenta em alguns derivados e compostos introduzidos, como observa A. G. Cunha (1991, s.v. **ultra**), sobretudo, a partir do século XIX, na linguagem erudita, como: **ultrajante** (XIX), **ultrajar** (XVII), **ultraje** (XIX), **ultramar** (XVII), **ultrapassado**

(XIX), **ultrapassagem** (XX), **ultrapassar** (XIX), **ultra-romântico** (XX), **ultra-sensível** (XX), **ultra-som** (XX), **ultravioleta** (XIX) etc.

5.3.5 A locução prepositiva *usque ad*

Usque é uma forma , provavelmente, derivada de ***quosque** ou ***quusque**. Trata-se de uma preposição usada com acusativo e com ablativo, com a significação de ‘até’, ‘a’, ‘desde’.

Usque é a preposição que caracteriza o complemento de lugar ‘até onde’:

1 Sentido espacial: **usque** traz no acusativo, sem outra preposição, nomes de cidades e *domus* aos quais pode anteceder ou pospor.

Ire usque Romam ou *Ire Romam usque*. (‘Ir até Roma’)

2 Sentido temporal:

Usque tempora Alexandri.

(‘Até a época de Alexandre’)

3 É empregada com **AD** ou com **IN** antes de nomes comuns ou de regiões:

Ire usque ad urbem

(‘Ir até a cidade’)

Ire usque ad Aegyptum ou *Ire ad Aegyptum usque*.

(‘Ir até o Egito’)

Ire usque in Italiam ou *Ire in Italiam usque*.

(‘Ir até a Itália’)

A locução prepositiva **usque ad** (‘até’, ‘a’, ‘para’) – rege acusativo

Usque ad castra hostium. (Nep.)

(‘Até o acampamento dos inimigos’)

Usque também é empregada com advérbios, como em: *usque adeo* ('de tal maneira'), *usque adhuc* ('até aqui'), *usque donec*, *usque dum* ('até que'), *usque extra* ('até fora'), *usquequo* ou *usque quo* ('até que').

6 AS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS

6.1 A PREPOSIÇÃO *DE* E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA *LONGE DE* NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO

6.1.1 A preposição *de*

A preposição portuguesa **de** provém da preposição latina **de**, portanto, essa forma se manteve na passagem para o português, ocorrendo, entretanto, mudanças semânticas.

Na língua portuguesa, a preposição **de**, além de substituir o ablativo, substituiu também o genitivo, como se pode observar nos exemplos abaixo (SAID ALI, 2001, p. 155):

- a) genitivo subjetivo: *amor matris* > *amor de mãe*;
- b) genitivo objetivo: *amor patriae* > *amor da pátria*;
- c) genitivo possessivo: *domus Regis* > *casa do rei*;
- d) genitivo especificativo: *virtus abstinentiae* > *virtude da abstinência*;
- e) genitivo de qualidade: *homo magni ingenii* > *homem de grande talento*;
- f) genitivo partitivo: *multas casas*;
- g) genitivo de quantidade, peso, medida e grandeza: *multidão de homens*, *libra de carne*, *fossa quindecim pedum* > *vala de quinze pés*;
- h) genitivo de idade: *puer decem annorum* > *menino de dez anos*. Esse genitivo também ocorre no *corpus* em apreço, como nos exemplos seguintes:

[...] e em ydade **de** trinta e sete annos tinha ja na barba e na cabeça muytas cãas [...] (GR, p. 137, l. 14);

E sendo o principe **de** ydade **de** quinze annos ho casou com a senhora Dona Lianor d'Alemcrasto, [...] (GR, p. 152, l. 102; 103);

[...] ganhou muyto grande louvor sendo em hidade de dezesseis annos. (GR, p. 153, l. 151).

M. Brea (1985, p. 164) afirma que a preposição *de*, nas línguas românicas, além de desempenhar as funções que já exercia na língua latina, serviu também para expressar o

genitivo latino, salvo no romeno que o conservou em certa medida. De acordo com P. Bec (1970, p. 97), o romeno desenvolverá uma nova flexão para marcar a relação de posse (ex.: rom. *casa vecinului*, ‘a casa do vizinho’).

M. Bassols de Climent (1956, p. 255) observa que o uso dessa preposição na língua latina não é clássico com os genitivos subjetivo e objetivo.

Enquanto o latim emprega o ablativo sem preposição ou com *ex* para indicar a matéria, o romance utiliza a preposição *de*, como se verifica nos exemplos seguintes: *la croce (fu fatta) di ferro*; *la maison (est bâtie) de bois*; *el Jersey de lana*. O mesmo acontece quando se trata de expressar a passagem de um estado a outro, como nos exemplos: *fare d’amante amico*; *hacer de tripas corazón* (MEYER-LÜBKE, 1900, p. 523; BREA, 1985, p. 163).

Outro uso que também é encontrado da preposição *de* é como complemento de modo. Essa significação decorre da idéia de ponto de partida, assim como, do sentido da razão de ser de uma ação, já existindo esse emprego no latim, como por exemplo, *de plano* ‘completamente’, *de longo* ‘desde há muito tempo’, *de improviso* ‘de improviso’, *de integro* ‘corretamente’, ‘na íntegra’ etc. Porém, em todos os domínios românicos, esse uso expandiu-se em proporção bastante considerável, tendo como resultado, na maioria dos exemplos, locuções adverbiais, tais como, em rom. *de greu*, em ital. *di subito*, em fr. *de présent*, em gal. *dabondo*, em esp. *de lleno*, em port. *de certo*, *de leve*, *de manso* etc.

Outras características dessa preposição ressaltadas por M. Said Ali (2001, p. 155-157) são:

- a) essa preposição é usada antes de substantivos, mas também antes de adjetivos (ex.: *Enisto, de mimosa, o rosto banha em lagrimas* (Camões, Lus. 2, 40));
- b) em português antigo ou na linguagem da Renascença, numa construção com o verbo na passiva, o agente da passiva era acompanhado pela preposição *de*, fazendo com que esse conceito de agente pudesse se confundir com os de causa e meio (ou instrumento). O autor chama atenção por esse emprego ser diferente do que é encontrado hoje: raramente se encontra a preposição *de* acompanhada do agente da passiva, mas a preposição *por*, que, no português antigo, não tinha esse uso como preferencial (ex.: *Não consente que em terra tam remota se perca a gente della tanto amada* (Camões, Lus. 1, 100));

c) alguns verbos transitivos como *encher*, *adornar*, *guarnecer*, *rodear*, *cercar*, *cobrir* etc. aceitam construções com um sujeito e um objeto direto e construções que pedem além do sujeito animado e do objeto direto, “um termo denotador daquilo com que se preenche ou põe em efeito a ação”, que seria um segundo complemento. Ex.: *As flores adornam a sala* seria um exemplo da primeira construção e *As crianças adornam a sala de flores* seria um exemplo da segunda construção. Dessa forma, surgiu a concorrência com a preposição *com*, já que a segunda construção poderia ser reescrita em *As crianças adornam a sala com flores*, dando uma idéia de meio ou instrumento;

d) em construções com verbos como *defender*, *guardar* e adjetivos de significação cognata, *de* exprime o desvio da iminência do perigo, podendo equivaler a *contra* (ex.: *Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós defendem da contraria banda o seu rei* (Camões, *Lus.* 7, 39));

e) a preposição *de* assinala o ponto de partida no tempo, mostrando o instante desde quando algum acontecimento perdura, o que a faz sinônima das preposições *des* e *desde* com sentido temporal (ex.: *Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara de moços* (Zurara, *Inéd. Port.* 3, 277));

f) a locução *de si* pode ter as seguintes acepções: ‘sem causa exterior’, ‘sem influência vinda de fora’, ‘espontaneamente’ e algumas vezes de ‘pessoalmente’ (ex.: *Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e de si Elrey a entregou a Pedralvares Cabral* (Barros, *Déc.* 1, 5, 1)).

M. Brea (1985, p. 165) acrescenta mais uma característica dessa preposição, que não se encontra presente dentre as citadas por M. Said Ali: consiste em nomes próprios ou designações pessoais se unirem a um substantivo ou adjetivo que expressa frequentemente um ‘sentimento de lástima’ ou ‘desprezo’ e, às vezes, ‘um elogio’ através do uso da preposição *de* em expressões como: *il cattivello di Calandrino*; *la coquine de Toinette*; *el pobre de Juan* e *el Bueno de Minaya* (um elogio) etc.

6.1.2 A locução prepositiva *longe de*

A locução prepositiva *longe de* é proveniente da junção do advérbio *longe*, que tem no seu sentido de base a idéia de ‘distante’ com a preposição indicadora de ‘afastamento’ *de*. Nessa composição, tanto o advérbio como a preposição, em seu sentido de base, indicam ‘afastamento’. Há, portanto, nesse caso, uma recategorização do advérbio, ao passar a compor uma locução prepositiva.

6.2 A PREPOSIÇÃO *EM* E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA *DENTRO DE* NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO

6.2.1 A preposição *em*

J. P. Machado (1977, s.v. **em**) observa que a preposição portuguesa **em** provém da preposição latina **in** e já é encontrada, no século XII (1152), em documentos escritos em latim com elementos do galego-português.

Conforme assinala Said Ali (1964, p. 203), **em** denota ‘localização estática’, ‘interioridade’, com referência ao lugar e ao tempo, podendo expressar também ‘superposição’ (*pôr pé em terra*), ‘estado de alguma coisa’ (*árvore em flor, ouro em pó*); ‘divisão’, ‘distribuição’ (*obra em tomos*) etc.

Mesmo nas acepções mais abstratas, a preposição **em** apresenta os traços ‘localização estática’ e ‘interioridade’.

Segundo A. Ernout e A. Meillet (1939, s.v. **in**), a forma latina **in** é generalizada significando ‘em’, ‘sobre’, falando-se do espaço e do tempo, ao se considerarem as coisas em movimento para um fim, passando daí a tomar outras acepções.

Os autores, em geral, assinalam que a preposição **in** pode ser construída com mais de um caso, quando usada em acepções diferentes: **in** é acompanhada de ablativo, se designar, conforme a função locativa do ablativo, o ‘domínio local’ e ‘temporal’, no interior do qual a ação se desenvolve; ou ela pode ser usada com acusativo, se designar, conforme a função do caso acusativo, o ‘fim’, a ‘direção’ para a qual uma ação tem lugar.

Na fala familiar, aparece **in** com acusativo, dependendo de verbos que indicam ‘repouso’ (**esse, habere** etc.).

No português arcaico, **em**, juntamente com outras preposições, serve para exprimir a situação em geral; ela pode ser usada para denotar ‘espaço’. ‘tempo’ e possui alguns empregos figurados.

No que se refere ao processo de gramaticalização da preposição **em**, pode-se dizer que: (a) no latim, observa-se ampliação nos sentidos da preposição **in**: da acepção de base ‘espacial’, servindo como resposta às questões de lugar **ubi** e **quo**, passou ao sentido temporal e aos diversos usos figurados; (b) no latim tardio, há um processo de sintaticização, em decorrência do uso dessa preposição apenas com acusativo; (c) na passagem para o português, essa preposição adquire novas acepções, ocorrendo, assim, um alargamento do seu campo semântico; (d) a preposição **em** entra na formação de locuções prepositivas (**em cima de/ em cima de, em logo de/ em lugar de, em frente de, em redor de** etc.); nesse contexto, há um processo de recategorização sintática da referida preposição, assim como de semanticização; (e) **em** entra na constituição de algumas locuções conjuntivas, como: - subordinativa modal (**em tal maneira que, em guisa que** etc.); - subordinativa temporal (**enquanto**); - subordinativa concessiva (**embora**); nesses casos, há um processo de recategorização sintática, seguido de ampliação de sentido.

Convém salientar que, desde o latim, há certa transferência no campo semântico da preposição **ad** ao domínio de **in** e vice-versa.

Segundo L. Rubio (1983, p. 183), **ad** serve para expressar a ‘aproximação’ a um lugar (em resposta à questão **quo**) ou a ‘situação’ nas proximidades de um lugar (em resposta à questão **ubi**), sendo esse último uso mais comum com a preposição **in**. Exemplos:

[...] **ad urbem venire**. (Cic., *Verr.*, 2, 167)

(‘[...] vir à cidade’)

[...] **ad urbem esse** (Cic., *Verr.*, 2, 21)

(‘[...] estar na cidade’)

Como assinala Said Ali (1921, p. 202), o emprego em francês de **à** com nomes de cidades está ligado a essa prática antiga. Em português, esse sentido da preposição **a** encontra-se em sentenças, como: *ir com a trouxa às costas, trazer o colar ao pescoço, estar alguém à cabeceira, à mesa* etc.

Apesar da aparente clareza de usos e significados expressos por essas duas preposições, convém lembrar que a preocupação dos gramáticos latinos em distinguir os empregos desses elementos demonstra que elas se confundiam em seu uso. Na segunda metade do século IV, Diomedes (apud RUBIO, 1083, p. 179) enfatiza que *in forum ire* quer dizer ‘penetrar no próprio foro’, enquanto que *ad forum ire* significa ‘ir a um lugar perto do foro’; do mesmo modo, *ad tribunal uenit litigator* quer dizer ‘ante o tribunal vem ou se apresenta o litigante’, ao passo que *in tribunal uenit praetor aut iudex* significa ‘dentro do tribunal penetra o pretor ou o juiz’.

De acordo com a opinião de Rubio (1983, p. 181), é ambíguo dizer-se que **in** seguida de acusativo refere-se ao movimento e seguida de ablativo, ao repouso. Para ele, a diferença real está na ‘permanência’ ou no ‘deslocamento’.

Esse autor acrescenta que a expressão *in foro* em *in foro curro* significa ‘permanência no interior do foro’ com ou sem movimento (com movimento: *in foro ambulo*; sem movimento: *in foro sedeo*). Já a expressão *in forum* denota ‘deslocamento com relação ao foro’, haja ou não movimento no sujeito deslocado: com movimento: *in forum ambulo*; sem movimento: *sella in forum uehor*.

No português arcaico, a preposição **em** pode ser usada para exprimir um movimento que resulta em uma situação estática, assim como **a** pode expressar a situação resultante de um movimento (MATTOS E SILVA, 1989, p. 637), por exemplo:

Alçou os olhos no aar, mas [...]

Alçou as mãos ao ceo.

J. Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 178-179) chama a atenção para esse fato, ao assinalar que, com referência à ‘direção’, a distribuição de **ad** era limitada por **in** que regia acusativo, quando se queria expressar a noção de ‘movimento com entrada’, como no exemplo: *ire in silvam* (‘ir à floresta’). Assim, a construção correspondente à do latim *ire in*

silvam é, no português, *ir à floresta*, embora na língua coloquial do Brasil se prefira a construção *ir na floresta*, que se aproxima mais do modelo latino.

Segundo J. Leite de Vasconcellos (apud HEAD, 1994, p. 307), no português do Brasil, emprega-se também **em**, no lugar de **para** ou **a**, com verbos de movimento, como por exemplo:

Levei-o na casa;

em vez de:

Levei-o para casa;/ Levei-o a casa.

Esse uso de **em** com acepção ‘diretiva’ é apontado por M. Said Ali (1964, p. 203). Ele assinala que, sem o conhecimento desse emprego, não se saberia explicar a presença da referida preposição em numerosas locuções.

6.2.2 A locução prepositiva *dentro de*

A locução prepositiva **dentro de** é constituída da forma adverbial **dentro** que indica ‘interioridade’, mais a preposição **de** que, na maioria das vezes, indica ‘afastamento’. Entretanto, em alguns contextos, a locução prepositiva **dentro de** é empregada para indicar a acepção de ‘localização’.

6.3 AS PREPOSIÇÕES A, PARA E ATÉ E AS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS PARA COM, PARA LONGE DE, ATRÁS DE, EM RELAÇÃO A E PARA DENTRO DE NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO

6.3.1 A preposição *a*

A preposição portuguesa **a** é oriunda da forma latina **ad**, portanto, houve apenas a supressão do **d**. Entretanto, na língua portuguesa, ocorreram algumas mudanças semânticas com essa forma.

No que se refere à preposição portuguesa **a**, J. P. Machado (1977, s.v **a**) assinala que ela provém, na maioria das vezes, do latim **ad**, embora, em alguns casos, haja influência do latim **a/ab**, como nas expressões **fugir a**, **escapar a**. Existem ainda casos em que a preposição **a** corresponde ao latim **apud**, como se encontra documentado no século X:

Pariat due libra auri bina talenta et a domnu qui illa terra imperauerit aliud tantum
(P. M. H., Dipl., p. 4).
(‘Adquiri duas libras de ouro por dois talentos e do senhor que tenha administrado aquela terra outro tanto’).

Percebe-se que na história da preposição **a**, houve um período de sincretismo entre essa forma provinda de **ad** e a preposição **a/ab** que, numa certa época, chegaram a confundir-se. Finalmente, **ad** passou a **a**, enquanto **a/ab** desapareceram absorvidas pela preposição **de**.

Os sentidos de **ad** foram conservados na preposição portuguesa **a**, apesar da concorrência de **para**. Dos usos da preposição **a**, correspondentes aos latinos, podem ser citados os exemplos a seguir, encontrados nos *Diálogos de São Gregório*:

- ‘direção no espaço’:

E pois fez as oraçon tornou a alma ao corpo do meniho (1, 4, 13)
(quo orante, anima pueri **ad** corpus rediit (1, 22, 26))

*Enton o bispo Castorio veo **ao** moesteiro (1, 5, 60)*
(tunc **ad** monasterium venit episcopus (1, 29, 4-5));

- ‘direção no tempo’:

aa hora de comer non poderon aver senon cinque pães pêra darem aos frades a comer (2, 21, 3)

(**ad** referectionis horam fratribus invenire potuissent (2, 110, 17-18).

Segundo Moignet (1981, p. 223-224), o papel da preposição consiste, então, em reiterar o valor resultativo do verbo, desenvolvendo um elemento semântico implicado no verbo, uma vez que ele é insuficiente ou incapaz de expandir sem a mediação da preposição.

A preposição **a** entra na formação de certas locuções, indicando ‘o tempo em que alguma coisa se passa’, como em: **a esta hora**, **ao outro dia**, (ao lado de **no outro de**), **ao tempo em que**, **às três horas** (diferente de **em três horas**), **a 22 de julho** etc (SAID ALI, 1964, p. 203).

Os sentidos da preposição **ad** (‘direção no tempo’, ‘direção no espaço’, ‘direção para um fim’) foram conservados no português.

Ad passou a introduzir objeto indireto, nas línguas românicas, exceto no romeno.

Como dativo, a preposição **a**, em português, é um fato estilístico que se vê especialmente no verbo **amar**.

A expansão do uso semântico e estilístico de **a** em português deve-se ao antigo desaparecimento da distinção entre as formas do nominativo e do acusativo.

Na passagem para o português, houve ampliação do campo semântico da preposição **a**, como antes de verbos no infinitivo:

*Quando Cristo redemptor nosso entrou no horto **a** orar a seu Padre, apartou consigo os três mais favorecidos discípulos* (Vieira, *Serm.* 8, 102) (SAID ALI, 1964, p. 217).

Pode-se afirmar que a preposição **a** passou por alguns processos de gramaticalização, como se pode observar:

- recategorização sintática e semantização: **a** é usada para formar locuções adverbiais (*à direita, ao lado, aas vezes /às vezes, à tarde, às pressas, ao contrário, ao léu*). Ao integrar uma locução adverbial, ela passa a pertencer também a uma outra classe gramatical e

recebe novos sentidos. Esse fenômeno também se dá quando ela, a preposição **a**, está na constituição de locuções conjuntivas (**a menos que** etc).

- enfraquecimento semântico: tal processo observa-se no uso da forma latina **ad** como prefixo, no próprio latim. Às vezes, nesse caso, se dá um enfraquecimento semântico, que leva, muitas vezes, ao desaparecimento do seu sentido de base, quando ela passa a compor um novo vocábulo.

6.3.2 A preposição *para*

A. G. da Cunha (1991, s.v. **para**) assinala que a preposição **para**, do latim **per ad**, através da variante antiga *pera*, é muito freqüente em textos medievais. De acordo com esse autor, só a partir de meados do século XVII é que a forma atual *para* começa a suplantar a antiga forma **pera**.

A. Nascentes (1952, s. v. **para**) observa que, para Cortesão, a preposição **para** teria vindo da combinação *pro ad* que aparece no latim bárbaro lusitano e no arcaico **pora**. Ele rejeita o étimo **per ad**, proposto por J. Nunes, embora exemplifique com a forma **per ad**.

Para Câmara Jr. (1975, p. 177), a preposição **para** provém da aglutinação de **per** e **ad**, processada no latim vulgar imperial. Ele observa que, inicialmente, *para/ pera* marcava um ‘percurso em direção definida’. Entretanto, em português, a indicação de ‘direção’ se torna mais complexa, acrescida de noções complementares de ‘chegada’ e de ‘permanência’.

Segundo Said Ali (1964, p. 216), **pera** ter-se-ia originado de **per ad** ou de **pro ad**, sendo essa última a forma, etimologicamente, mais correta. Com valor de ‘destinação’ e ‘lugar para onde’, há concorrência no uso das preposições portuguesas **a** e **para**. Existe, entretanto, entre elas uma linha tênue que as separa. Os casos de regência de verbos e adjetivos construídos com *a* ou com *para* são explicados pelo uso, cabendo ao dicionário especificá-los. Há, também, em certos ambientes, variação no uso dessas formas. É o que ocorre, por exemplo, com os verbos **ir** e **caminhar**, que podem ser empregados com uma ou com outra.

Entretanto, M. Said Ali (1964, p. 209) observa que Vieira repetia na mesma página o complemento com uma ou com outra preposição, com o objetivo de estabelecer uma diferença sutil: ‘o movimento direto’ – *a*: [...] *se acaso formos a uma aldeia* [...] (AV, p. 376, l. 196); ‘o movimento mais duradouro’ – *para*: [...] *eu não ia para o Maranhão* [...] (AV, p. 283, l. 485). De acordo com Poggio (2002, p. 241), torna-se mais clara a diferença entre *a* e *para*, quando a um verbo se acrescenta outro verbo no infinitivo que denote o ‘resultado’ ou o ‘fim a que visa a ação’.

Na análise de Poggio (2002, p. 241), depois do verbo **ser**, usa-se a noção de ‘destino’ com a preposição *para*. Depois do verbo **estar**, emprega-se **para** com verbo no infinitivo, para denotar ‘ato de realização futura’.

Segundo M. Brea (1985 apud POGGIO, 2002, p. 241), nas línguas ibéricas, surge a preposição **para** ou **per a**, cujo segundo elemento remonta a **ad**, indicando, assim, de um modo mais claro, o ‘fim no espaço’, a ‘direção’. De acordo com essa situação, **para** expressa melhor a idéia de ‘fim’ e a de ‘causa’, ainda que não haja rigor absoluto na distinção. Assim, as formas românicas empregadas para denotar ‘fim’ derivam-se da preposição latina **pro**.

Brea (1985 apud POGGIO, 2002, p. 241) também afirma que não se deve esquecer do uso de **para** como introdutora de objeto indireto em espanhol, em galego e em português.

Ao analisar as preposições documentadas nos *Diálogos de São Gregório*, R. V. Mattos e Silva (1989, p. 628-629) observa que a intenção de marcar não somente a ‘direção’, mas o ponto de chegada parece estar presente, quando se usa **pera** e não **a**. Ela afirma, ainda, que, na expressão de noções abstratas, **pera** pode denotar o ‘fim’, quando for seguida de forma verbal no infinitivo e quando for usada antes de sintagmas nominais.

Leão (1983), no século XVI, na *Ortografia e origem da língua portuguesa*, corrige *pera* por *para*, comprovando que, apesar de, naquela época, as duas formas coexistirem na língua, já havia indício de mudança.

Além da noção de ‘direção’, conforme Dias (1954, p. 120-122), a preposição **para** (arc. **pera**) pode designar: ‘em proveito’ ou ‘desproveito de quem uma coisa se dá’, o ‘fim de uma ação’, ‘em comparação de’, ‘em contraposição ao lugar em que se está’, o ‘tempo em que uma coisa se realizará, em contraposição ao tempo em que se está’.

A análise dos processos comprova que a mudança morfológica por que passou a preposição **para** demonstra o *continuum* de fusão proposto por S. Svorou (1993, p. 35), sobre o qual as características morfossintáticas desse item variam, pois ele transita da forma **per ad/ pro ad** à **pera/ para**, desenvolvendo-se nos seguintes processos:

- morfologização com justaposição sintática **per ad/ pro ad** (1ª fase - *embraced*), quando ocorre com valor de ‘destinação’ e ‘lugar para onde’ (SAID ALI, 1964, p. 216);

- em seguida, há morfologização e fonologização simultâneas, quando ocorre a fusão/aglutinação das preposições **per/ pro** e **ad**, ocorrendo a síncope da vogal final *-o* (*pr-*) e consoante final *-d* (*a-*), resultando em *per a/ pera*, fase intermediária;

- e, finalmente, observa-se a alternância vocálica entre *-e-* (média) e *-a-* (baixa), que resultou na passagem de **pera** (português arcaico) > **para** (português moderno).

6.3.3 A preposição **até**

Segundo A. Geraldo de Cunha (1991, sv. **até**), **até** provém do árabe **hatta**, estando documentadas as formas **ata** e **ate**, no século XII, e **ataa**, no século XIV.

J. Leite de Vasconcellos (apud SILVA NETO, 1960, p. 178) assinala que a forma portuguesa **até** provém de **ad tenus**, passando a **attene**. A forma portuguesa **até** desnasalizou-se por meio de próclise.

J. J. Nunes (1960) ressalta que, para representar a idéia expressa pela representação **tenus**, o português atual emprega **até** e o português arcaico **atees** e **atem** e aponta os seguintes estágios evolutivos para **até**: **ad tenes** > **atees** > **ates** > **atem** > **até**.

Serafim da Silva Neto (1960, p. 175-191) dá uma explicação para a origem dessa preposição. Observa que as formas do sul do território moçárabe, **ata** e **atá** são de origem árabe e foram levadas para o norte, onde se encontraram com as formas **ate** e **atees**, oriundas do latim ***ad tenes** (**ad tenus**), que também se expandiam para o sul.

De acordo com J. S. Barbosa (1966), a preposição **até**, ou sua forma simplificada **té**, junta a relação de final expressa pela preposição **a**, à de tendência continuada para o mesmo lugar, como em:

Vou **até** Coimbra.

No que se refere ao processo de gramaticalização, com a preposição **até** ocorreu:

- a) se se admitir a hipótese de que a forma **até** é resultante da junção das preposições **ad** e **tenus**, no latim, observa-se que, na constituição da referida forma, ocorreu esse processo de gramaticalização muito comum no latim tardio (morfologização);
- b) a forma **até** é o resultado de um processo de redução fonológica, na passagem do latim ao português;
- c) a referida forma também foi usada como advérbio, como no exemplo abaixo:

Fala bem de todos, até dos inimigos. (FERREIRA, 1975, s.v. **até**),

havendo um processo de recategorização, seguido de ampliação de sentido;

- d) **até** também é empregada para compor locução prepositiva, como no português arcaico **atee en**, documentada nos *Diálogos de São Gregório*, como no exemplo abaixo:

[...] ca viron hua carreira escontra ouriente e começava-se na cela e estendia-se atee-no ceo (2, 37, 8),

nesse caso, há ampliação de sentido e recategorização;

- e) **até** também entra na formação da conjunção subordinativa temporal (**ata que**), como no seguinte exemplo dos *Diálogos de São Gregório*:

Mandou que non-no dissessen a nenguu ata que el resurgisse de morte. (1, 17, 20),

passando, então, por um processo de recategorização e de semanticização;

- f) **até** vem passando por um processo de semanticização, com ampliação do seu campo semântico, no português atual, ao adquirir novas acepções, como: do uso ‘espacial’ passou ao ‘temporal’, ao ‘inclusivo’, ao de ‘contra-expectativa’ e ao de ‘concessão’.

- g) num processo de sintaticização, registra-se a extensão do emprego da preposição **até** da relação entre vocábulos para a relação entre sentenças, como no exemplo dos *Diálogos de São Gregório* abaixo:

Mandou que non-no dissessen a nenguu ata que el resurgisse de morte. (1, 17, 20).

6.3.4 A locução prepositiva *para com*

Como se pode observar, a locução prepositiva **para com** é constituída da forma **para**, preposição que indica ‘direção’, associada à preposição **com**, que indica ‘aproximação’, ‘união’, servindo essa última para reforçar a aceção de ‘direção’, ‘aproximação’.

6.3.5 A locução prepositiva *para longe de*

A locução prepositiva **para longe de** é constituída da forma **para**, preposição que indica ‘direção’, associada ao advérbio preposição **longe** que indica ‘afastamento’, mais a preposição **de** que também indica ‘afastamento’. Apesar de dois elementos indicarem ‘afastamento’, neste contexto, a preposição **para** é empregada para reforçar a aceção de ‘direção’, ‘aproximação’.

6.3.6 A locução prepositiva *atrás de*

Quanto à locução prepositiva **atrás de**, na qual são empregadas as formas: **atrás**, proveniente da aglutinação das preposições **a** e **trás**, elemento que precisa o local para onde alguém se dirige, complementando a idéia de direção, ao lado da preposição **de**, empregada para finalizar inúmeras locuções prepositivas na língua portuguesa.

S. Svorou (1993) aponta a formação de locuções prepositivas como o primeiro estágio do processo de gramaticalização de preposições. Primeiro os elementos encontram-se enlaçados, ou seja, o morfema lingüístico e o seu complemento constituem unidades fonológicas ainda independentes. Esse estágio é chamado *embraced*. As locuções

prepositivas estão entre esses elementos que tendem a tornar-se formas cristalizadas, a caminho da morfologização.

6.3.7 A locução prepositiva *em relação a*

A locução prepositiva **em relação a** é constituída do nome *relação* ao lado das preposições **em** e **a**, indicando a ‘direção’. Nesse caso, há a recategorização de um nome, quando *relação* passa a compor uma locução prepositiva recebendo a idéia de ‘direção’, sentido original da preposição **a**.

6.3.8 A locução prepositiva *para dentro de*

A locução prepositiva **para dentro de** é constituída da forma **para**, preposição que indica ‘direção’, associada ao advérbio **dentro** que indica ‘interioridade’, mais a preposição **de** que também indica ‘afastamento’. Neste contexto, a preposição **para** é empregada para indicar a acepção de ‘direção’, ‘aproximação’.

Observou-se que, em várias locuções prepositivas indicadoras de ‘direção’, está presente a preposição **para** que, em seu sentido de base, possui essa acepção.

7 AS PREPOSIÇÕES ITALIANAS

7.1 A PREPOSIÇÃO *DI* E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA *LONTANO DA* NA EXPRESSÃO DO AFASTAMENTO

7.1.1 A preposição *di*

A preposição italiana **di** é proveniente da preposição latina **de** que, como já foi observado, possui o sentido original de ‘afastamento’.

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apontam as seguintes acepções para a preposição italiana **di**:

(1) ‘Especificação’, ‘especificação partitiva’ e ‘denominação’

Al mercato si trovano vari tipi di frutta.

Nel bazar si trova un pó di tutto.

(2) ‘Partitivo’

Há comprato della stoffa per fare una camicia.

(3) ‘Origem’, ‘proveniência’

In ci sono molti studenti greci, tutti sono di Atene.

(4) ‘Meio’, ‘instrumento’, ‘matéria’

Per quelle sue affermazioni, si è coperto di ridicolo.

Oggi molti oggetti sono di plastica.

(5) ‘Comparativo de superioridade’ e ‘inferioridade’; ‘partitivo’ ou ‘relações no superlativo relativo’

Parla l’italiano meglio di tutti noi.

Mio fratello è più giovane di me.

(6) ‘Causa’

Dovresti arrosire di vergogna per quello che hai fatto.

(7) ‘Limitação’

*Il nuovo professore è bravo, ma manca **di** esperienza.*

(8) ‘Modo’

*Oggi è meglio non parlare con il direttore, è **di** cattivo umore.*

(9) ‘Argumento’

*Há scritto un importante trattato **di** fisica.*

*Cerco di rassicurarlo, ma dubita fortemente **delle** mie parole.*

(10) ‘Tempo determinado’

*Mia moglie va in vacanza **d**’estate, io ci vado **d**’inverno.*

(11) ‘Quantidade’ (‘peso’, ‘preço’, ‘estimativa’, ‘medida’)

*Sono andato a pesca, ho preso um pesce **di** 2 kg.*

(12) ‘Passagem de uma condição para outra’, ‘de um lugar para outro em correlação com a preposição **in**’

*È pessimista e teme che la situazione possa andare **di male in peggio**.*

(13) Em fraseologia

*Questa ministra non **sa di niente**.*

Há, ainda, adjetivos e advérbios que regem a preposição **di**, como se vê nos exemplos:

*Molti sono **avid** **di** soldi e **di** onori.*

*È una persona **bisognosa di** affetto*

Há também verbos que podem ser seguidos de **di** mais infinitivo, como no exemplo:

*Ha accettato subito **di fare** ciò che le ho chiesto.*

7.1.2 A locução prepositiva *lontano da*

A locução prepositiva **lontano da**, como se pode observar, é constituída do advérbio italiano **lontano** mais a preposição **da**.

Como já foi observado, segundo S. Svorou (1993), há um primeiro estágio em que as formas são empregadas justapostas, separadamente, a que ela denomina *embraced* (**lontano** + **da**) podendo, com o decorrer do tempo, essas formas se unirem, passando a constituir um item, ou não.

Como se pode constatar, também ocorreu um processo de recategorização, quando um advérbio passou à classe de preposições.

7.2 A PREPOSIÇÃO *IN*, *SU* E *TRA* E A LOCUÇÃO PREPOSITIVA *DENTRO DI* NA EXPRESSÃO DA LOCALIZAÇÃO

7.2.1 A preposição *in*

Segundo C. Battisti e G. Alessio (1975), a preposição latina **in** provém da antiga forma indo-européia **en**, passando também para o osco-umbro como **en**.

Além do mais, na língua latina, a forma **in** é preverbo e preposição. No latim tardio, **in** serve, assim como outras preposições, para reforçar alguns advérbios (**in ante**, **in contra**).

Enquanto preposição, a forma **in**, na língua italiana, indica ‘lugar’, ‘tempo’, ‘modo’ e ‘quantidade’. Conforme assinala M. Insolera (1999, p. 133), a preposição **in** pode aparecer articulada, apresentando as formas: **nel**, **nello**, **nella**, **nell’**, **nei**, **negli** e **nelle**.

Segundo A. Chiuchì, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) a preposição **in** pode ter as seguintes acepções:

(1) ‘Lugar estático’

*Non mi piace pranzare **in** cucina, preferisco pranzare **in** salotto.*

(2) ‘Movimento para um lugar’

*Siamo venuti **in** Itália per studiare la lingua italiana.*

(3) ‘Movimento por um lugar’

*Da giovane ha viaggiato molto **in** Europa e **in** América.*

(4) ‘Tempo determinado duração no tempo’

*Perugia, **in** inverno, fa molto freddo.*

(5) ‘Modo’ ou ‘maneira’

*Non desidero altro che vivere **in** pace e senza problemi.*

(6) ‘Limitação’, ‘matéria’

***In** apparenza sembra molto calmo, me **in** realtà è molto nervoso.*

(7) ‘Fim’ ou ‘escopo’

*Ho parlato **in** tuo favore perché lo meriti.*

(8) ‘Meio’

*È salito al quinto piano **in** ascensore.*

*Raggiungo il posto di lavoro **in** autobus.*

(9) Em fraseologia

*È fortunato: è riuscito a **mettere in alto** i suoi desideri.*

Segundo esses autores, a preposição **in** é também empregada antes do infinitivo substantivado, como no seguinte exemplo:

***Nel pronunciare** quelle parole, arrossì.*

In ainda é usada em expressão judicativa, como no exemplo:

*Le cose che lui racconta, **in buona parte**, sono false.*

7.2.2 A preposição **su**

Conforme assinalam C. Battisti e G. Alessio (1975), a forma **su**, na língua italiana, desempenha as funções de advérbio e preposição.

Tendo a sua origem no advérbio latino **sursum** (ou **sursus**) que significa ‘para cima’, ‘para o alto’ ou ‘em cima’, a forma passou a **susum** no romance e está documentada **su**, a partir do século XIII, na língua italiana.

Na língua atual, como advérbio, **su** significa ‘acima’ ou ‘em cima’, e como preposição, possui as acepções de ‘sobre’, ‘acima de’, ‘em cima de’ ou ‘a respeito de’.

M. Insolera (1999, p. 133) destaca as seguintes formas articuladas para a preposição **su**, a depender do uso do artigo: **sul, sullo, sulla, sull'**, **sui, sugli** e **sulle**.

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apontam as seguintes acepções para a preposição italiana **su**:

(1) 'Lugar: sobreposição com contato', 'sem contato', 'vizinhança imediata'

*È allergica alla lana **sulla** pelle.*

*È sdraiato **sul** letto perché non si sente bene.*

(2) 'Movimento'

*Venite **sul** terrazzo ad ammirare il panorama!*

(3) 'Argumento'

*Ha tenuto una interessantissima conferenza **sull'**arte moderna.*

*Hai detto l'ultimo saggio **sulla** vita di A. Manzoni?*

(4) 'Tempo: quantidade'

*È molto giovane: avrà **sui** venti anni.*

***Sul** finire dell'estate, di solito comincia a piovere.*

(5) 'Modo' ou 'maneira'

*Ho smesso di fumare **su** consiglio del medico.*

(6) Em fraseologia

*Alla fine del corso preparatorio, conoscerai **su per giù** tremila parole.*

7.2.3 A preposição **tra**

Segundo A. C. Battisti e G. Alessio (1975), a forma italiana **tra** é proveniente da preposição latina **intra** que rege o caso acusativo e significa 'no interior de', 'dentro de', já em uma forma popular.

A. Polito (2001) observa que a preposição **tra** significa 'entre', 'no meio de', podendo ser usada também, em seu lugar, a forma **fra**, pois o significado é o mesmo.

A preposição **tra** não é registrada em forma atirculada com os artigos italianos.

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apresentam as seguintes acepções para a preposição italiana **tra**:

(1) ‘lugar’:

*Ho trovato **tra** miei appunti la notizia che mi interessava.*

(‘Encontrei entre os meus apontamentos a notícia que me interessava’)

(2) ‘intervalo de tempo’ ou ‘prazo’:

*Sono stanco e, **tra** poco, smetterò di studiare.*

(‘Estou cansado e, em pouco tempo, deixarei de estudar’)

(3) ‘classificação’, ‘ordenação’:

*Il cane è forse il più intelligente **tra** gli animali.*

(‘O cão é, talvez, o mais inteligente entre os animais’)

*L’onestà é una virtù **tra** le più rare.*

(‘A honestidade é uma virtude entre as mais raras’)

(4) ‘relacionamento’, ‘reciprocidade’, ‘companhia’:

***Tra** fratello e sorella non c’è nessuna somiglianza.*

(‘Entre irmão e irmã não há nenhuma semelhança’)

(5) ‘causa’:

***Tra** i fischi e le contestazioni, ha dovuto smettere di parlare.*

***Tra** lavoro e studio, se ne va tutta la giornata.*

(‘Entre trabalho e estudo, lá se vai todo o dia’);

(7) ‘modo’:

*Ha perduto ogni forma di autocontrollo: si esprime sempre **tra** il riso e il pianto.*

(‘Perdeu toda a forma de autocontrole: exprime-se sempre entre o riso e o choro’).

7.2.4 A locução prepositiva *dentro di*

A locução **dentro di** é constituída do advérbio italiano **dentro** mais a preposição **di**. A forma **dentro** vem do advérbio latino INTRO ('no interior de') que, num processo de morfologização, juntou-se à preposição DE, tendo como resultado o advérbio italiano **dentro**. Como já foi observado, segundo S. Svorou (1993), há um primeiro estágio em que as formas são empregadas justapostas, separadamente, a que ela denomina *embraced* (**di** + **entro**) para depois se unirem, constituindo um item, podendo ou não perder elemento fonológico. No caso de **dentro**, houve perda de elemento fonológico, processo que Svorou (1993) denomina *fused*.

Como se nota, depois de constituído o item gramatical **dentro**, essa forma foi empregada também para compor a locução prepositiva **dentro di**, junto com a preposição italiana **di**.

Além do mais, como se pode constatar, também ocorreu um processo de recategorização, quando um advérbio passou à classe de preposições.

7.3 AS PREPOSIÇÕES A, DA, PER, VERSO E FRA E AS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS DAVANTI A E FINO A NA EXPRESSÃO DA DIREÇÃO

7.3.1 A preposição *a* ou *ad*

Conforme C. Battisti e G. Alessio (1975), a preposição italiana **a** provém do latim **ad** e indica 'movimento para um lugar', 'determinação de tempo', 'meio', 'finalidade', 'relação' e 'distribuição'. Os mesmos autores afirmam ser a preposição **a**, na língua italiana, em alguns casos, vestígios da forma latina **ab**.

M. Insolera (1999, p. 133) apresenta as seguintes formas como resultantes da articulação da preposição **a** com os artigos italianos: **al**, **allo**, **alla**, **all'**, **ai**, **agli** e **alle**. Se o substantivo posposto à preposição for iniciado por vogal, pode-se escrever a forma **ad**, ao invés de **a**, se essa não for articulada, como no exemplo:

*Leggo **ad** alta voce*

(‘Leio a alta voz’).

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apontam as seguintes acepções para a preposição italiana **a**:

(1) ‘Movimento para um lugar’

*Dopo la lezione torno subito **a** casa.*

(2) ‘Lugar com idéia de estado’

*Paolo abita **a** Perugia.*

(3) ‘Objeto indireto’

*Non appartengo **a** nessun partito*

(4) ‘Tempo determinado’

*Di súbito le lezioni finiscono **a** mezzogiorno.*

(5) ‘Modo’ ou ‘maneira’

*Chiedi sempre consiglio, ma poi fai sempre **a** modo tuo.*

(6) ‘Meio’ ou ‘instrumento’

*All’esame, i tests vanno scritti **a** penna e non **a** matita.*

(7) ‘Medida’, ‘distância’, ‘preço’

*Abita **a** poche centinaia di metri dal centro.*

(8) ‘Fim’ e ‘escopo’

*Hanno messo un grosso cane lupo **a** guardiã della villa.*

(9) ‘penalidade’:

*É stato condannato **all**’esilio.*

(10) ‘Qualidade’

*In quel bar c’è un telefono **a** gettone, non **a** scatti.*

(11) ‘Causa’:

***Al** segnale del vigile, l’automobilista si è fermato.*

(12) ‘Limitação’

Non mi sento inferiore a nessuno.

(13) ‘Situação’:

Quella notizia fu per me un fulmine a ciel sereno.

Há ainda alguns adjetivos que regem a preposição **a**, como por exemplo:

Sta attento a quello che dici!

La salute è cara a tutti.

Há, também, alguns verbos que regem a preposição **a**, como no exemplo a seguir:

È difficile, ma devi adattarti a vivere in questa città.

A preposição é usada em fraseologia, como:

Il lavoro non è a buon punto.

Finalmente, observa-se que o item **a** participa na formação de várias locuções prepositivas e adverbiais do italiano, como por exemplo: **fino a** (‘até’), **vicino a** (‘próximo de’), **davanti a** (‘em frente a’), **dietro a** (‘atrás de’), **di fronte a** (‘defronte a’), **a favore di** (‘a favor de’), **in mezzo a** (‘em meio a’), **a poco a poco** (‘pouco a pouco’), **a precipizio** (‘impetuosamente’) etc.

7.3.2 A preposição *da*

Segundo C. Battisti e G. Alessio (1975), a preposição italiana **da**, documentada a partir do século XIII, provém das formas latinas **de** e **ab**.

Como se pode observar, essa forma é proveniente do processo de morfologização, quando as duas formas se fundiram, perdendo elemento fonológico. Ocorreu, então, conforme Svorou (1993) uma fusão e, segundo Castilho (1997), fonologização.

M. Insolera (1999) apresenta, segundo a necessidade de uso dos artigos, as seguintes possibilidades de formas articuladas para a preposição **da**: **dal**, **dallo**, **dalla**, **dall'**, **dai**, **dagli** e **dalle**.

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apontam as seguintes acepções para a preposição **da**, no italiano:

(1) 'Ponto de partida' (origem, proveniência, separação, afastamento, distância)

*Da dove venite? Veniamo **da** Mônaco.*

(2) 'Agente' – 'causa eficiente'

*L'ultimo film di Fellini è stato apprezzato **da** tutti.*

(3) 'Movimento para um lugar'

*Non ero a casa perché ho accompagnato una mia amica **dal** dentista.*

(4) 'Lugar com idéia de estado'

*È a lezione **dallo** stesso professore dell'anno scorso.*

(5) 'Tempo continuado'

*Studia l'italiano **dall'**inizio del mese.*

(6) 'Fim' ou 'escopo'

*Nella casa dove abito c'è una bella sala **da** pranzo.*

(7) 'Valor', 'preço', 'qualidade'

*Perugia è una città **dalle** strade strette.*

*Mi dia, per favore, un gelato **da** 1000 lire.*

(8) 'Causa'

*Accendi súbito il termosifone, perché tremo **dal** freddo.*

(9) 'Meio'

*Al telefono non si è presentata, me l'ho riconosciuta **dalla** você.*

*Gli uomini si giudicano **dai** fatti e non **dalle** parole.*

Há adjetivos que regem a preposição **da**, como por exemplo:

*È um uomo **differente da** tutti.*

Segundo esses mesmos autores, **DA** mais infinitivo pode ser usada para introduzir proposições consecutivas, finais e para indicar necessidade e obrigação. Exemplo:

*Sono tanto stanca **da non capire** più il senso delle sue parole.*

A preposição **da** também é empregada em fraseologia:

*Chi fa **da se fa per** ter.*

*Ho tanto da fare che **non so da dove cominciare**.*

7.3.3 A preposição **per**

C. Battisti e G. Alessio (1975) observam que a preposição **per**, documentada na língua italiana a partir do século XIII, provém da forma latina **per**, tendo também assimilado as funções do item latino **pro**.

M. Insolera (1999) considera **per** como uma preposição de base. Essa preposição raramente aparece articulada na língua italiana moderna, mas ainda são encontrados registros do uso de algumas formas antigas como **pei** (**per** + **i**) e **pel** (**per** + **il**) (POLITO, 2001, p. 384).

A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984) apontam as seguintes acepções para a preposição **per** no italiano:

(1) 'Movimento por um lugar'

*Tornando dalla mia vacanza in Sicília, sono passato **per** Napoli.*

(2) 'Movimento para um lugar - destinação'

*Il vaso è caduto **per** terra e si è rotto in mille pezzi.*

(3) 'Tempo'

a) 'determinado'

*Il vestito sarà pronto **per** la fine del mese.*

b) 'continuado'

*Sono stanco perché ho viaggiato **per** tutta la notte.*

(4) 'Meio'

*Mi há avvertito **per** telefono che arriverà la settimana prossima.*

(5) 'Causa', 'culpa'

*Quel ragazzo sarà premiato **per** la sua bontà.*

(6) 'Preço', 'medida' ou 'extensão'

*Há venduto la sua vecchia auto **per** cinquecentomila lire.*

(7) 'Limitação'

*Avrà anche delle capacità, ma è proprio negato **per** questo lavoro!*

(8) 'Fim' ou 'escopo' (vantagem e desvantagem)

*Partirà domani e non ha ancora preparato il necessario **per** il viaggio.*

(9) 'Modo' ou 'maneira'

*Non prenderlo sul serio, ormai lo conosci bene, parla sempre **per** scherzo.*

(10) 'Substituição' ou 'câmbio'

*Non l'ho riconosciuto súbito, a prima vista l'ho scambiato **per** un estraneo.*

(11) 'Distributivo'

*Ho letto attentamente la tua composizione riga **per** riga.*

Além dessas acepções, esses autores observam que **per** mais infinitivo podem indicar ‘situação final’, ‘situação causal’, ‘situação consecutiva’, como nos exemplos abaixo:

‘Final’

*Stamattina mi sono alzato presto **per andare** in campagna.*

‘Causal’

*È rimasta intossicata **per aver** mangiato cibi avariati.*

‘Locução: estar para’

***Stavo per** uscire quando cominciò a piovere.*

Per também é empregada em fraseologia:

*Dante Alighieri è considerato il Poeta **per eccellenza**.*

Per amore o per forza farà quello che dice suo padre.

7.3.4 A preposição *verso*

A preposição italiana **verso** está documentada, conforme assinala C. Battisti e G. Alessio (1975), desde o século XIII. **Verso** é proveniente do advérbio latino **versus**, que significa ‘na direção de’ ou ‘do lado de’.

Para A. G. Polito (2001), a preposição italiana **verso** possui as seguintes acepções:

(1) ‘Direção’: ‘movimento para um lugar’

*Corse **verso** la porta*

(2) ‘Aproximação no tempo’:

*Arriva sempre **verso** le due*

(3) ‘Relação moral’:

*Rispetto **verso** i genitori*

Observa esse mesmo autor que, antes de pronomes pessoais, a preposição **verso** é geralmente usada seguida da forma **di**, conforme os exemplos:

verso di noi

(‘em nossa direção’);

verso di lui

(‘na direção dele’).

7.3.5 A preposição *fra*

Conforme assinalam A. C. Battisti e G. Alessio (1975), a forma italiana **fra** é proveniente da preposição latina **infra** que rege o caso acusativo e significa ‘no interior de’, ‘dentro de’.

A. Polito (2001) afirma que a preposição **fra** significa ‘entre’, ‘no meio de’, podendo ser usada também, em seu lugar, a forma **tra**, pois o significado é o mesmo.

Segundo A. Chiuchiù, M. C. Fazi e R. Bagianti (1984), a preposição **fra** possui as seguintes acepções:

(1) ‘Lugar’

Molti uccelli fanno i nidi fra i rami degli alberi.

Ho trovato fra i miei appunti la notizia che mi interessava.

(2) ‘Tempo - distância’

Fra oggi e domani il tempo dovrebbe cambiare.

(3) ‘Partitivo’

È il solo fra noi che conosce l’inglese.

Non è facile capire chi sai il più giovane fra i due.

(4) ‘Relações – reciprocidade – companhia’

*Tutti auspichiamo la pace **fra** le nazioni.*

(5) ‘Causa’, ‘modo’

***Fra** lavoro e studio, se ne va tutta la giornata.*

(6) Fraseologia

*È difficile capirlo perché **parla** sempre **fra** i denti.*

7.3.6 A locução prepositiva *davanti a*

A locução **davanti a**, como se pode verificar, é constituída do advérbio italiano **davanti** mais a preposição **a**. A forma **davanti** vem do advérbio latino ANTE (‘diante de’) que, num processo de morfologização, juntou-se à preposição DE, tendo como resultado o advérbio italiano **davanti**. Como já foi observado, segundo S. Svorou (1993), há um primeiro estágio em que as formas são empregadas justapostas, separadamente, o que ela denomina *embraced* (**di** + **avanti**) para depois se unirem, constituindo um item, podendo ou não perder elemento fonológico. No caso de **davanti**, houve perda de elemento fonológico, processo que Svorou (1993) denomina *fused*.

Como se nota, depois de constituído o item gramatical **davanti**, essa forma foi empregada também para compor a locução prepositiva **davanti a**, junto com a preposição italiana **a**.

7.3.7 A locução prepositiva *fino a*

C. Battisti e G. Alessio (1975) observam que a preposição italiana **fino** provém do latim **finis**, substantivo masculino da terceira declinação que significa ‘limite’, ‘confins’, ‘território’, ‘finalidade’.

Na antiguidade clássica, a forma **fine** é empregada como preposição, como se pode ver nos exemplos a seguir:

[...] *fine pectoris* (Caesar)

(‘até o peito’)

[...] *fine genus* (Ovídio)

(‘até o joelho’)

Os autores acima observam que, no século XIII, a forma **fino** aparece no italiano apenas como substantivo masculino ou adjetivo, estando documentada como preposição a partir do século XIV, denotando o ‘término que se atinge’.

A. Polito (2001) aponta, para a preposição **fino** o significado de ‘até’ ou ‘até a’, acrescentando que essa forma é sempre acompanhada, no italiano, pela preposição **a**, na acepção de ‘tempo final’, como no exemplo:

*Ho lavorato **fino alle otto***

(‘Trabalhei até as oito’).

Segundo Polito (2001), o item gramatical **fino** inclui-se na categoria de ‘preposições impróprias’, que são formadas por palavras de outras classes gramaticais, mas que também funcionam como preposições.

8 METODOLOGIA

8.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Sabe-se que a língua latina passou por um processo contínuo de mudança, iniciando-se no período clássico do latim, prosseguindo no latim tardio, até chegar às línguas românicas. Assim, os elementos gramaticais podem ser estudados, em alguns períodos do latim, bem como, nas diversas sincronias das línguas dele derivadas até chegar ao momento atual.

A pesquisa bibliográfica deste trabalho constou da análise minuciosa de gramáticas latinas, portuguesas e italianas e de manuais de Linguística Românica, observando-se o registro e o emprego das preposições. Posteriormente, fez-se o estudo de obras que tratam do processo de gramaticalização em seus diversos níveis e dos princípios que subjazem a esse processo, assim como de obras que versam sobre as teorias semânticas do localismo e dos protótipos.

8.2 ETAPAS METODOLÓGICAS

A primeira etapa deste trabalho consistiu em classificar as preposições encontradas na obra *Confissões* de Santo Agostinho, tanto em latim como nas traduções para o português e para o italiano. Em vista da delimitação do tempo para a consecução deste trabalho, procedeu-se a um recorte do campo de estudo, restringindo-se a análise aos adjuntos adverbiais, com a finalidade de verificar a preferência de uso desses elementos de relação. Em seguida, comparam-se os aspectos semânticos das preposições encontradas nessa obra e nas duas versões das línguas românicas citadas (português e italiano), com o fim de observar e analisar as mudanças ocorridas.

A segunda etapa compreendeu a interpretação dos dados levantados sob a óptica da teoria funcionalista da gramaticalização, com especial atenção à teoria localista. Foram examinados também os aspectos relacionados com a Teoria dos Protótipos.

8.3 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Dois motivos justificaram a escolha do *corpus* em análise e definido como instrumento desta pesquisa que se propõe a transformar-se em tese de doutorado.

Vinculam-se, intimamente, à convivência duradoura do pesquisador com os universos religioso e lingüístico em que se encontrara envolvido desde os albores da juventude, quando, seminarista, integrava a comunidade do Seminário Central da Bahia, sito na cidade de Salvador, e viera a desenvolver e familiarizar-se com os estudos da língua e cultura greco-latinas aliados à vivência diuturna do mundo religioso e espiritual de que se nutriam todos aqueles que, um dia, estariam a serviço da “Civitas Dei”.

Parece-nos plausível, portanto, a motivação desta escolha pela obra *Confessiones* de Santo Agostinho que, no rigor da escrita do texto elaborado em latim, ostenta inigualável espiritualidade, religiosidade do autor, em pleno século IV, testemunha viva do apogeu do Cristianismo.

Em síntese, permitiu-se o pesquisador seduzir não só pela exuberância incomensurável do tema da obra, mas também pelo inigualável teor linguístico imprimido pelo autor em sua tentativa de traduzir suas profundas reflexões em busca de Deus.

Constitui-se a obra epigrafada de treze livros agrupados, consoante os temas versados: o grupo I a IX – da *memoria* – evocação do passado -, o livro X, do *Contritus* – atenção do presente -, e o grupo XI a XIII, da *expectatio* – antecipação do futuro, tendo sido preservada em todo o seu conjunto a unidade temática de fundo religioso refletido em vertentes de cunho teológico, místico, filosófico, psicológico e mesmo poético, guardada a unidade temática.

A unidade da obra decorre da intenção de Santo Agostinho de louvar a Deus em face das dádivas a ele concedidas. “*Magnus es, domine, et laudabilis valde*”; *et laudare te*

vult homo ... (‘Senhor, tu és grande e digno de todo louvor. Quer o homem louvar-te’).

Sendo o relato das *Confessiones* eminentemente pessoal e inteiramente vivido, a ponto de conquistar pela sua verdade e profundidade humana, estatuto de universalidade, será sempre possível descobrir nessa obra os temas essenciais e permanentes do homem em busca da verdade e da paz. *Veritas et Pax!*

Da leitura atenta da obra, pode-se inferir com segurança ter sido Santo Agostinho detentor de inconfundível genialidade lingüístico-literária. Faz uso do latim com maestria insuperável e dele se serve para, através de exímia preciosidade verbal, exteriorizar sua incansável busca da intimidade com Deus: *Sine me, Deus meus, dicere aliquid et de ingenio meo, munere tuo ... ei mihi! Dic mihi per miserationes tuas, domine, deus meus, quid sis mihi ... et ecce intus eras et ego foris et ibi te quaerebam ... mecum eras et tecum non eram ...* (‘Permite-me, meu Deus, dizer alguma coisa também acerca do meu talento, dádiva tua ... Ai de mim! Pela tua compaixão, Senhor meu Deus, diz-me o que és para mim. E eis que estavas dentro de mim e eu fora e aí te procurava ...’)

O *corpus* deste trabalho está constituído dos dois primeiros livros da obra de Santo Agostinho – *Confessiones (Confissões)*, integrada nos treze livros em sua totalidade. Paralelas ao texto latino, e elaboradas entre os anos 397 e 402, utilizam-se, como fonte de cotejo, duas versões. A primeira compõe a segunda edição bilíngüe - latim e português – produzida e publicada pelo Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira (CLCPB) Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Lisboa, 2004; a segunda, também edição bilíngüe - latim e italiano – sob a responsabilidade de Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino – 2000 e 2002. Reconhecidamente fontes indispensáveis à consecução do objetivo maior perseguido neste labor acadêmico-intelectual, em face do opulento material de ordem lingüístico-cultural disponível, facilitando, dessarte, o pesquisador em suas prospecções analíticas dos dados que comporão os resultados finais planejados.

No tocante à composição lingüística dos textos epigrafados, é de ressaltar-se, sobremodo, o texto latino da obra *Confessiones*, pois que, malgrado em meio às turbulências de cunho lingüístico-cultural provocadas pelo fluxo expansivo do IMPERIUM, mantinham-se esta e outras obras, de alguma forma, nutridas da influência do estilo clássico, leia-se, de Cícero, Horácio, Ovídio et alii.

De um modo geral, a obra *Confessiones* apresenta uma estrutura lingüística assaz

satisfatória, no que tange à ordenação dos termos constituintes do texto. Objetos desta pesquisa, é flagrante o “engenho e arte” de que usa o bispo de Hipona no emprego das preposições, emprestando-lhes características peculiares e definidas.

Agostinho é um gênio literário, maneja a língua como poucos, faz da palavra o veículo do que há de mais profundo na intimidade de Deus e na interioridade dos homens: “*ecce enim veritatem dilexisti*”, *quoniam “qui facit” eam, “venit ad lucem”, volo eam facere in corde meo coram te in **confessione**, in **stilo** autem meo coram multis testibus* (Líber X, 11)³.

Quanto às versões em português e em italiano, elementos também vinculados ao *corpus* do trabalho, é de observar-se serem de incomensurável valia ao escopo pretendido neste estudo, perfazendo-se condição *sine qua non* para a feitura do trabalho, uma vez que propiciam a contextualização do emprego das preposições utilizadas nesses idiomas com as usadas no texto latino, decorrendo, assim, a sua compreensão lingüístico-semântica.

A versão portuguesa (Lisboa) estrutura-se em uma ordenação mais oclusiva que se caracteriza pelo cunho restritivo da significação dos vocábulos, pela aproximação, a mais possível, da frase latina e a frase portuguesa, o que nem sempre vem a suceder. Poder-se-ia definir como uma tradução *ad litteram* do texto. Já a versão italiana mostra-se mais livre em face da portuguesa, o que não a desmerece como elemento de similar importância para o estudo-pesquisa das preposições italianas diante daquelas do latim e do português.

Considerando-se a magnitude da obra *Confessiones* não só no que concerne ao tema explorado, mas também pela extensão significativa do texto, houve por bem o pesquisador, após avaliação criteriosa, como já foi observado, delimitar seus estudos aos dois livros iniciais, visto que satisfaziam os intentos próprios da pesquisa encetada: exame exaustivo das preposições ou locuções prepositivas usadas pelo autor, correlacionando-as às preposições de língua portuguesa e italiana, tarefa que, ao cabo da elaboração do trabalho acadêmico proposto, revela-se perfeita e concluída, em conformidade com os objetivos previstos.

³ Tradução: ‘mas tu amaste a verdade, porque aquele que a põe em prática alcança a luz. Também a quero pôr em prática no meu coração: diante de ti, **na minha confissão**. Diante de muitas testemunhas, nos meus escritos.

Em suma, traduzir Agostinho é tarefa das mais complexas, em face dos desdobramentos das palavras em significados múltiplos, quiçá, por si mesmos, inapreensíveis e mesmo intraduzíveis.

9 ESTUDO DE PREPOSIÇÕES NA OBRA *CONFESSIONES* DE SANTO AGOSTINHO: OS CAMPOS SEMÂNTICOS DO AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO E DIREÇÃO NO LATIM, NO PORTUGUÊS E NO ITALIANO

9.1 O CAMPO SEMÂNTICO DO ‘AFASTAMENTO’

No campo semântico do ‘AFASTAMENTO’, com base no *corpus* analisado, encontram-se as acepções ‘Espaço: afastamento’, ‘Tempo: afastamento’, e ‘Qualidade: afastamento – lugar abstrato’.

Essas acepções apresentam estruturas ora diferentes, ora semelhantes nas três línguas comparadas: latim, português e italiano, podendo ser assim distribuídas:

9.1.1 ‘Espaço: afastamento’

Na expressão do campo semântico ‘Espaço: afastamento’, foram encontrados três grupos.

Primeiro grupo:

‘Espaço: afastamento’ : + caso morfológico em latim e + preposição em português e italiano, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
ABLATIVO	DE	DA

Quadro 03 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Conforme se observa no quadro acima, no que concerne à acepção ‘Espaço: afastamento’, estão documentadas: no latim, relações com o caso morfológico ablativo e, nas línguas portuguesa e italiana, relações sintáticas com preposição, como se pode ver nos exemplos a seguir.

LATIM:

CASO ABLATIVO

[...] quod non posset «**Italia** Teucrorum auertere regem» [...] (CSA, 1, 42, 20)
 (‘[...] por não conseguir «afastar **de** Itália o rei dos troianos», [...]’ (CSA, 1, 43, 22))

PORTUGUÊS:

DE

Calavas-te, então, e eu continuava a afastar-me **de** ti atrás de várias e estéreis sementes de dor, com um orgulhoso abatimento [...] (CSA, 2, 57, 13-14)

ITALIANO:

DA

Tuttavia per ottenere tutti questi beni non occorre allontanarsi **da** te, Signore né deviare dalla tua legge. (CSA, 2, 51, 9-9)

(‘[...] e, todavia, para alcançar todas estas coisas não é preciso sair **de** ti, Senhor, nem desviarmo-nos da tua Lei.’ (CSA, 2, 67, 22-23))

Segundo grupo:

‘Espaço: afastamento’: + preposição em latim, + preposição em português e + preposição em italiano, conforme se observa no seguinte quadro:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS	-	-
EX	-	-
	DE	DA

Quadro 04 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: preposição em latim, em português e em italiano.

Ainda, no que se refere à acepção ‘Espaço: afastamento’, como se vê no quadro acima, também estão documentadas, no latim, no português e no italiano, relações sintáticas com preposições, como nos exemplos abaixo:

LATIM:

A/ AB/ ABS

[...] ualentibus legibus tuis miscere salubres amaritudines reuocantes nos ad te a iucunditate pestifera qua recessimus **a** te. (CSA, 1, 38, 10)

(‘[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos **de** ti.’ (CSA, 1, 39, 9))

[...] potens imponere lenem manum ad temperamentum spinarum **a** paradiso tuo secluserum? (CSA, 2, 56, 21-21)

(‘[...] e podes impor mão suave para amaciar a dureza dos espinhos excluídos **do** paraíso?’ (CSA, 2, 57, 23-23))

EX

[...] et «prodiebat tamquam **ex** adipe iniquitas mea». (CSA, 2, 64, 17)

(‘[...] e como que **da** minha gordura saia a minha iniquidade.’ (CSA, 2, 65, 19))

PORTUGUÊS:**DE**

[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos **de** ti. (CSA, 1, 39, 9)

[...] e podes impor mão suave para amaciar a dureza dos espinhos excluídos **do** paraíso? (CSA, 2, 57, 23-23))

ITALIANO:**DA**

Dalle verghe dei maestri fino alle torture dei martiri le tue leggi sanno combinare amari salubri, che ci richiamano a te dopo le dolcezze pestifere che **da** te ci hanno allontanato. (CSA, 1, 29, 33)

(‘[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos **de** ti.’ (CSA, 1, 39, 9))

[...] e sai porre uma mano leggera sulle spine bandite **dal** tuo paradiso, [...] (CSA, 2, 43, 15)

(‘[...] e podes impor mão suave para amaciar a dureza dos espinhos excluídos **do** paraíso?’ (CSA, 2, 57, 23-23))

Terceiro grupo:

‘Espaço: afastamento’ : + preposição em latim, + locução prepositiva em português e + locução prepositiva em italiano, conforme se observa no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS	-	-
	LONGE DE	LONTANO DA

Quadro 05 – Expressão do ‘Espaço: afastamento’: preposição em latim e locução prepositiva em português e em italiano.

Também, com referência ao ‘Espaço: afastamento’, no quadro 05, documenta-se, no latim, o emprego da preposição, enquanto no português e no italiano, as relações sintáticas são expressas com o emprego de locuções prepositivas, como se vê nos exemplos a seguir:

LATIM:

A/ AB/ ABS

[...] non te amabam et «fornicabar **abs** te» et fornicanti sonabat undique: [...] (CSA, 1, 34, 6)

(‘Não te amava e, **longe de** ti, cometia adultério para contigo, [...]’ (CSA, 1, 35, 8))

[...] non enim uidebam uoraginem turpitudinis, in quam «proiectus eram **ab** oculis tuis». (CSA, 1, 48, 40)

(‘Pois não via o abismo de torpeza em que era lançado **longe do** teu olhar.’ (CSA, 1, 49, 40))

PORTUGUÊS:**LONGE DE**

Não te amava e, **longe de** ti, cometia adultério para contigo, [...] (CSA, 1, 35, 8)

Pois não via o abismo de torpeza em que era lançado **longe do** teu olhar. (CSA, 1, 49, 40))

ITALIANO:**LONTANO DA**

Io non amavo te, trescavo **lontano da** te, e alle mie tresche si applaudiva da ogni parte: [...] (CSA, 1, 27, 5)

(‘Não te amava e, **longe de** ti, cometia adultério para contigo, [...]’ (CSA, 1, 35, 8))

Non scorgevo la voragine l’ignominia in cui mi ero proiettato **lontano dai** tuoi occhi. (CSA, 1, 17, 25)

(‘Pois não via o abismo de torpeza em que era lançado **longe do** teu olhar.’ (CSA, 1, 49, 40))

9.1.2 ‘Tempo: afastamento’

Na expressão do campo semântico ‘Tempo: afastamento’, foi encontrado um grupo.

‘Tempo: afastamento’ : + preposição em latim e em italiano e + locução prepositiva em português, conforme se observa no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS	-	-
	A PARTIR DE	-
	-	DA

Quadro 06 – Expressão do ‘Tempo: afastamento’: preposição em latim e em italiano e locução prepositiva em português.

LATIM:

A/ AB/ ABS

Nonne **ab** infantia huc pergens ueni in pueritiam? (CSA, 1, 22, 4)

(‘Não foi **a partir da** infância que, encaminhando-me para aqui, cheguei à puerícia?’ (CSA, 1, 23, 4))

PORTUGUÊS:

A PARTIR DE

Não foi **a partir da** infância que, encaminhando-me para aqui, cheguei à puerícia?

(CSA, 1, 23, 4)

ITALIANO:

DA

Dall’infanzia, procedendo verso l’età in cui mi trovo ora, passai dunque nella fanciullezza, se non fu piuttosto la fanciullezza a raggiungermi succedendo all’infanzia. (CSA, 1, 17, 3)

9.1.3 ‘Qualidade: afastamento’

Na expressão do campo semântico ‘Qualidade: afastamento’, foram encontrados dois grupos.

Primeiro grupo:

‘Qualidade: afastamento’ : + caso morfológico em latim e + preposição em português e italiano, conforme o quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
ABLATIVO	DE	DA

Quadro 07 – Expressão da ‘Qualidade: afastamento – lugar abstrato’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

No que se refere à ‘Qualidade: afastamento – lugar abstrato’, registram-se relações com o caso morfológico ablativo em latim e relações sintáticas com preposição em português e em italiano, como se pode observar no quadro 07 e nos seguintes exemplos:

LATIM:

ABLATIVO

[...] sed exhalabantur nebulae de limosa concupiscentia carnis et **scatebra** pubertatis

[...] (CSA, 2, 56, 1)

(‘[...] pelo contrário, exalavam-se vapores do lodo da concupiscência da carne e **do** borbulhão da puberdade, [...]’ (CSA, 2, 57, 1))

PORTUGUÊS:**DE**

[...] pelas quais me tiraste **de** todos os meus maus caminhos, para que te tornes para mim mais doce todas as seduções que eu seguia, [...] (CSA, 1, 39, 15)

ITALIANO:**DA**

[...] ed ora trai **da** questo baratro spaventoso l'anima che ti cerca, assetata delle tue gioie, [...] (CSA, 1, 35, 16)

(‘E agora livras **deste** cruel abismo a alma que te procura e que tem sede dos teus deleites, [...]’ (CSA, 1, 45, 20))

Segundo grupo:

‘Qualidade: afastamento’ : + preposição em latim, em português e em italiano, conforme o quadro que se segue:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS	-	-
DE	DE	DI
		DA

Quadro 08 – Expressão da ‘Qualidade: afastamento – lugar abstrato’: preposição em latim, em português e em italiano.

No que concerne à ‘Qualidade: afastamento – lugar abstrato’, registram-se relações com a preposição em latim, em português e em italiano, como se pode observar no quadro 08 e nos seguintes exemplos:

LATIM:

A/ AB/ ABS

[...] quos tamen caedi libenter patiuntur, si spectaculis talibus impediuntur **ab** studio, [...] (CSA, 1, 28, 3)

(‘[...] que, no entanto, de bom grado deixam açoitarem, se tais espetáculos os impedirem **do** estudo, [...]’ (CSA, 1, 29, 4))

[...] quibus eruisti me **ab** omnibus uis meis pessimis, ut dulcescas mihi super omnes seductiones, [...] (CSA, 1, 38, 13-14)

(‘[...] pelas quais me tiraste **de** todos os meus maus caminhos, para que te tornes para mim mais doce todas as seduções que eu seguia, [...]’ (CSA, 1, 39, 15))

DE

[...] et nunc eruis **de** hoc immanissimo profundo quaerentem te animam et sitientem delectationes tuas, [...] (1, 44, 17)

(‘E agora livras **deste** cruel abismo a alma que te procura e que tem sede dos teus deleites, [...]’ (1, 45, 20))

PORTUGUÊS

DE

[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me e tu me livres **de** toda a tentação até o fim. (CSA, 1, 39, 19)

ITALIANO

DA

[...] che toccano, se dagli stessi spettacoli si lasciano distrarre **dallo** studio. (CSA, 1, 21, 23)

(‘[...] que, no entanto, de bom grado deixam açoitar, se tais espetáculos os impedirem **do** estudo, [...]’ (CSA, 1, 29, 4))

DI

Che tu mi riesca piú dolce **di** tutte le attrazioni dietro a cui correvo; [...] (CSA, 1, 31, 2)

(‘[...] pelas quais me tiraste **de** todos os meus maus caminhos, para que te tornes para mim mais doce todas as seduções que eu seguia, [...]’ (CSA, 1, 39, 15))

9.2 O CAMPO SEMÂNTICO DA ‘LOCALIZAÇÃO’

No campo semântico da ‘LOCALIZAÇÃO’, com base no *corpus* analisado, encontram-se as acepções ‘Espaço: localização’, ‘Tempo: localização’ e ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’.

Essas acepções apresentam estruturas ora diferentes, ora semelhantes nas três línguas comparadas: latim, português e italiano, podendo ser assim distribuídas:

9.2.1 ‘Espaço: localização’

Na expressão do campo semântico ‘Espaço: localização’, foram encontrados três grupos.

Primeiro grupo:

‘Espaço: localização’ : + caso morfológico em latim e + preposição em português e italiano, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
ABLATIVO	EM	IN
ACUSATIVO		
		A

Quadro 09 – Expressão do ‘Espaço: localização’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Conforme se observa no quadro acima, no que concerne à acepção ‘Espaço: localização’, estão documentadas: no latim, relações com o caso morfológico ablativo e, nas línguas portuguesa e italiana, relações sintáticas com preposição, como se pode ver nos exemplos a seguir.

LATIM:

CASO ABLATIVO

Hoc enim peccabam, quod non in ipso, sed in creaturis eius me atque **ceteris** uoluptates, [...] ueritates quaerebam, atque ita inruebam in dolores, confusiones, [...] (CSA, 1, 50, 13)

(‘O meu pecado era procurar, não nele, mas nas suas criaturas, em mim e **nos** outros, prazeres, [...] e assim me precipitava na dor, na confusão [...]’ (CSA, 1, 51, 14-))

ACUSATIVO

[...] nam haec ipsa sunt, quae a paedagogis et magistris, a nucibus et piludis et passeribus, ad **praefectos** et **reges, aurum, praedia, mancipia**, [...] (CSA, 1, 48, 19-20)

(‘Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** prefeitos, **nos** reis, **no** dinheiro, [...]’ (CSA, 1, 49, 20-20-20))

PORTUGUÊS

EM

O meu pecado era procurar, não nele, mas nas suas criaturas, em mim e **nos** outros, prazeres, [...] e assim me precipitava na dor, na confusão [...] (CSA, 1, 51, 14-)

ITALIANO

IN

Il mio peccato era di non cercare in lui,, ma nelle sue creature, ossia in me stesso e **negli** altri, i diletta, i primati, precipitando così nei dolori, nelle umiliazioni, negli errori. (CSA, 1, 39, 27)

(‘O meu pecado era procurar, não nele, mas nas suas criaturas, em mim e **nos** outros, prazeres, [...] e assim me precipitava na dor, na confusão [...]’ (CSA, 1, 51, 14))

A

È sempre la stessa cosa, che dai pedagoghi e daí maestri, dalle noci e dalle pallottoline e daí passeri si trasferisce **ai** governatori e **ai** re, **all'**oro, **ai** poderi, [...]
(CSA, 1, 39, 5)

(‘Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** prefeitos, **nos** reis, **no** dinheiro, [...]’ (CSA, 1, 49, 20-20-20))

Segundo grupo:

‘Espaço: localização’: + preposição em latim, em português e em italiano, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN	EM	IN
AD	A	A
APUD	-	-
DE	-	DI
EX	-	-
INTRA		
PER		
		DA
		FRA
		SOPRA
		SU

Quadro 10 – Expressão do ‘Espaço: localização’: preposição em latim, em português e em italiano.

Como se vê no quadro 10, ainda no que se refere à acepção ‘Espaço: localização’, encontram-se documentadas: no latim, no português e no italiano relações sintáticas com preposição, como se pode observar nos exemplos que se seguem.

LATIM:

IN

Non ergo essem, deus meus, non omnino essem, nisi esses **in** me. (CSA, 1, 6, 18)
 (‘Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim.’ (CSA, 1, 7, 20))

AD

[...] nam haec ipsa sunt, quae a paedagogis et magistris, a nucibus et piludis et passeribus, **ad** praefectos et reges, aurum, praedia, mancipia, [...] (CSA, 1, 48, 19)
 (‘Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...]’ (CSA, 1, 49, 22))

APUD

[...] percipiendae gratia peregrinari, longinquioris **apud** Carthaginem peregrinationis sumptus praeparabantur animositate magis quam opibus patris, [...] (CSA, 2, 58, 23)
 (‘[...] se preparavam gastos para uma ausência mais distante **em** Cartago, mais por entusiasmo do que por recurso do meu pai, [...]’ (CSA, 2, 59, 26))

DE

[...] furta etiam faciebam **de** cellario parentum et **de** mensa uel gula imperitante uel ut haberem quod darem pueris, [...] (CSA, 1, 48, 9-9)

(‘Também cometia furtos **na** despensa e **na** mesa dos meus pais, ou porque a gula o exigia, ou para ter que dar aos rapazes que me vendiam o seu jogo, [...]’ (CSA, 1, 49, 9-10-10))

EX

[...] **ex** te quippe bona omnia, Deus, et **ex** Deo meo salus mihi uniuersa. (CSA, 1, 14, 4)

(‘[...] pois todos os bens têm origem **em** ti, Deus, e **do** meu Deus vem toda a salvação.’ (CSA, 1, 15, 8))

INTRA

[...] an illa est, quam egi **intra** uiscera matris meae? (CSA, 1, 16, 5)

(‘Porventura essa vida é aquela que vivi **nas** entranhas de minha mãe?’ (CSA, 1, 17, 7))

PER

[...] **per** uniuersas terras cum timore magno supplicatur, [...] (CSA, 1, 26, 2)

(‘[...] para evitar as quais te suplicam **em** toda a terra com grande temor, [...]’ (CSA, 1, 27, 2))

PORTUGUÊS

EM

Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim. (CSA, 1, 7, 20)

Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...] (CSA, 1, 49, 22)

[...] se preparavam gastos para uma ausência mais distante **em** Cartago, mais por entusiasmo do que por recurso do meu pai, [...] (CSA, 2, 59, 26)

Também cometia furtos **na** despensa e **na** mesa dos meus pais, ou porque a gula o exigia, ou para ter que dar aos rapazes que me vendiam o seu jogo, [...] (CSA, 1, 49, 9-10-10)

A

Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega **a** adulto, nos prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...] (CSA, 1, 49, 20)

ITALIANO**IN**

Dunque io non sarei, Dio mio, non sarei affatto, se tu non fossi **in** me. (CSA, 1, 5, 12)

(‘Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim.’ (CSA, 1, 7, 20))

Eppure nulla erro così restio a supportare, e nulla redarguivo così aspremente **negli** altri, se il sorprendevo come ciò che facevo loro; [...] (CSA, 1, 37, 38)

(‘Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** perfeitos, nos reis, no dinheiro, [...]’ (CSA, 1, 49, 22))

[...] ora si andavano raccogliendo i fondi necessari al mio trasferimento **in** una sede più remota, Cartagine, secondo le ambizioni, piuttosto che le possibilità di mio padre, [...] (CSA, 2, 45, 8)

(‘[...] se preparavam gastos para uma ausência mais distante **em** Cartago, mais por entusiasmo do que por recurso do meu pai, [...]’ (CSA, 2, 59, 26))

A

[...] volevo manifestare i miei desideri alle persone che erano in grado di soddisfarli, senza esito alcuno poiché i primi stavano nel mio interno, le secondo **all**’esterno [...] (CSA, 1, 11, 1)

(‘[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam dentro de mim e eles **fora**, [...]’ (CSA, 1, 15, 20))

DI

Tu però, Signore, sempre vivo e **di** cui nella muore [...] (CSA, 1, 11, 14)

(‘Tu, porém, Senhor, que vives sempre e nada morre **em** ti, [...]’ (CSA, 1, 15, 33))

DA

Tutti i beni derivano **da** te, Dio, dal mio Dio deriva l’intera mia salute. (CSA, 1, 9, 24)

(‘[...] pois todos os bens têm origem **em** ti, Deus, e do meu Deus vem toda a salvação.’ (CSA, 1, 15, 8))

Commisi persino qualche furto **dalla** dispensa e **dalla** tavola dei miei genitori, [...] (CSA, 1, 37, 31-32)

(‘Também cometia furtos **na** despensa e **na** mesa dos meus pais, ou porque a gula o exigia, ou para ter que dar aos rapazes que me vendiam o seu jogo, [...]’ (CSA, 1, 49, 9-10-10))

FRA

Non ho letto **fra** le tue onde de um Giove tonante e adultero? (CSA, 1, 31, 18)

(‘Não li eu **em** ti que Júpiter troveja e comete adultério?’ (CSA, 1, 41, 5))

SOPRA

[...] metre osserva **sopra** la parete un depinto, ove era raffigurata questa sana: Giove che, come si narra, fa cadere una pioggia áurea in grembo a Danae, truccato per una donna. (CSA, 1, 33, 6)

(‘[...] ao olhar um quadro pintado **na** parede, «onde estava representado como Júpiter, segundo dizem, certo dia, mandou para o regaço de Dánae uma chuva dourada» «que se tornou num embuste para essa mulher»?’ (CSA, 1, 41, 30-31))

SU

In piena notte, dopo aver protatto i nostri giochi **sulle** piazze, come usavamo fare pestiferamente, ce ne andammo, [...] (CSA, 2, 49, 21-22)

(‘[...] já de noite à hora até que tínhamos prolongado, por mau hábito, a brincadeira **nas** eiras, [...]’ (CSA, 2, 67, 3))

Terceiro grupo:

‘Espaço: localização’ : + preposição em latim e em português + locução prepositiva em português e em italiano, como se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN	EM	
INTUS		
	DENTRO DE	DENTRO DI

Quadro 11 – Expressão do ‘Espaço: localização’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em português e em italiano.

Como se pode observar no quadro 11, ainda no que se refere à acepção ‘Espaço: localização’, documentam-se: no latim relações sintáticas com preposição, no português, com preposição e com locução prepositiva, enquanto no italiano essas relações são expressas com o uso de locução prepositiva, como se pode ver nos exemplos a seguir:

LATIM

IN

Quo deus ueniat **in** me, deus, qui «fecit caelum et terram?» (CSA, 1, 6, 9)

(‘E que lugar há **em** mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, que fez o céu e a terra?’ (CSA, 1, 7, 8))

INTUS

(304) [...] et uoluntates meas uolebam ostendere eis, per quos implerentur, et non poteram, quia illae **intus** erant, foris autem illi. (CSA, 1, 14, 15)

(‘[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam **dentro de** mim e eles fora, [...]’ (CSA, 1, 15, 20))

PORTUGUÊS

EM

E que lugar há **em** mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, que fez o céu e a terra? (CSA, 1, 7, 8)

DENTRO DE

[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam **dentro de** mim e eles fora, [...] (CSA, 1, 15, 20))

ITALIANO

DENTRO DI

[...] ma esiste **dentro di** me un luogo, ove il mio Dio possa venire dentro di me, Dio, Dio, che credè il cielo e la terra? (CSA, 1, 5, 15)

(‘E que lugar há **em** mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, que fez o céu e a terra?’ (CSA, 1, 7, 8))

9.2.2 ‘Tempo: localização’

Na expressão do campo semântico ‘Tempo: localização’, foi encontrado um grupo.

‘Tempo: localização’: + caso morfológico em latim e + preposição em português e em italiano, conforme se observa no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
ABLATIVO	EM	IN

Quadro 12 – Expressão do ‘Tempo: localização’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Como se verifica no quadro 12, no que concerne à acepção ‘Tempo: localização’, estão documentados no latim o caso morfológico, enquanto, no português e no italiano, observa-se o emprego do caso sintático marcado com o auxílio da preposição, conforme se vê nos exemplos a seguir.

LATIM

ABLATIVO

Sed ubi **sexto illo et decimo anno** interposito otio ex necessitate domestica feriatu ab omni schola cum parentibus esse coepi, [...] (CSA, 2, 60, 15)

(‘Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...]’ (CSA, 2, 61, 19-20))

PORTUGUÊS

EM

Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...] (CSA, 2, 61, 19-20)

ITALIANO

IN

Quando però **nel** corso di quel sedicesimo anno tornai presso i miei genitori [...] senza alcun impegno scolastico [...] (CSA, 2, 45, 27)

(‘Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...]’ (CSA, 2, 61, 19-20))

9.2.3 ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’

Na expressão do campo semântico ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’, foram encontrados quatro grupos.

Primeiro grupo:

‘Qualidade: localização’: + caso morfológico em latim e + preposição em português e italiano, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
ABLATIVO	EM	IN
ACUSATIVO		
		CON
		DI
		MEDIANTE
		SU

Quadro 13 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Conforme se observa no quadro acima, no que concerne à acepção ‘Qualidade: localização’, estão documentadas: no latim, relações com o caso morfológico ablativo e acusativo e, nas línguas portuguesa e italiana, relações sintáticas com preposição, como se pode notar nos exemplos a seguir.

LATIM

ABLATIVO

[...] prensabam **memoria**, cum ipsi appellabant rem aliquam et cum secundum eam uocem corpus ad aliquid mouebant, [...] (CSA, 1, 22, 15)

(‘Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...]’ (CSA, 1, 23, 17))

[...] ita uerba in uariis sententiis **locis suis posita** et crebro audita quarum rerum signa essent paulatim [...] (CSA, 1, 22, 23)

(‘Assim ia eu deduzindo pouco a pouco de que coisas eram signos as palavras colocadas nas várias frases **em** posição apropriada [...]’ (CSA, 1, 23, 28))

[...] si tranquillitas in eis non poterat esse **fine** procreandorum liberorum contenta, sicut praescribit lex tua, [...] (CSA, 2, 56, 18)

(‘[...] se não podia neles encontrar a tranqüilidade contida **no** objetivo de procriar filhos, segundo o que prescreve a tua Lei, [...]’ (CSA, 2, 57, 19-20))

[...] ut in hoc saeculo florerem et excellerem linguosis **artibus** ad honorem hominum et falsas diuitias famulantibus, [...] (CSA, 1, 24, 5)

(‘[...] a fim de prosperar neste mundo e me distinguir **nas** artes da tagarelice que servem a glória humana e as falsas riquezas.’ (CSA, 1, 25, 6))

[...] ut scilicet illa **exercitatione** scelerum capta urbe honores, imperia, diuitias assequeretur, [...] (CSA, 2, 68, 16)

(‘Para que, treinado **na** prática de crimes, uma vez tomada a cidade, se apoderasse de honras, poderes e riquezas, [...]’ (CSA, 2, 69, 19))

ACUSATIVO

Quousque uolues Euae filios in mare magnum et formidulosum, quod uix transeunt qui **lignum** conscenderint? (CSA, 1, 40, 4)

(‘Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado **no** lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 5))

PORTUGUÊS

EM

Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...] (CSA, 1, 23, 17)

Assim ia eu deduzindo pouco a pouco de que coisas eram signos as palavras colocadas nas várias frases **em** posição apropriada [...] (CSA, 1, 23, 28)

Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado **no** lenho da cruz? (CSA, 1, 41, 5)

[...] se não podia neles encontrar a tranqüilidade contida **no** objetivo de procriar filhos, segundo o que prescreve a tua Lei, [...] (CSA, 2, 57, 19-20)

Para que, treinado **na** prática de crimes, uma vez tomada a cidade, se apoderasse de honras, poderes e riquezas, [...] (CSA, 2, 69, 19)

ITALIANO

CON

Afferravo **con** la memoria: quando i circostanti chiamavano con un certo nome un certo oggetto e si accostavano all'oggetto designato, [...] (CSA, 1, 17, 17)

(‘Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...]’ (CSA, 1, 23, 17))

IN

Cosí le parole che ricorrevano sempre a un dato posto **nella** varietà delle frasi, e che udivo di freqüente, [...] (CSA, 1, 17, 27)

(‘Assim ia eu deduzindo pouco a pouco de que coisas eram signos as palavras colocadas **nas** várias frases em posição apropriada [...]’ (CSA, 1, 23, 28))

[...] a chi voleva rendermi prospero nel mondo ed eminente **nelle** arti linguacciate, provveditrici di onori e ricchezze false tra gli uomini. (CSA, 1, 19, 2)

(‘[...] a fim de prosperar neste mundo e me distinguir **nas** artes da tagarelice que servem a glória humana e as falsas riquezas.’ (CSA, 1, 25, 6))

DI

[...] se non potevano placarsi, entro i termini **della** procreazione di una parole secondo il precetto della tua legge? (CSA, 2, 43, 13)

(‘[...] se não podia neles encontrar a tranqüilidade contida **no** objetivo de procriar filhos, segundo o que prescreve a tua Lei, [...]’ (CSA, 2, 57, 19-20))

MEDIANTE

Evidentemente per ottenere **mediante** la pratica dei delitti e una volta padrone **della** città onori, potere, ricchezze; [...] (CSA, 2, 53, 11)

(‘Para que, treinado **na** prática de crimes, uma vez tomada a cidade, se apoderasse **de** honras, poderes e riquezas, [...]’ (CSA, 2, 69, 19))

SU

Fino a quando non ti seccherai, fino a quando travolgerai i figli di Eva nel vasto e terribile mare, che appena riescono a traversare coloro che si sono imbarcati **sul** legno? (CSA, 1, 31, 15)

(‘Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado **no** lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 5))

Segundo grupo:

‘Qualidade: localização’ : + preposição em latim, em português e em italiano, conforme se vê no quadro que se segue:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN	EM	IN
APUD	-	-
DE	-	DI
PER	-	-
-	A	A
		DA
		SU
		TRA

Quadro 14 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: preposição em latim, em português e em italiano.

Conforme se vê no quadro 14, no que se refere à acepção ‘Qualidade: localização’, estão documentadas, no latim, no português e no italiano, relações sintáticas com preposição, como se pode notar nos seguintes exemplos:

LATIM

IN

[...] non dico sicut **in** aequitate atque prudentia, sed neque sicut **in** mente hominis
 [...] (CSA, 2, 70, 8)

(‘[...] já não digo como aquela que há **na** equidade e na prudência, nem sequer como a que há **na** mente do homem, [...]’ (CSA, 2, 71, 9-10))

Sed nunc **in** anima mea clamet deus meus, et ueritas tua dicat mihi: [...] (CSA, 1, 34, 15)

(‘Mas agora, que o meu Deus clame **dentro da** minha alma, e que a tua verdade me diga: [...]’ (CSA, 1, 35, 20))

APUD

Neque enim tibi, deus meus, sed **apud** te narro haec generi meo, [...] (CSA, 2, 60, 1)

(‘Não é a ti, meu Deus, mas é **na** tua presença que eu conto isto aos da minha espécie, [...]’ (CSA, 2, 61, 1))

DE

[...] et peccabamus tamen minus scribendo aut legendo aut cogitando **de** litteris, quam exigebatur a nobis [...] (1, 26, 8)

(‘[...] e todavia pecávamos escrevendo ou lendo ou pensando **nas** letras menos do que exigiam de nós.’ (1, 27, 8))

PER

[...] **per** uniuersas terras cum timore magno supplicatur, [...] (CSA, 1, 26, 2)

(‘[...] para evitar as quais te suplicam **em** toda a terra com grande temor, [...]’ (CSA, 1, 27, 2))

PORTUGUÊS

EM

[...] já não digo como aquela que há **na** equidade e na prudência, nem sequer como a que há **na** mente do homem, [...] (CSA, 2, 71, 9-10)

A

Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega **a** adulto, nos prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...] (CSA, 1, 49, 20-20-20)

ITALIANO**IN**

[...] non dicola bellezza insita **nella** giustizia e **nella** saggezza, o nell'intelletto umano, nella memoria, nella sensibilità [...] (CSA, 2, 53, 31-32)

(‘[...] já não digo como aquela que há **na** equidade e na prudência, nem sequer como a que há **na** mente do homem, [...]’ (CSA, 2, 71, 9-10))

DI

[...] mentre non piange sulla morte propria, che avveniva per non amare te, Dio e lume del mio cuore, pane **della** interiore della mia anima, [...] (CSA, 1, 27, 3)

(‘[...] mas não chorando a sua própria morte, que se consumava não te amando, Deus, luz do meu coração e pão da minha boca **no** íntimo da minha alma, [...]’ (CSA, 1, 35, 5))

A

Anzi quel mio padre, al vedermi un giorno **ai** bagni ormai cresciuto e già ricoperto daí segni dell'adolescenza inquieta, [...] (CSA, 2, 45, 33)

(‘Mais ainda, quando o meu pai me viu **nos** banhos já púbere e revestido da inquieta adolescência, [...]’ (CSA, 2, 61, 22))

DA

Quale frutto raccolsi allora, miserabile, da ciò che ora rievoco non senza arrosire, e specialmente **da** quel furto ove amai solo il furto e null'altro? (CSA, 2, 57, 28)

(‘Que fruto tive eu, pobre de mim, algum dia, naquelas coisas que agora me envergonho de recordar, sobretudo, **naquele** furto em que amei o furto em si.’ (CSA, 2, 75, 21-21))

SU

Sulla soglia de una simile scuola di moralità io, povero fanciullo, erro disteso; [...] (CSA, 1, 37, 18)

(‘Eu, pobre criança, jazia **no** limiar destes hábitos, [...]’ (CSA, 1, 47, 29))

TRA

[...] e mi agitavo, mi sperdevo, mi spandevò, smaniavo **tra** le mie fornicazioni; e tu tacevi. (CSA, 2, 43, 3)

(‘[...] e eu derramava-me, e dispersava-me, e fervilhava **nas** minhas fornicações, e tu ficavas calado.’ (CSA, 2, 57, 11))

Terceiro grupo:

Um terceiro grupo ‘Qualidade: localização’ constitui-se de + preposição em português e em italiano enquanto em latim, emprega-se a locução prepositiva, conforme se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
USQUE AD		
	EM	
		A

Quadro 15 – Expressão da ‘Qualidade: localização – lugar abstrato’: locução prepositiva em latim e preposição em português e em italiano.

Conforme se vê no quadro acima, ainda no que se refere à acepção ‘Qualidade: localização’, está documentada, em latim, a locução prepositiva, enquanto no português e no italiano, registram-se relações sintáticas com preposição, como se pode ver nos seguintes exemplos:

LATIM

USQUE AD

Sed tu mihi per eas dabas alimentum infantiae secundum institutionem tuam et diuitias **usque ad** fundum rerum dispositas. (CSA, 1, 12, 22)

(‘[...] eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas **no** íntimo das coisas.’ (CSA, 1, 15, 2))

PORTUGUÊS

EM

[...] eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas **no** íntimo das coisas. (CSA, 1, 15, 2)

ITALIANO

A

[...] bensí eri tu che per mezzo loro alimentavi la mia infanzia, secondo il critério com cui hai distribuito le tue ricchezze sino **al** fondo dell'universo. (CSA, 1, 9, 18)
 ('[...] eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas **no** íntimo das coisas.' (CSA, 1, 15, 2))

Quarto grupo:

Um quarto grupo 'Qualidade: localização' é constituído de + preposição em latim e em italiano enquanto em português, usa-se a locução prepositiva, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN		IN
	DENTRO DE	

Quadro 16 – Expressão da 'Qualidade: localização – lugar abstrato': locução prepositiva em português e preposição em latim e em italiano.

De acordo com o quadro 16, ainda no que concerne à acepção 'Qualidade: localização', está documentada, em latim e em italiano, a preposição, enquanto no português, registra-se o emprego de locução prepositiva, como se pode observar nos seguintes exemplos:

LATIM**IN**

Sed nunc **in** anima mea clamet deus meus, et ueritas tua dicat mihi: [...] (CSA, 1, 34, 15)

(‘Mas agora, que o meu Deus clame **dentro da** minha alma, e que a tua verdade me diga: [...]’ (CSA, 1, 35, 20))

PORTUGUÊS**DENTRO DE**

Mas agora, que o meu Deus clame **dentro da** minha alma, e que a tua verdade me diga: [...] (CSA, 1, 35, 20)

ITALIANO**IN**

Ma ora **nell’**anima mia gridi il mio Dio, la tua verità mi dica che non è così, [...] (CSA, 1, 27, 17)

(‘Mas agora, que o meu Deus clame **dentro da** minha alma, e que a tua verdade me diga: [...]’ (CSA, 1, 35, 20)

9.3 O CAMPO SEMÂNTICO DA ‘DIREÇÃO’

No campo semântico da ‘DIREÇÃO’, com base no *corpus* analisado, encontram-se as acepções ‘Espaço: direção’, ‘Tempo: direção’, ‘Tempo: direção – limite final’ e ‘Qualidade: direção – lugar abstrato’.

Essas acepções apresentam estruturas ora diferentes, ora semelhantes nas três línguas comparadas: latim, português e italiano, podendo ser assim distribuídas:

9.3.1 ‘Espaço: direção’

Na expressão do campo semântico ‘Espaço: direção’, foram encontrados quatro grupos.

Primeiro grupo:

‘Espaço: direção’ : + caso morfológico em latim e + preposição em português e italiano, conforme se vê no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
DATIVO	A	A
	PARA	PER

Quadro 17 – Expressão do ‘Espaço: direção’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Como pode ser observado no quadro acima, no que concerne à acepção ‘Espaço: direção’, estão documentados: no latim, relações com o caso morfológico dativo e, nas línguas portuguesa e italiana, relações sintáticas com preposição, como nos exemplos a seguir.

LATIM:**CASO DATIVO**

Quid **tibi** sum ipse, ut amari te iubeas a me et, nisi faciam, [...] (CSA, 1, 10, 13)

(‘Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...]’ (CSA, 1, 11, 14))

[...] estne quisquam, domine, tam magnus animus, praegrandi affectu **tibi** cohaerens, estne, inquam, quisquam [...] (CSA, 1, 24, 25)

(‘Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido **a** ti com tão grande amor, [...]’ (CSA, 1, 25, 26))

PORTUGUÊS**A**

Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido **a** ti com tão grande amor, [...] (CSA, 1, 25, 26)

PARA

Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...] (CSA, 1, 11, 14)

ITALIANO**A**

Esiste, Signore, un cuore cosí grande, unito **a** te da straordinario amore, esiste dico, un uomo, [...] (CSA, 1, 19, 21)

(‘Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido **a** ti com tão grande amor, [...]’ (CSA, 1, 25, 26))

PER

E cosa sono io stesso **per** te, perché tu mi comandi di amarti e ti adire verso di me [...] (CSA, 1, 7, 21)

(‘Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...]’ (CSA, 1, 11, 14))

Segundo grupo:

‘Espaço: direção’: + preposição em latim, + preposição em português e + preposição em italiano, conforme se observa no seguinte quadro:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
AD	A	A
A/ AB/ ABS		
IN		IN
APUD		
	PARA	PER
		DA
		VERSO

Quadro 18 – Expressão do ‘Espaço: direção’: preposição em latim, em português e em italiano.

Ainda, no que concerne à acepção ‘Espaço: direção’, como se vê no quadro acima, também estão documentadas, no latim, no português e no italiano, relações sintáticas com preposições, como nos exemplos a seguir:

LATIM:

AD

Non enim pedibus aut spatiis locorum itur abs te aut reditur **ad** te [...] (CSA, 1, 44, 21)

(‘Na verdade, não é com os pés nem com afastamento local que nos vamos embora de junto de ti ou voltamos **a** ti, [...]’ (CSA, 1, 45, 26))

A/ AB/ ABS

[...] sicut audiui **a** parentibus carnis meae, ex quo et in qua me formasti in tempore; [...] (CSA, 1, 12, 17-18-18-18)

(‘[...] tal como ouvi contar **aos** pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; [...]’ (CSA, 1, 13, 18-19-19-20))

IN

[...] inde **in** scholam datus sum, ut discerem litteras, in quibus quid utilitatis esset ignorabam miser, [...] (CSA, 1, 24, 7)

(‘A seguir fui entregue **à** escola para aprender as letras, nas quais, pobre de mim, eu ignorava que utilidade havia. (CSA, 1, 25, 8)

APUD

[...] tu es et deus et dominusque omnium, quae creasti, et **apud** te rerum omnium instabilium stant causae [...] (CSA, 1, 14, 29)

([...] tu és , e és Deus, e Senhor de todas as coisas que criaste, e **junto de** ti estão as causas de todas as coisas instáveis [...] (CSA, 1, 15, 35)

PORTUGUÊS:**A**

[...] tal como ouvi contar **aos** pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; [...] (CSA, 1, 13, 18)

PARA

[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar **para** ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos de ti. (CSA, 1, 39, 8)

ITALIANO**A**

Da te ci allontaniamo e **a** te torniamo senga muovere I predi, [...] (CSA, 1, 35, 20)

(‘Na verdade, não é com os pés nem com afastamento local que nos vamos embora de junto de ti ou voltamos **a** ti, [...]’ (CSA, 1, 45, 26))

IN

Fino a quando non ti seccherai, fino a quando travolgerai i figli di Eva **nel** vasto e terribile mare, che appena riescono a traversare coloro che si sono imbarcati sul legno? (CSA, 1, 31, 16)

(‘Até quando arrastarás os filhos de Eva **para** este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 3))

Perciò tu, re nostro, **nella** statura dei fanciulli hai approvato soltanto il símbolo dell’umiltà, [...] (CSA, 1, 39, 8)

(‘Por isso, tu, nosso rei, apontaste **para** a estatura da criança como símbolo de humildade, quando disseste: [...]’ (CSA, 1, 49, 24))

PER

Venimmo via con un carico ingente e non già **per** mangiarne noi stessi, ma per gettarli addirittura ai porci. (CSA, 2, 49, 35)

(‘[...] trouxemos enormes quantidades, não **para** os nossos banquetes, mas para as deitarmos aos porcos, [...]’ (CSA, 2, 67, 4))

DA

[...] per quanto mi fu dato **dai** genitori della mia carne, dall’uno dei quali ricavasti, mentre nell’altra mi desti una forma nel tempo. (CSA, 1, 9, 12)

(‘[...] tal como ouvi contar **aos** pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; [...]’ (CSA, 1, 13, 18))

VERSO

[...] anch'io cercavo le cose estreme della tua creazione, dopo aver abbandonato te, terra che si piegava **verso** terra; [...] (CSA, 1, 27, 12)

(‘[...] seguindo eu próprio em direção ao mais ínfimo da criação, abandonando-te, e, como terra que era, dirigindo-me **para** a terra.’ (CSA, 1, 35, 16))

Terceiro grupo:

‘Espaço: direção’: + locução prepositiva em latim, em português e em italiano, como se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
LONGIUS A	PARA LONGE DE	LONTANO DA

Quadro 19 – Expressão do ‘Espaço: direção’: locução prepositiva em latim, em português e em italiano.

Também, com referência ao ‘Espaço: direção’, como se observa no quadro 19 , documentam-se, no latim, no português e no italiano, relações sintáticas com locução prepositiva, como nos exemplos a seguir:

LATIM:**LONGIUS A**

[...] et ibam **longius a** te, et sinebas, et iactabar et effundebar [...] (CSA, 2, 56, 8)

(‘[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...]’ (CSA, 2, 57, 9))

PORTUGUÊS:**PARA LONGE DE**

[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...] (CSA, 2, 57, 9)

ITALIANO:**LONTANO DA**

[...] procedevo sempre piú **lontano da** te, ove mi lasciavi andare, e mi agitavo, mi sperdevo, [...] (CSA, 2, 43, 2)

(‘[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...]’ (CSA, 2, 57, 9))

Quarto grupo:

‘Espaço: direção’: + preposição em latim e em português e + locução prepositiva em italiano, como se observa no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS		
	PARA	
		SENZA DI

Quadro 20 – Expressão do ‘Espaço: direção’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano.

Ainda, com referência ao ‘Espaço: direção’, como se vê no quadro 21, documentam-se, no latim e no português, relações sintáticas com preposição e, em italiano, relações com locução prepositiva, como nos exemplos abaixo:

LATIM:

[...] et occidis nos, ne moriamur **abs** te. (CSA, 2, 58, 12)

(‘[...] e nos matas para não morrermos **para** ti.’ (CSA, 2, 59, 13))

PORTUGUÊS

[...] e nos matas para não morrermos **para** ti. (CSA, 2, 59, 13)

ITALIANO

[...] e ci uccidi per non lasciarci morire **senza di** te. (CSA, 2, 43, 35)

(‘[...] e nos matas para não morrermos **para** ti.’ (CSA, 2, 59, 13))

9.3.2 ‘Tempo: direção’

Na expressão do campo semântico ‘Tempo: direção’, foram encontrados três grupos.

Primeiro grupo:

‘Tempo: direção’ : + preposição em latim, em português e em italiano, conforme se observa no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN		
PRO	PARA	PER
	A	A

Quadro 21 – Expressão do ‘Tempo: direção’: preposição em latim, em português e em italiano.

Com relação ao ‘Tempo: direção’, como se pode verificar no quadro 21, documentam-se relações com preposição em latim, em português e em italiano, como se vê nos exemplos a seguir:

LATIM:

IN

[...] innouans omnia et **in** uetustatem producens» superbos «et nesciunt»; [...] (CSA, 1, 8, 21)

(‘[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...]’ (CSA, 1, 9, 24))

PRO

[...] non enim deerat, domine, memoria uel ingenium, quae nos habere uoluisti **pro** illa aetate satis, [...] (CSA, 1, 26, 11)

(‘Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade.’ (CSA, 1, 27, 10))

PORTUGUÊS:

PARA

Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade. (CSA, 1, 27, 10)

A

[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...] (CSA, 1, 9, 24)

ITALIANO:**PER**

Vi trovammo per altro, Signore, alcuni uomini che ti pregavano, e da loro venimmo a conoscere, **per** il [...] (CSA, 1, 27)

(‘Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade.’ (CSA, 1, 27, 10))

A

[...] rinnovatore di ogni cosa, che a loro insaputa porti i superbi **alla** decrepitezza; [...] (CSA, 1, 7, 6)

(‘[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...]’ (CSA, 1, 9, 24))

Segundo grupo:

‘Tempo: direção – limite final’: + locução prepositiva em latim, em português e em italiano, conforme se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
USQUE IN		
	ATÉ A	
		FINO A

Quadro 22 – Expressão do ‘Tempo: direção’: preposição em latim e locução prepositiva em português e em italiano.

Com relação ao ‘Tempo: direção – limite final’, como se pode verificar no quadro 22, documentam-se relações com preposição em latim e com locução prepositiva em português e em italiano, como se verifica nos seguintes exemplos:

LATIM:

USQUE IN

[...] et amem te ualidissime et amplexer manum tuam totis praecordiis meis et eruas ab omni temptatione **usque in** finem, [...] (CSA, 1, 38, 17)

(‘[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação **até ao** fim.’ (CSA, 1, 39, 19))

PORTUGUÊS

ATÉ A

[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação **até ao** fim. (CSA, 1, 39, 19)

ITALIANO

FINO A

[...] che io ti ami fortissimamente e stringa com tutto il mio intimo essere la tua mano, che tu mi scampi da ogni tentazione **fino alla** fine! (CSA, 2, 31, 4)

(‘[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação **até ao** fim.’ (CSA, 1, 39, 19))

Terceiro grupo:

‘Tempo: direção – limite final’: + preposição em latim e em português e + locução prepositiva em italiano, como se observa no seguinte quadro:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
USQUE		
	ATÉ	
		FINO A

Quadro 23 – Expressão do ‘Tempo: direção – limite final’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano.

Com relação ao ‘Tempo: direção – limite final’, como se pode observar no quadro 23, documentam-se relações com preposição em latim e em português e com locução prepositiva em italiano, como se vê nos seguintes exemplos:

LATIM:

USQUE

Quousque uolues Euae filios in mare magnum et formidulosum, quod uix transeunt qui lignum conscenderint? (CSA, 1, 40, 2)

(‘**Até** quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 3))

PORTUGUÊS:**ATÉ**

Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz? (CSA, 1, 41, 3)

ITALIANO:**FINO A**

Fino a quando non ti seccherai, **fino a** quando travolgerai i figli di Eva nel vasto e terribile mare, che appena riescono a traversare coloro che si sono imbarcati sul legno? (CSA, 1, 31, 15)

(‘**Até** quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 3))

9.3.3 ‘Qualidade: direção’

Na expressão do campo semântico ‘Qualidade: direção’, foram encontrados seis grupos.

Primeiro grupo:

‘Qualidade: direção’ : + caso morfológico em latim e + preposição em português e em italiano, conforme se verifica no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
DATIVO		
ACUSATIVO		
	A	A
		PER
		DI
		IN
		DA
		SU

Quadro 24 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: caso morfológico em latim e preposição em português e em italiano.

Com relação à ‘Qualidade: direção’, como se pode verificar no quadro acima, documentam-se relações com os casos morfológicos dativo e acusativo em latim e com preposição em português e em italiano, como se observa nos exemplos a seguir:

LATIM:**DATIVO**

[...] nam puer coepi rogare te, «auxilium et refugium meum», et in tuam inuocationem rumpebam nodos **linguae meae** [...] (CSA, 1, 24, 18)

(‘Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas **à** minha língua [...]’ (CSA, 1, 25, 19))

Timor insolita et repentina exhorrescit **rebus**, quae amantur, [...] (CSA, 2, 72, 3)

(‘O temor abomina o insólito e o inesperado, contrários **às** coisas que são amadas, [...]’ (CSA, 2, 73, 4))

ACUSATIVO

[...] et careret metu legume et difficultate rerum propter «inopiam rei familiaris et **conscientiam** scelerum. (CSA, 2, 68, 18)

(‘[...] e não tivesse medo das leis nem dificuldades na vida, devido à escassez do seu património e **à** consciência dos seus crimes.’ (CSA, 2, 69, 22))

PORTUGUÊS:**A**

Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas **à** minha língua [...] (CSA, 1, 25, 19)

Tu, Senhor, és meu rei e meu Deus, **ao** teu serviço esteja o que de útil aprendi em criança, ao teu serviço o que falo, [...] (CSA, 1, 39, 20)

ITALIANO:**A**

Ecco, non sei tu, Signore, il mio re e il mio Dio? **Al** tuo servizio sai rivolto quanto di utile imparai da fanciullo, sia rivolta la mia capacita di parlare [...] (CSA, 1, 31, 5-6)

(‘Tu, Senhor, és meu rei e meu Deus, **ao** teu serviço esteja o que de útil aprendi em criança, ao teu serviço o que falo, [...]’ (CSA, 1, 39, 20))

PER

Io me dispersi lontano da te ed errai, Dio mio, durante la mia adolescenza per vie troppo remote dalla tua solida roccia. Così divenni **per** me reggione di miseria. (CSA, 2, 61, 5)

(‘Afastei-me de ti e andei errante na adolescência, meu Deus, muitíssimo fora do caminho da tua estabilidade, e tornei-me **para** mim mesmo um terreno de indigência.’ (CSA, 2, 79, 7))

DI

Così, fanciullo, incominciasti a pregarti, soccorso e refugio mio Scioglievo per invocarti i nodi **della** mia lingua, [...] (CSA, 1, 19, 15)

(‘Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas **à** minha língua [...]’ (CSA, 1, 25, 19))

IN

[...] e nulla redarguivo così aspramente **negli** altri, [...] (CSA, 1, 37, 38)

(‘[...] se o descobrisse, como aquilo que fazia **aos** outros?’ (CSA, 1, 49, 16))

DA

[...] per liberarsidal timore delle leggi e dalle angustie che gli derivavano dall’esiguità del patrimonio e **dal** rimorso dei delitti. (CSA, 2, 53, 14)

(‘[...] e não tivesse medo das leis nem dificuldades na vida, devido à escassez do seu património e **à** consciência dos seus crimes.’ (CSA, 2, 69, 22))

SU

La pavidità trema, nella sua ricerca di sicurezza, dei pericoli insoliti e repentini che incombono **sugli** oggetti d’amore; [...] (CSA, 2, 55, 24)

(‘O temor abomina o insólito e o inesperado, contrários **às** coisas que são amadas, [...]’ (CSA, 2, 73, 4))

Segundo grupo:

‘Qualidade: direção’ : + preposição em latim, em português e em italiano, conforme se pode observar no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
AD	A	A
IN		IN
PER	PARA	PER
		DI

Quadro 25 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim, em português e em italiano.

Com relação à ‘Qualidade: direção’, como se pode verificar no quadro acima, documentam-se relações com preposição em latim, em português e em italiano, como se observa nos exemplos a seguir:

LATIM:

AD

[...] quantum enim attinet **ad** obliuionis meae tenebras, par illi est, quam uixi in matris utero. (CSA, 1, 20, 28)

(‘Com efeito, a parte que corresponde **às** trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

IN

Quis dabit mihi ut uenias **in** cor meum et inebries illud, [...] (CSA, 1, 10, 10)

(‘Quem fará com que venhas **ao** meu coração e o inebries, [...]’ (CSA, 1, 11, 12))

[...] te, domine Iesu, confitens **in** remissionem peccatorum, nisi statim recreatus essem. (CSA, 1, 28, 22)

(‘[...] crendo em ti, Senhor Jesus, **para** a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente.’ (CSA, 1, 29, 24))

PER

[...] quantum enim attinet ad obliuionis meae tenebras, **per** illi est, quam uixi in matris utero. (CSA, 1, 20, 29)

(‘Com efeito, a parte que corresponde às trevas do meu esquecimento equivale **àquela** vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

PORTUGUÊS:

A

Com efeito, a parte que corresponde **às** trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe. (CSA, 1, 21, 32)

Quem fará com que venhas **ao** meu coração e o inebries, [...] (CSA, 1, 11, 12)

PARA

[...] crendo em ti, Senhor Jesus, **para** a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente. (CSA, 1, 29, 24)

ITALIANO:

A

Guarda poi come, dietro il magistério celeste, diremmo egli si ecciti **al** piacere: [...] (CSA, 1, 33, 10)

(‘E vê como ele se excita **à** luxúria, como que levado pelo celeste magistério: [...]’ (CSA, 1, 43, 2-2))

IN

[...] chi ti fará venire **nel** mio cuore a inebriarlo? (CSA, 1, 7, 18)

(‘Quem fará com que venhas **ao** meu coração e o inebries, [...]’ (CSA, 1, 11, 12))

PER

Per oscurità e oblio non è da meno di quella che vissi nel grembo di mia madre; [...] (CSA, 1, 15, 37)

(‘Com efeito, a parte que corresponde às trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

[...] da cui fossi mandato confessando te, Signore Gesù, **per** la remissione dei peccati, quando improvvisamente mi ripresi. (CSA, 1, 23, 7)

(‘[...] crendo em ti, Senhor Jesus, **para** a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente.’ (CSA, 1, 29, 24))

DI

Per oscurità e oblio non è da meno **di** quella che vissi nel grembo di mia madre; [...] (CSA, 1, 15; 38)

(‘Com efeito, a parte que corresponde às trevas do meu esquecimento equivale **àquela** vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

Terceiro grupo:

‘Qualidade: direção’ : + locução prepositiva em latim e + preposição em português e em italiano, conforme se pode ver no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
USQUE AD		
	PARA	
		AD

Quadro 26 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: locução prepositiva em latim e preposição em português e em italiano.

Ainda com relação à ‘Qualidade: direção’, encontram-se documentadas, como se verifica no quadro 26, relações com locução prepositiva em latim e com preposição em português e em italiano, como se vê nos exemplos a seguir:

LATIM:

USQUE AD

[...] sed non tenebatur modus ab animo **usque ad** animum, quatenus est luminosus limes amicitiae, [...] (CSA, 2, 54, 13)

(‘Mas eu não mantinha uma relação de alma **para** alma, dentro dos limites luminosos da amizade, [...]’ (CSA, 2, 55, 16))

PORTUGUÊS:

PARA

Mas eu não mantinha uma relação de alma **para** alma, dentro dos limites luminosos da amizade, [...] (CSA, 2, 55, 16)

ITALIANO:

AD

Ma non mi tenevo nei limiti della devozione di anima **ad** anima, fino al confine luminoso dell’amicizia. [...] (CSA, 2, 41, 17)

(‘Mas eu não mantinha uma relação de alma **para** alma, dentro dos limites luminosos da amizade, [...]’ (CSA, 2, 55, 16))

Quarto grupo:

‘Qualidade: direção’ : + preposição em latim e + locução prepositiva em português e em italiano, conforme se pode observar no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN		
	PARA DENTRO DE	DENTRO DI

Quadro 27 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e locução prepositiva em português e em italiano.

Com relação à ‘Qualidade: direção’, no quarto grupo, encontram-se documentadas, como se verifica no quadro 27, relações com preposição em latim e com locução prepositiva em português e em italiano, como se vê nos seguintes exemplos:

LATIM:

IN

[...] et quomodo inuocabo deum meum, deum et dominum meum, quoniam utique **in** me ipsum eum uocabo, cum inuocabo eum? (CSA, 1, 6, 7)

(‘E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é **para dentro de** mim mesmo que o invoco, quando invoco?’ (CSA, 1, 7, 7))

PORTUGUÊS:

PARA DENTRO DE

E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é **para dentro de** mim mesmo que o invoco, quando invoco? (CSA, 1, 7, 7)

ITALIANO:**DENTRO DI**

Ma come invocarei l mio Dio, il Dio mio Signore? Invocarlo sara comunque invitarlo **dentro di** me; [...] (CSA, 1, 3, 22)

(‘E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é **para dentro de** mim mesmo que o invoco, quando invoco?’ (CSA, 1, 7, 7))

Quinto grupo:

‘Qualidade: direção’ : + preposição em latim e em italiano e + locução prepositiva em português, conforme se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
DE		DI
PRO		
AD		A
	EM DIREÇÃO A	
	PARA COM	
	EM RELAÇÃO A	
		PER

Quadro 28 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e em italiano e locução prepositiva em português.

Com relação à ‘Qualidade: direção’, no quinto grupo, encontram-se documentadas, como se vê no quadro acima, relações com preposição em latim e em italiano e com locução prepositiva em português, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM:**DE**

[...] ille, quia **de** te prope nihil cogitabat, **de** me autem inania, [...] *CSA*, (2, 64, 8-9)
 (‘[...] ele, porque quase nada pensava **em relação a** ti, e muitas coisas frívolas **em relação a** mim; [...]’ (*CSA*, 2, 65, 10-11))

PRO

[...] multorum enim ciuium longe opulentiorum nullum tale negotium **pro** liberis erat, [...] (*CSA*, 2, 60, 10)
 (‘Muitos cidadãos de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude **para com** os seus filhos, [...]’ (*CSA*, 2, 61, 13))

AD

[...] prensabam memoria, cum ipsi appellabant rem aliquam et cum secundum eam uocem corpus **ad** aliquid mouebant, [...] (*CSA*, 1, 22, 16)
 (‘Fixava na memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo **em direção a** alguma coisa, [...]’ (*CSA*, 1, 23, 19))

PORTUGUÊS:**EM DIREÇÃO A**

Fixava na memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo **em direção a** alguma coisa, [...] (*CSA*, 1, 23, 19)

PARA COM

Muitos cidadãos de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude **para com** os seus filhos, [...] (CSA, 2, 61, 13)

EM RELAÇÃO A

[...] ele, porque quase nada pensava **em relação a** ti, e muitas coisas frívolas **em relação a** mim; [...] (CSA, 2, 65, 10-11)

ITALIANO:

A

Afferravo con la memoria: quando i circostanti chiamavano con un certo nome un certo oggetto e si accostavano **all'**oggetto designato, [...] (CSA, 1, 17, 19)
(‘Fixava na memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo **em direção a** alguma coisa, [...]’ (CSA, 1, 23, 19))

DI

[...] l’uno perché **di** te non pensava quase nulla e **di** me pensava delle vacuità, [...] (CSA, 2, 49, 7-8))
(‘[...] ele, porque quase nada pensava **em relação a** ti, e muitas coisas frívolas **em relação a** mim; [...]’ (CSA, 2, 65, 10-11))

PER

Molti cittadini assai piú ricchi di lui non affrontavano **per** i loro figli un sacrificio símile. (CSA, 2, 45, 22)

(‘Muitos cidadãos de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude **para com** os seus filhos, [...]’ (CSA, 2, 61, 13))

Sexto grupo:

‘Qualidade: direção’ : + preposição em latim e em português e + locução prepositiva em italiano, conforme se vê no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
AD	A	
APUD		
		FINO A
		VERSO DI
		DAVANTI A

Quadro 29 – Expressão da ‘Qualidade: direção’: preposição em latim e em português e locução prepositiva em italiano.

Com relação à ‘Qualidade: direção’, no sexto grupo, encontram-se documentadas, como se vê no quadro acima, relações com preposição em latim e em português e com locução prepositiva em italiano, como se vê nos exemplos abaixo:

LATIM:

AD

[...] descendentis **ad** superbiam nostram et signabar iam signo crucis eius. (CSA, 1, 28, 10)

(‘[...] que desceu **à** nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, [...]’ (CSA, 1, 29, 11))

Ut uidelicet ego et quisquis haec legit cogitemus, de quam profundo clamandum sit **ad** te. [...] (CSA, 2, 60, 4)

(‘Para que eu, e todo aquele que isto ler, pensemos de quão profundo é preciso clamar **a** ti. [...]’ (CSA, 2, 61, 5))

APUD

Sed tamen sine me loqui **apud** misericordiam tuam, me terram et cinerem, [...] (CSA, 1, 12, 10)

(‘Mas deixa-me falar **à** tua misericórdia, eu, terra e cinza, [...]’ (CSA, 1, 13, 11))

PORTUGUÊS:

A

[...] que desceu **à** nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, [...] (CSA, 1, 29, 11-12)

Para que eu, e todo aquele que isto ler, pensemos de quão profundo é preciso clamar **a** ti. [...] (CSA, 2, 61, 5-6)

Mas deixa-me falar **à** tua misericórdia, eu, terra e cinza, [...] (CSA, 1, 13, 11)

ITALIANO:

FINO A

[...] sceso **fino alla** nostra superbia; e già erro segnato col segno della sua croce, [...] (CSA, 1, 44, 21, 30)

(‘[...] que desceu **à** nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, [...]’ (CSA, 1, 29, 11))

VERSO DI

All’único scopo che io ed ogni lettore valutiamo la profondità dell’abisso da cui dobbiamo lanciare il nostro grido **verso di** te. (CSA, 1, 45, 16)

(‘Para que eu, e todo aquele que isto ler, pensemos de quão profundo é preciso clamar **a** ti. [...]’ (CSA, 2, 61, 5))

DAVANTI A

Eppure lasciami parlare **davanti alla** tua misericordia. (CSA, 1, 9, 5)

(‘Mas deixa-me falar **à** tua misericórdia, eu, terra e cinza, [...]’ (CSA, 1, 13, 11))

10 ESTUDO DO *CORPUS*

10.1 O CAMPO SEMÂNTICO DO AFASTAMENTO

No campo semântico do ‘ESPAÇO: AFASTAMENTO’, no *corpus* do latim do século IV, registram-se o caso morfológico ablativo e as preposições **A/AB** e **EX**, como nos exemplos a seguir:

LATIM:

ABLATIVO

[...] quod non posset «**Italia** Teucrorum auertere regem» [...] (CSA, 1, 42, 20)
 (‘[...] por não conseguir «afastar **de** Itália o rei dos troianos», [...]’ (CSA, 1, 43, 22))

A/ AB

[...] ualentibus legibus tuis miscere salubres amaritudines reuocantes nos ad te a iucunditate pestifera qua recessimus **a** te. (CSA, 1, 38, 10)
 (‘[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos **de** ti.’ (CSA, 1, 39, 9)

EX

[...] et «prodiebat tamquam **ex** adipe iniquitas mea». (CSA, 2, 64, 17)
 (‘[...] e como que **da** minha gordura saia a minha iniquidade.’ (CSA, 2, 65, 19))

Para exprimir esse campo semântico, na tradução para a língua portuguesa, empregam-se a preposição **DE** e a locução prepositiva **LONGE DE**, ao passo que, em italiano, usam-se a preposição **DA** e a locução prepositiva **LONTANO DA**.

Exemplos:

PORTUGUÊS

DE

[...] com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastamos **de** ti. (CSA, 1, 39, 9)

LONGE DE

Não te amava e, **longe de** ti, cometia adultério para contigo, [...] (CSA, 1, 35, 8)

ITALIANO

DA

[...] perché non puó stornare **dall'**Italia il re dei teucri, [...] (CSA, 1, 33, 31)
('[...] por não conseguir «afastar **de** Itália o rei dos troianos», [...] ' (CSA, 1, 43, 22))

LONTANO DA

Io non amavo te, trescavo **lontano da** te, e alle mie tresche si applaudiva da ogni parte: [...] (CSA, 1, 27, 5)

('Não te amava e, **longe de** ti, cometia adultério para contigo, [...] ' (CSA, 1, 35, 8))

Na expressão do campo semântico ‘TEMPO: AFASTAMENTO’, está documentada, em latim, a preposição **A/ AB**, enquanto, em português, registra-se a locução prepositiva **A PARTIR DE** e, em italiano, a preposição **DA**, como se observa nos exemplos abaixo:

LATIM

A/ AB

Nonne **ab** infantia huc pergens ueni in pueritiam? (CSA, 1, 22, 4)

(‘Não foi **a partir da** infância que, encaminhando-me para aqui, cheguei à puerícia?’ (CSA, 1, 23, 4))

PORTUGUÊS

A PARTIR DE

Não foi **a partir da** infância que, encaminhando-me para aqui, cheguei à puerícia?
(CSA, 1, 23, 4)

ITALIANO

DA

Dall’infanzia, procedendo verso l’età in cui mi trovo ora, passai dunque nella fanciullezza, se non fu piuttosto la fanciullezza a raggiungermi succedendo all’infanzia. (CSA, 1, 17, 3)

Ainda no campo semântico do ‘AFASTAMENTO’, para expressar ‘QUALIDADE: AFASTAMENTO’, no *corpus* do latim do século IV, estão documentados o caso

morfológico ablativo e as preposições **A/AB** e **DE**, enquanto no português documenta-se a preposição **DE** e, no italiano, as preposições **DA** e **DI**, como nos exemplos abaixo:

LATIM:

ABLATIVO

[...] sed exhalabantur nebulae de limosa concupiscentia carnis et **scatebra** pubertatis
 [...] (CSA, 2, 56, 1)

(‘[...] pelo contrário, exalavam-se vapores do lodo da concupiscência da carne e **do** borbulhão da puberdade, [...]’ (CSA, 2, 57, 1))

A/ AB

[...] quos tamen caedi libenter patiuntur, si spectaculis talibus impediuntur **ab**
 studio, [...] (CSA, 1, 28, 3)

(‘[...] que, no entanto, de bom grado deixam açoitar, se tais espetáculos os impedirem **do** estudo, [...]’ (CSA, 1, 29, 4))

DE

[...] et nunc eruis **de** hoc immanissimo profundo quaerentem te animam et sitientem
 delectationes tuas, [...] (CSA, 1, 44, 17)

(‘E agora livras **deste** cruel abismo a alma que te procura e que tem sede dos teus deleites, [...]’ (CSA, 1, 45, 20))

PORTUGUÊS

DE

E agora livras **deste** cruel abismo a alma que te procura e que tem sede dos teus deleites, [...]’ (CSA, 1, 45, 20))

ITALIANO

DA

Esalavo invece dalla paludosa concupiscenza della carne e **dalle** polle della pubertà um vapore, [...] (CSA, 2, 41, 18)

(‘[...] pelo contrário, exalavam-se vapores do lodo da concupiscência da carne e **do** borbulhão da puberdade, [...]’ (CSA, 2, 57, 1))

DI

Che tu mi riesca piú dolce **di** tutte le attrazioni dietro a cui correvo; [...] (CSA, 1, 31, 2)

(‘[...] pelas quais me tiraste **de** todos os meus maus caminhos, para que te tornes para mim mais doce todas as seduções que eu seguia, [...]’ (CSA, 1, 39, 15))

10.1.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico do AFASTAMENTO

No que diz respeito aos processos de gramaticalização das preposições empregadas na obra *Confissões* de Santo Agostinho, no campo semântico do ‘AFASTAMENTO’, ao comparar esses elementos de ligação na língua latina e nas traduções dessa obra para o português e para o italiano, observou-se, por um lado, em algumas ocorrências, o emprego do caso morfológico no latim e, por outro lado, a marcação do caso sintático com o auxílio da preposição nas duas línguas românicas estudadas. Em outras ocorrências, registra-se o emprego da preposição nas três línguas, embora se saiba que, no latim, esse item gramatical é usado apenas para tornar mais clara a comunicação e não para marcar o caso sintático, como acontece nas duas outras línguas estudadas nesta pesquisa.

No que se refere aos processos de gramaticalização das preposições que indicam ‘AFASTAMENTO’, esses elementos podem ser distribuídos em quatro grupos apontados a seguir.

No primeiro grupo, encontram-se preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano. Foi o que ocorreu com a forma latina **de**, que se manteve, apresentando apenas alteração fonética e se pode observar no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
DE	DE	DI

Quadro 30 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano – expressão do ‘afastamento’.

No segundo grupo, estão documentadas as formas que desapareceram como preposições nas duas línguas românicas estudadas, tendo atingido, assim, o estágio zero de gramaticalização, mas que, através de um processo de morfologização, se tornaram prefixos, como aconteceu com as preposições latinas **a/ ab/ abs** e **ex**, que são empregadas hoje como prefixos tanto no português, como no italiano.

Convém ressaltar que esses elementos, ao deixarem de ser usados como preposições, os falantes da língua portuguesa e italiana recorreram a outras formas para expressarem o conceito de AFASTAMENTO. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as formas **a/ ab/ abs** e **ex**, que foram substituídas pela forma polissêmica **de/ di**, em português e em italiano, respectivamente.

No terceiro grupo, registram-se formas provenientes de um outro processo de morfologização, como se verifica com a preposição italiana **da**, proveniente da junção de duas preposições latinas **de** e **a/ab /abs** (lat. **DE** + **A/ AB / ABS** > ital. **DA**). Como se vê, ocorreu nesse caso a junção das formas **de** e **a/ab /abs** com perda de elemento fonológico, processos denominados *morfologização* e *fonologização*. Segundo S. Svorou (1993), em um primeiro momento na língua, as formas são usadas lado a lado (**de + a** ou **ab**) e, em um momento posterior da história da língua italiana, essas formas se fundiram, tendo como resultado a preposição **da**, estágio denominado por Svorou (1993) de *fused*.

No quarto grupo, ainda segundo as fases apontadas por S. Svorou (1993), tem-se apenas o primeiro estágio de gramaticalização, o *embraced*, fase em que os elementos são empregados lado a lado, compondo uma locução prepositiva, como acontece com as locuções **longe de** e **a partir de** em português e **lontano da** em italiano. No português, tem-se, no primeiro caso, a junção de um advérbio e uma preposição (**longe de**) e, no segundo caso, a junção de uma preposição (**a**), um verbo (**partir**) e uma preposição (**de**). No italiano, tem-se o advérbio **lontano** mais a preposição **da**, como ilustrado no quadro a seguir:

EMBRACED:

PORTUGUÊS	ITALIANO
LONGE DE	LONTANO DA
A PARTIR DE	

Quadro 31 – Primeiro estágio de gramaticalização, *embraced* – português e italiano..

10.2 O CAMPO SEMÂNTICO DA LOCALIZAÇÃO

Para o campo semântico do ‘ESPAÇO: LOCALIZAÇÃO’, no *corpus* do latim do século IV, estão documentadas as preposições: **IN**, **AD**, **APUD**, **DE**, **EX**, **INTRA**, **INTUS** e **PER**., como se observa nos exemplos abaixo:

LATIM:

IN

Non ergo essem, deus meus, non omnino essem, nisi esses **in** me. (CSA, 1, 6, 18)

(‘Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim.’ (CSA, 1, 7, 20))

AD

[...] nam haec ipsa sunt, quae a paedagogis et magistris, a nucibus et piludis et passeribus, **ad** praefectos et reges, aurum, praedia, mancipia, [...] (CSA, 1, 48, 19)

(‘Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, **nos** perfeitos, nos reis, no dinheiro, [...]’ (CSA, 1, 49, 22))

APUD

[...] percipiendae gratia peregrinari, longinquioris **apud** Carthaginem peregrinationis sumptus praeparabantur animositate magis quam opibus patris, [...] (CSA, 2, 58, 23)

(‘[...] se preparavam gastos para uma ausência mais distante **em** Cartago, mais por entusiasmo do que por recurso do meu pai, [...]’ (CSA, 2, 59, 26))

DE

[...] furta etiam faciebam **de** cellario parentum et **de** mensa uel gula imperitante uel ut haberem quod darem pueris, [...] (CSA, 1, 48, 9-9)

(‘Também cometia furtos **na** despensa e **na** mesa dos meus pais, ou porque a gula o exigia, ou para ter que dar aos rapazes que me vendiam o seu jogo, [...]’ (CSA, 1, 49, 9-10-10))

EX

[...] **ex** te quippe bona omnia, Deus, et ex **Deo** meo salus mihi uniuersa. (CSA, 1, 14, 4)

(‘[...] pois todos os bens têm origem **em** ti, Deus, e do meu Deus vem toda a salvação.’ (CSA, 1, 15, 8))

INTRA

[...] an illa est, quam egi **intra** uiscera matris meae? (CSA, 1, 16, 5)

(‘Porventura essa vida é aquela que vivi **nas** entranhas de minha mãe?’ (CSA, 1, 17, 7))

INTUS

[...] et uoluntates meas uolebam ostendere eis, per quos implerentur, et non poteram, quia illae **intus** erant, foris autem illi. (CSA, 1, 14, 15)

(‘[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam **dentro de** mim e eles fora, [...]’ (CSA, 1, 15, 20))

PER

[...] **per** uniuersas terras cum timore magno supplicatur, [...] (CSA, 1, 26, 2)

(‘[...] para evitar as quais te suplicam **em** toda a terra com grande temor, [...]’ (CSA, 1, 27, 2))

Na expressão desse mesmo campo semântico, na tradução portuguesa, estão documentadas as preposições **EM** e **A** e a locução prepositiva **DENTRO DE**, enquanto em italiano foram empregadas as preposições **IN**, **A**, **DA**, **FRA**, **SOPRA** e **SU** e a locução prepositiva **DENTRO DI**.

Exemplos:

PORTUGUÊS

EM

Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim. (CSA, 1, 7, 20)

A

Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlinde e nos passarinhos, acabam, quando se chega **a** adulto, nos prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...] (CSA, 1, 49, 20-20-20)

DENTRO DE

[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam **dentro de** mim e eles fora, [...] (CSA, 1, 15, 20).

ITALIANO

IN

Dunque io non sarei, Dio mio, non sarei affatto, se tu non fossi **in** me. (CSA, 1, 5, 12)

(‘Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses **em** mim.’ (CSA, 1, 7, 20))

A

[...] volevo manifestare i miei desideri alle persone che erano in grado di soddisfarli, senza esito alcuno poiché i primi stavano nel mio interno, le secundo **all**’esterno [...] (CSA, 1, 11, 1)

(‘[...] e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam dentro de mim e eles **fora**, [...]’ (CSA, 1, 15, 20))

DA

Tutti i beni derivano **da** te, Dio, dal mio Dio deriva l’intera mia salute. (CSA, 1, 9, 24)

(‘[...] pois todos os bens têm origem **em** ti, Deus, e do meu Deus vem toda a salvação.’ (CSA, 1, 15, 8))

FRA

Non ho letto **fra** le tue onde de um Giove tonante e adultero? (CSA, 1, 31, 18)
 (‘Não li eu **em** ti que Júpiter troveja e comete adultério?’ (CSA, 1, 41, 5))

SOPRA

[...] metre osserva **sopra** la parete un depinto, ove era raffigurata questa sana:
 Giove che, come si narra, fa cadere una pioggia áurea in grembo a Danae, truccato
 per una donna. (CSA, 1, 33, 6)
 (‘[...] ao olhar um quadro pintado **na** parede, «onde estava representado como
 Júpiter, segundo dizem, certo dia, mandou para o regaço de Dánae uma chuva
 dourada» «que se tornou num embuste para essa mulher»?’ (CSA, 1, 41, 30-31))

SU

In piena notte, dopo aver protatto i nostri giochi **sulle** piazze, come usavamo fare
 pestiferamente, ce ne andammo, [...] (CSA, 2, 49, 21-22)
 (‘[...] já de noite à hora até que tínhamos prolongado, por mau hábito, a brincadeira
nas eiras, [...]’ (CSA, 2, 67, 3))

DENTRO DI

[...] ma esiste **dentro di** me un luego, ove il mio Dio possa venire dentro di me, Dio,
 Dio, che creò il cielo e la terra? (CSA, 1, 5, 15)
 (‘E que lugar há **em** mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, para
 onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus que fez o céu e a terra?’ (CSA, 1, 7, 8))

Na expressão do campo semântico ‘TEMPO: LOCALIZAÇÃO’, foi encontrado o
 emprego do caso morfológico **ABLATIVO** em latim, da preposição **EM** em português e
IN em italiano, conforme se observa nos exemplos seguintes:

LATIM

ABLATIVO

Sed ubi **sexto illo et decimo anno** interposito otio ex necessitate domestica feriatuus ab omni schola cum parentibus esse coepi, [...] (CSA, 2, 60, 15)

(‘Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...]’ (CSA, 2, 61, 19-20))

PORTUGUÊS

EM

Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...] (CSA, 2, 61, 19-20)

ITALIANO

IN

Quando però **nel** corso di quel sedicesimo anno tornai presso i miei genitori [...] senza alcun impegno scolastico [...] (CSA, 2, 45, 27)

(‘Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, **naquele** décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, [...]’ (CSA, 2, 61, 19-20))

Na expressão do campo semântico da ‘QUALIDADE: LOCALIZAÇÃO – LUGAR ABSTRATO’, foram encontrados os casos morfológicos **ABLATIVO** e **ACUSATIVO** e as preposições **IN**, **APUD** e **DE**, assim como a locução prepositiva **USQUE AD** em latim, a preposição **EM** e **A** e a locução prepositiva **DENTRO DE** em português, enquanto em italiano registram-se as preposições **IN**, **A**, **CON**, **DA**, **DI**, **MEDIANTE**, **SU** e **TRA**, conforme se vê nos exemplos a seguir:

LATIM

ABLATIVO

[...] prensabam **memoria**, cum ipsi appellabant rem aliquam et cum secundum eam uocem corpus ad aliquid mouebant, [...] (CSA, 1, 22, 15)

(‘Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...]’ (CSA, 1, 23, 17))

ACUSATIVO

Quousque uolues Euae filios in mare magnum et formidulosum, quod uix transeunt qui **lignum** conscenderint? (CSA, 1, 40, 4)

(‘Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado **no** lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 5))

IN

[...] non dico sicut **in** aequitate atque prudentia, sed neque sicut **in** mente hominis [...] (CSA, 2, 70, 8)

(‘[...] já não digo como aquela que há **na** equidade e na prudência, nem sequer como a que há **na** mente do homem, [...]’ (CSA, 2, 71, 9-10))

APUD

Neque enim tibi, deus meus, sed **apud** te narro haec generi meo, [...] (CSA, 2, 60, 1)

(‘Não é a ti, meu Deus, mas é **na** tua presença que eu conto isto aos da minha espécie, [...]’ (CSA, 2, 61, 1))

DE

[...] et peccabamus tamen minus scribendo aut legendo aut cogitando **de** litteris, quam exigebatur a nobis [...] (1, 26, 8)

(‘[...] e todavia pecávamos escrevendo ou lendo ou pensando **nas** letras menos do que exigiam de nós.’ (1, 27, 8))

USQUE AD

Sed tu mihi per eas dabas alimentum infantiae secundum institutionem tuam et diuitias **usque ad** fundum rerum dispositas. (CSA, 1, 12, 22)

(‘[...] eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas **no** íntimo das coisas.’ (CSA, 1, 15, 2))

PORTUGUÊS**EM**

Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...] (CSA, 1, 23, 17)

A

Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega **a** adulto, nos prefeitos, nos reis, no dinheiro, [...] (CSA, 1, 49, 20-20-20)

DENTRO DE

Mas agora, que o meu Deus clame **dentro da** minha alma, e que a tua verdade me diga: [...] (CSA, 1, 35, 20)

ITALIANO

IN

[...] non dicola bellezza insita **nella** giustizia e **nella** saggezza, o nell'intelletto umano, **nella** memoria, nella sensibilità [...] (CSA, 2, 53, 31-32)

(‘[...] já não digo como aquela que há **na** equidade e na prudência, nem sequer como a que há **na** mente do homem, [...]’ (CSA, 2, 71, 9-10))

A

[...] bensí eri tu che per mezzo loro alimentavi la mia infanzia, secondo il critério com cui hai distribuito lê tue ricchezze sino **al** fondo dell’universo. (CSA, 1, 9, 18)

(‘[...] eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas **no** íntimo das coisas.’ (CSA, 1, 15, 2))

CON

Afferravo **con** la memoria: quando i circostanti chiamavano con un certo nome un certo oggetto e si accostavano all’oggetto designato, [...] (CSA, 1, 17, 17)

(‘Fixava **na** memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direção a alguma coisa, [...]’ (CSA, 1, 23, 17))

DA

Quale frutto raccolsi allora, miserabile, da ciò che ora rievoco non senza arrosire, e specialmente **da** quel furto ove amai solo il furto e null’altro? (CSA, 2, 57, 28)

(‘Que fruto tive eu, pobre de mim, algum dia, naquelas coisas que agora me envergonho de recordar, sobretudo, **naquele** furto em que amei o furto em si.’ (CSA, 2, 75, 21-21)

DI

[...] se non potevano placarsi, entro i termini **della** procreazione di una parole secondo il precetto della tua legge? (CSA, 2, 43, 13)

(‘[...] se não podia neles encontrar a tranqüilidade contida **no** objetivo de procriar filhos, segundo o que prescreve a tua Lei, [...]’ (CSA, 2, 57, 19-20))

MEDIANTE

Evidentemente per ottenere **mediante** la pratica dei delitti e una volta padrone della città onori, potere, ricchezze; [...] (CSA, 2, 53, 11)

(‘Para que, treinado **na** prática de crimes, uma vez tomada a cidade, se apoderasse de honras, poderes e riquezas, [...]’ (CSA, 2, 69, 19))

SU

Sulla soglia de una simile scuola di moralità io, povero fanciullo, erro disteso; [...] (CSA, 1, 37, 18)

(‘Eu, pobre criança, jazia **no** limiar destes hábitos, [...]’ (CSA, 1, 47, 29))

TRA

[...] e mi agitavo, mi sperdevo, mi spandevò, smanivo **tra** le mie fornicazioni; e tu tacevi. (CSA, 2, 43, 3)

(‘[...] e eu derramava-me, e dispersava-me, e fervilhava **nas** minhas fornicações, e tu ficavas calado.’ (CSA, 2, 57, 11))

10.2.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico da LOCALIZAÇÃO

Com relação aos processos de gramaticalização de preposições empregadas na obra *Confessiones* de Santo Agostinho, na língua latina e na tradução para o português e para o italiano, no campo semântico da ‘LOCALIZAÇÃO’, observou-se, por um lado, em algumas ocorrências, o emprego do caso morfológico no latim e, por outro lado, a marcação do caso sintático com o auxílio da preposição nas línguas portuguesa e italiana. Outras vezes, registra-se o emprego da preposição nas três línguas, embora se tenha conhecimento de que, no latim, a preposição é usada apenas para tornar mais clara a comunicação e não para marcar o caso sintático, como acontece nas duas outras línguas em estudo.

No que concerne aos processos de gramaticalização das preposições que indicam ‘LOCALIZAÇÃO’, esses elementos podem ser distribuídos em cinco grupos.

No primeiro grupo, encontram-se documentadas as preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano. Foi o que ocorreu com as formas latinas **in**, **ad**, **de**, **per** e **sub**, indicadas no quadro abaixo:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
IN	EM	IN
AD	A	A
DE	DE	DI
PER	POR	PER
SUB	SOB	SU

Quadro 32 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano – expressão da ‘localização’.

No segundo grupo, documentam-se preposições provenientes de processo de recategorização, quando um advérbio passou a ser usado como preposição, já no próprio latim. Foi o que ocorreu com os advérbios latinos **intra** e **intus**.

Também no italiano, registra-se o processo de recategorização, quando o verbo passou a ser empregado como preposição, como aconteceu com o verbo **mediar**, na sua forma nominal de particípio presente **mediante**.

Conforme o *continuum* apontado pela teoria funcionalista, as duas ocorrências podem ser assim indicadas:

No primeiro caso, tem-se:

Latim: Adv > Prep.

(Categoria Mediana > Categoria Menor)

No segundo caso, tem-se:

Italiano: Verbo > Prep.

(Categoria Maior > Categoria Menor)

No terceiro grupo, encontram-se itens que desapareceram como preposições na passagem para o português e para o italiano, atingindo, portanto, o estágio zero de gramaticalização, mas que, através de um processo de enfraquecimento, passaram a ser usados, nessas duas línguas, como prefixos. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as preposições latinas **ex** e **intra**, que, no português e no italiano não são mais preposições e sim prefixos (**ex-** e **intra-**).

No quarto grupo, conforme os estágios de gramaticalização apontados por S. Svorou (1993), registra-se apenas a primeira fase, denominada por essa lingüista *embraced*, fase em que, como já foi observado, os elementos são empregados lado a lado, compondo uma locução prepositiva, como acontece com as locuções **dentro de**, em português e **dentro di**, em italiano. Convém registrar ainda que, de acordo com a teoria funcionalista, essas locuções provêm do processo de recategorização do advérbio **dentro** que seguido da preposição **de**, passa a integrar uma classe menor, que é a da preposição, podendo ser assim indicado:

Adv. > Prep.

(Categoria Mediana > Categoria Menor)

No quinto grupo documentado, acontece o contrário do anterior, pois enquanto no latim, o autor emprega uma locução prepositiva (**usque ad**), no português e no italiano, usam-se as preposições **em** e **a**, respectivamente. Observa-se, em primeiro lugar, que, no latim, a preposição **usque** já estava sendo reforçada por **ad** e que, na passagem para as duas línguas românicas estudadas neste trabalho, a forma **usque** caiu em desuso, tendo atingido o estágio zero de gramaticalização. Vale ressaltar que as preposições empregadas para traduzir **usque ad** tanto em português como em italiano, são formas que se mantiveram na passagem do latim para essas duas línguas românicas (port. **em** e it. **a**).

Finalmente, após a análise das preposições, na obra *Confessiones* de Santo Agostinho, no campo semântico da LOCALIZAÇÃO, observou-se que, nos textos estudados, enquanto o latim apresenta uma variedade de formas para expressar esse campo semântico, prevalecendo nessa língua a sinonímia, o português apresenta um número reduzido de preposições, prevalecendo nessa língua, portanto, a polissemia. Já o italiano, por ser mais próximo da língua latina, apresenta também um quadro mais amplo de formas prepositivas na expressão desse mesmo conceito.

10.3 O CAMPO SEMÂNTICO DA DIREÇÃO

No campo semântico da ‘DIREÇÃO’, com base no *corpus* analisado, encontram-se, na acepção de ‘ESPAÇO: DIREÇÃO’, em latim, o caso morfológico **DATIVO** e as preposições **AD**, **A/ AB**, **IN** e **APUD**, além da locução prepositiva **LONGIUS A**. No que se refere à língua portuguesa, para expressar esse mesmo campo semântico, registram-se as preposições **A** e **PARA**, assim como a locução prepositiva **PARA LONGE DE**. Na língua italiana, documentam-se as preposições **A**, **PER**, **IN**, **DA** e **VERSO**, assim como as locuções prepositivas **LONTANO DA** e **SENZA DI**.

Exemplos:

LATIVIM**DATIVO**

Quid **tibi** sum ipse, ut amari te iubeas a me et, nisi faciam, [...] (CSA, 1, 10, 13)

(‘Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...]’ (CSA, 1, 11, 14))

AD

Non enim pedibus aut spatiis locorum itur abs te aut reditur **ad** te [...] (CSA, 1, 44, 21)

(‘Na verdade, não é com os pés nem com afastamento local que nos vamos embora de junto de ti ou voltamos **a** ti, [...]’ (CSA, 1, 45, 26))

A/ AB

[...] sicut audiui **a** parentibus carnis meae, ex quo et in qua me formasti in tempore; [...] (CSA, 1, 12, 17-18-18-18)

(‘[...] tal como ouvi contar **aos** pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; [...]’ (CSA, 1, 13, 18-19-19-20))

IN

[...] inde **in** scholam datus sum, ut discerem litteras, in quibus quid utilitatis esset ignorabam miser, [...] (CSA, 1, 24, 7)

(‘A seguir fui entregue **à** escola para aprender as letras, nas quais, pobre de mim, eu ignorava que utilidade havia. (CSA, 1, 25, 8)

APUD

[...] tu es et deus et dominusque omnium, quae creasti, et **apud** te rerum omnium instabilium stant causae [...] (CSA, 1, 14, 29)

([...] tu és , e és Deus, e Senhor de todas as coisas que criaste, e **junto de** ti estão as causas de todas as coisas instáveis [...] (CSA, 1, 15, 35)

LONGIUS A

[...] et ibam **longius a** te, et sinebas, et iactabar et effundebar [...] (CSA, 2, 56, 8)

(‘[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...]’ (CSA, 2, 57, 9))

PORTUGUÊS**A**

Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido **a** ti com tão grande amor, [...] (CSA, 1, 25, 26)

PARA

Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...] (CSA, 1, 11, 14)

PARA LONGE DE

[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...] (CSA, 2, 57, 9)

ITALIANO

A

Esiste, Signore, un cuore così grande, unito **a** te da straordinario amore, esiste dico, un uomo, [...] (CSA, 1, 19, 21)

(‘Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido **a** ti com tão grande amor, [...]’ (CSA, 1, 25, 26))

PER

E cosa sono io stesso **per** te, perché tu mi comandi di amarti e ti adire verso di me [...] (CSA, 1, 7, 21)

(‘Que sou eu **para** ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te irás contra mim [...]’ (CSA, 1, 11, 14))

IN

Fino a quando non ti seccherai, fino a quando travolgerai i figli di Eva **nel** vasto e terribile mare, che appena riescono a traversare coloro che si sono imbaresti sul legno? (CSA, 1, 31, 16)

(‘Até quando arrastarás os filhos de Eva **para** este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 3))

DA

[...] per quanto mi fu dato **dai** genitori della mia carne, dall’uno dei quali ricavasti, mentre nell’altra mi desti una forma nel tempo. (CSA, 1, 9, 12)

(‘[...] tal como ouvi contar **aos** pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; [...]’ (CSA, 1, 13, 18))

VERSO

[...] anch'io cercavo le cose estreme della tua creazione, dopo aver abbandonato te, terra che si piegava **verso** terra; [...] (CSA, 1, 27, 12)

(‘[...] seguindo eu próprio em direção ao mais ínfimo da criação, abandonando-te, e, como terra que era, dirigindo-me **para** a terra.’ (CSA, 1, 35, 16))

LONTANO DA

[...] procedevo sempre piú **lontano da** te, ove mi lasciavi andare, e mi agitavo, mi sperdevo, [...] (CSA, 2, 43, 2)

(‘[...] e afastava-me **para longe de** ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, [...]’ (CSA, 2, 57, 9))

SENZA DI

[...] e ci uccidi per non lasciarci morire **senza di** te. (CSA, 2, 43, 35)

(‘[...] e nos matas para não morreremos **para ti**.’ (CSA, 2, 59, 13))

Para expressar o campo semântico do ‘TEMPO: DIREÇÃO’, estão documentadas, em latim, as preposições **IN**, **PRO** e **USQUE**, em português, registram-se as preposições **A**, **PARA** e **ATÉ**, além da locução prepositiva **ATÉ A**, enquanto em italiano, estão registradas as preposições **A** e **PER** e a locução prepositiva **FINO A**, como se observa nos exemplos abaixo:

LATIM:**IN**

[...] innouans omnia et **in** uetustatem producens» superbos «et nesciunt»; [...] (CSA, 1, 8, 21)

(‘[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...]’ (CSA, 1, 9, 24))

PRO

[...] non enim deerat, domine, memoria uel ingenium, quae nos habere uoluisti **pro** illa aetate satis, [...] (CSA, 1, 26, 11)

(‘Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade.’ (CSA, 1, 27, 10))

USQUE

Quousque uolues Euae filios in mare magnum et formidulosum, quod uix transeunt qui lignum conscenderint? (CSA, 1, 40, 2)

(‘**Até** quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz?’ (CSA, 1, 41, 3))

PORTUGUÊS:**A**

[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...] (CSA, 1, 9, 24)

PARA

Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade. (CSA, 1, 27, 10)

ATÉ

Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz? (CSA, 1, 41, 3)

ATÉ A

[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação **até ao** fim. (CSA, 1, 39, 19)

ITALIANO**PER**

Vi trovammo per altro, Signore, alcuni uomini che ti pregavano, e da loro venimmo a conoscere, **per** il [...] (CSA, 1, 27)

(‘Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente **para** aquela idade.’ (CSA, 1, 27, 10))

A

[...] rinnovatore di ogni cosa, che a loro insaputa porti i superbi **alla** decrepitezza; [...] (CSA, 1, 7, 6)

(‘[...] renovando todas as coisas, levando **à** velhice os orgulhosos sem que dêem por isso; [...]’ (CSA, 1, 9, 24))

FINO A

[...] che io ti ami fortissimamente e stringa com tutto il mio intimo essere la tua mano, che tu mi scampi da ogni tentazione **fino alla** fine! (CSA, 2, 31, 4)

(‘[...] e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação **até ao** fim.’ (CSA, 1, 39, 19))

Para expressar o campo semântico da ‘QUALIDADE: DIREÇÃO’, estão documentados, em latim, os casos morfológicos **DATIVO** e **ACUSATIVO** e as preposições **AD**, **IN**, **PER**, **DE**, **PRO** e **APUD**, assim como a locução prepositiva **USQUE AD**; em português, as preposições **A** e **PARA**, como também as locuções prepositivas **PARA DENTRO DE**, **EM DIREÇÃO A**, **PARA COM** e **EM RELAÇÃO A**; enquanto em italiano registram-se as preposições **A**, **AD**, **PER**, **DI**, **IN**, **DA** e **SU**, além das locuções prepositivas **DENTRO DI**, **FINO A**, **VERSO DI** e **DAVANTI A**, conforme se vê nos exemplos a seguir:

LATIM

DATIVO

[...] nam puer coepi rogare te, «auxilium et refugium meum», et in tuam inuocationem rumpebam nodos **linguae meae** [...] (CSA, 1, 24, 18)

(‘Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas **à** minha língua [...]’ (CSA, 1, 25, 19))

ACUSATIVO

[...] et careret metu legume et difficultate rerum propter «inopiam rei familiaris et **conscientiam** scelerum. (CSA, 2, 68, 18)

(‘[...] e não tivesse medo das leis nem dificuldades na vida, devido à escassez do seu património e **à** consciência dos seus crimes.’ (CSA, 2, 69, 22))

AD

[...] quantum enim attinet **ad** obliuionis meae tenebras, par illi est, quam uixi in matris utero. (CSA, 1, 20, 28)

(‘Com efeito, a parte que corresponde **às** trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

IN

Quis dabit mihi ut uenias **in** cor meum et inebries illud, [...] (CSA, 1, 10, 10)

(‘Quem fará com que venhas **ao** meu coração e o inebries, [...]’ (CSA, 1, 11, 12))

PER

[...] quantum enim attinet ad obliuionis meae tenebras, **per** illi est, quam uixi in matris utero. (CSA, 1, 20, 29)

(‘Com efeito, a parte que corresponde às trevas do meu esquecimento equivale **àquela** vida que vivi no ventre de minha mãe.’ (CSA, 1, 21, 32))

DE

[...] ille, quia **de** te prope nihil cogitabat, **de** me autem inania, [...] CSA, (2, 64, 8-9)

(‘[...] ele, porque quase nada pensava **em relação a** ti, e muitas coisas frívolas **em relação a** mim; [...]’ (CSA, 2, 65, 10-11))

PRO

[...] multorum enim ciuium longe opulentiorum nullum tale negotium **pro** liberis erat, [...] (CSA, 2, 60, 10)

(‘Muitos cidadãos de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude **para com** os seus filhos, [...]’ (CSA, 2, 61, 13))

APUD

Sed tamen sine me loqui **apud** misericordiam tuam, me terram et cinerem, [...] (CSA, 1, 12, 10)

(‘Mas deixa-me falar **à** tua misericórdia, eu, terra e cinza, [...]’ (CSA, 1, 13, 11))

USQUE AD

[...] sed non tenebatur modus ab animo **usque ad** animum, quatenus est luminosus limes amicitiae, [...] (CSA, 2, 54, 13)

(‘Mas eu não mantinha uma relação de alma **para** alma, dentro dos limites luminosos da amizade, [...]’ (CSA, 2, 55, 16))

PORTUGUÊS

A

Com efeito, a parte que corresponde **às** trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe. (CSA, 1, 21, 32)

PARA

[...] crendo em ti, Senhor Jesus, **para** a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente. (CSA, 1, 29, 24)

PARA DENTRO DE

E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é **para dentro de** mim mesmo que o invoco, quando invoco? (CSA, 1, 7, 7)

EM DIREÇÃO A

Fixava na memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo **em direção a** alguma coisa, [...] (CSA, 1, 23, 19)

PARA COM

Muitos cidadãos de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude **para com** os seus filhos, [...] (CSA, 2, 61, 13)

EM RELAÇÃO A

[...] ele, porque quase nada pensava **em relação a** ti, e muitas coisas frívolas **em relação a** mim; [...] (CSA, 2, 65, 10-11)

ITALIANO

A

Ecco, non sei tu, Signore, il mio re e il mio Dio? **Al** tuo servizio sai rivolto quanto di utile imparai da fanciullo, sia rivolta la mia capacita di parlare [...] (CSA, 1, 31, 5-6)

(‘Tu, Senhor, és meu rei e meu Deus, **ao** teu serviço esteja o que de útil aprendi em criança, ao teu serviço o que falo, [...]’ (CSA, 1, 39, 20))

AD

Ma non mi tenevo nei limiti della devozione di anima **ad** anima, fino al confine luminoso dell'amicizia. [...] (CSA, 2, 41, 17)

(‘Mas eu não mantinha uma relação de alma **para para** alma, dentro dos limites luminosos da amizade, [...]’ (CSA, 2, 55, 16))

PER

Io me dispersi lontano da te ed errai, Dio mio, durante la mia adolescenza per vie troppo remote dalla tua solida roccia. Così divenni **per** me reggione di miseria. (CSA, 2, 61, 5)

(‘Afastei-me de ti e andei errante na adolescência, meu Deus, muitíssimo fora do caminho da tua estabilidade, e tornei-me **para** mim mesmo um terreno de indigência.’ (CSA, 2, 79, 7))

DI

Cosí, fanciullo, incominciai a pregarti, soccorso e refugio mio Scioglievo per invocarti i nodi **della** mia língua, [...] (CSA, 1, 19, 15)

(‘Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas **à** minha língua [...]’ (CSA, 1, 25, 19))

IN

[...] e nulla redarguivo cosí aspramente **negli** altri, [...] (CSA, 1, 37, 38)

(‘[...] se o descobrisse, como aquilo que fazia **aos** outros?’ (CSA, 1, 49, 16))

DA

[...] per liberarsi dal timore delle leggi e dalle angustie che gli derivavano dall'esiguità del patrimonio e **dal** rimorso dei delitti. (CSA, 2, 53, 14)

(‘[...] e não tivesse medo das leis nem dificuldades na vida, devido à escassez do seu património e à consciência dos seus crimes.’ (CSA, 2, 69, 22))

SU

La pavidità trema, nella sua ricerca di sicurezza, dei pericoli insoliti e repentini che incombono **sugli** oggetti d'amore; [...] (CSA, 2, 55, 24)

(‘O temor abomina o insólito e o inesperado, contrários às coisas que são amadas, [...]’ (CSA, 2, 73, 4))

DENTRO DI

Ma come invocarei il mio Dio, il Dio mio Signore? Invocarlo sarà comunque invitarlo **dentro di** me; [...] (CSA, 1, 3, 22)

(‘E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é **para dentro de** mim mesmo que o invoco, quando invoco?’ (CSA, 1, 7, 7))

FINO A

[...] sceso **fino alla** nostra superbia; e già erro segnato col segno della sua croce, [...] (CSA, 1, 44, 21, 30)

(‘[...] que desceu à nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, [...]’ (CSA, 1, 29, 11))

VERSO DI

All'único scopo che io ed ogni lettore valutiamo la profondità dell'abisso da cui dobbiamo lanciare il nostro grido **verso di** te. (CSA, 1, 45, 16)

(‘Para que eu, e todo aquele que isto ler, pensemos de quão profundo é preciso clamar **a** ti. [...]’ (CSA, 2, 61, 5))

DAVANTI A

Eppure lasciami parlare **davanti alla** tua misericordia. (CSA, 1, 9, 5)

(‘Mas deixa-me falar **à** tua misericórdia, eu, terra e cinza, [...]’ (CSA, 1, 13, 11))

10.3.1 Considerações a respeito dos processos de gramaticalização de preposições na expressão do campo semântico da DIREÇÃO

No que diz respeito aos processos de gramaticalização, ao comparar as preposições nas línguas latina, portuguesa e italiana, empregadas na obra *Confessiones* de Santo Agostinho, no campo semântico da ‘DIREÇÃO’, observou-se, por um lado, em algumas ocorrências, o emprego do caso morfológico no latim e, por outro lado, a marcação do caso sintático com o auxílio da preposição no português e no italiano. Em outras ocorrências, registra-se o emprego da preposição nas três línguas, embora se saiba que, no latim, a preposição é usada apenas para tornar mais clara a comunicação e não para marcar o caso sintático, como acontece nas duas outras línguas estudadas neste trabalho.

No que concerne aos processos de gramaticalização das preposições que indicam ‘DIREÇÃO’, esses elementos podem ser distribuídos em seis grupos.

No primeiro grupo, registram-se as preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano. Foi o que ocorreu com as formas latinas **ad**, **in** e **de**, que, na passagem para o português e para o italiano, apresentam apenas alterações fonéticas, estando indicadas no quadro a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
AD	A	A
IN	EM	IN
DE	DE	DI

Quadro 33 – Preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano – expressão da ‘direção’.

No segundo grupo, há um caso um pouco diferente do anterior, uma vez que a preposição latina **versus** se mantém na passagem para o italiano (**verso**), porém, no português, essa forma desaparece, atingindo o estágio zero de gramaticalização. Outro registro a ser feito é que, diferente do que já foi observado com **mediante**, forma gramaticalizada nas línguas românicas em estudo, a preposição **versus** gramaticalizou-se no latim, sendo resultado do processo de recategorização de verbo em preposição, podendo ser assim representado no *continuum* funcionalista:

V > Prep.

(Categoria Maior > Categoria Menor)

No terceiro grupo, registram-se, no português e no italiano, preposições provenientes do processo de morfologização, resultado da junção de duas preposições latinas que dão origem a apenas uma forma nas línguas românicas. Em português, estão documentadas as preposições **para** e **até**.

Nesta tese, defende-se que a preposição portuguesa **para** é proveniente da junção das preposições latinas **per** ou **pro** mais a preposição **ad**, tendo ocorrido o processo de morfologização. Como já se observou, segundo S. Svorou (1993), inicialmente, no primeiro estágio de gramaticalização, os elementos se colocam lado a lado, compondo as locuções (*embraced* ‘enlaçado’); em um segundo estágio, esses itens independentes podem se transformar em afixos, soldando-se, porém, sem perda de elemento fonológico, tendo-se nessa fase a aglutinação (*agglutinated* ‘aglutinado’); por último, pode haver um estágio em que os itens, ao se soldarem, perdem elemento fonológico, o que é denominado de *fused* (‘fundido’). No caso da preposição portuguesa **para**, ocorreram dois estágios: em primeiro

lugar, surgiu, no latim tardio, a locução prepositiva **per ad** ou **pro ad** (*embraced*); em outro momento, os dois itens gramaticais se juntaram, tendo como resultado a forma antiga **pera** (*fused*) e depois a forma moderna e atual **para** (*fused*). Processos semelhantes ocorreram com a preposição portuguesa **até** oriunda, conforme adotado nesta pesquisa, da junção das preposições latinas **ad** mais **tenus**. Do mesmo modo, ocorreram os dois estágios: o inicial, quando, no latim tardio, as duas preposições foram empregadas juntas, compondo a locução prepositiva **ad tenus** (*embraced* ‘enlaçado’) e, no segundo estágio, quando as duas formas se fundiram dando origem à preposição portuguesa **até** (*fused* ‘fundido’).

Também, no italiano, documenta-se a preposição **da**, proveniente da junção das preposições latinas **de** mais **ad** ou **ab**: na primeira fase, as duas preposições foram empregadas lado a lado **de ad** ou **de ab**. Na segunda fase, houve a junção das duas preposições latinas, tendo como resultado a preposição italiana simples **da** (*fused*).

No quarto grupo, ainda segundo as fases apontadas por S. Svorou (1993), tem-se o primeiro estágio de gramaticalização, o *embraced*, fase em que os elementos são empregados lado a lado, compondo uma locução prepositiva, como acontece com as locuções latina **longius a**, portuguesa **para longe de** e italiana **lontano da**.

Vale acrescentar que, além do primeiro estágio de morfologização, houve um processo de recategorização, quando o advérbio (lat. **longius**, port. **longe** e it. **lontano**) passou a ser usado como preposição.

Ainda no quarto grupo, registra-se o primeiro estágio de gramaticalização, o *embraced*, nas ocorrências de locuções prepositivas **para dentro de**, em português e **dentro di**, em italiano. Essas duas locuções também são provenientes do processo de recategorização de um advérbio **dentro** ao lado das preposições apontadas acima.

EMBRACED:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
LONGIUS A	LONGE DE	LONTANO DA
IN	PARA DENTRO DE	DENTRO DI

Quadro 34 –Primeiro estágio de gramaticalização – *embraced*: latim, português e italiano.

No quinto grupo, estão documentadas as formas **a/ ab** que desapareceram como preposição no português e no italiano, tendo atingido, assim, o estágio zero de gramaticalização, mas que, através de um processo de morfologização, se tornou prefixo.

Convém ressaltar que esses elementos, ao deixarem de ser empregados como preposições, os falantes do português e do italiano recorreram a outras formas para expressarem o conceito de ‘DIREÇÃO’.

No sexto grupo, estão documentadas as preposições latinas que desapareceram nas duas línguas românicas estudadas, tendo atingido o estágio zero de gramaticalização. Trata-se das preposições latinas **usque** e **apud**. Entretanto, o português e o italiano criaram novas formas para expressar os conceitos daqueles itens que desapareceram: o conceito de ‘DIREÇÃO: LIMITE FINAL’ (**usque**) e o conceito de ‘APROXIMAÇÃO’ (**apud**), através da criação de locuções prepositivas ou da formação de novas preposições. Isso aconteceu, por exemplo, no português, com as locuções prepositivas **junto de, para dentro de, para com, para longe de, em direção a, em relação a** etc. e com a preposição **até**, proveniente da junção das preposições latinas **ad + tenus**. Do mesmo modo, o italiano criou a locução prepositiva **fino a**, constituída de um nome **fino** e da preposição **a** para expressar o conceito de ‘DIREÇÃO: LIMITE FINAL’. Nesse caso, também houve um processo de recategorização, quando o nome **fino** passou a constituir uma locução prepositiva (N > Prep.).

Vale acrescentar que a forma **apud** é muito empregada, no português atual, nas referências, forma adotada pelas Normas da ABNT, na acepção de ‘através de’.

11 A MUDANÇA DE PREPOSIÇÕES DO LATIM PARA O PORTUGUÊS E ITALIANO: EXPRESSÃO DOS CONCEITOS DE AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO E DIREÇÃO

11.1 CONCEITO DE ‘AFASTAMENTO’

Em primeiro lugar, vale ressaltar que, em latim, como se esperava, registra-se o emprego do caso morfológico ablativo na expressão do AFASTAMENTO.

Entre as preposições latinas que expressam AFASTAMENTO, encontram-se **a/ab**, **ex** e **de**.

Constatou-se que, na passagem para o português, como já foi observado, as preposições **a/ab** e **ex** caíram em desuso e apenas se manteve a forma **de**. Além disso, registram-se duas locuções prepositivas **longe de** e **a partir de**, que se apresentam no primeiro estágio do processo de gramaticalização: para a primeira locução, buscou-se o auxílio do advérbio **longe** e, para a segunda, o auxílio do verbo **partir**, ocorrendo o processo de morfologização (justaposição) e o processo de recategorização (ADV > PREP e V > PREP).

Na língua italiana, do mesmo modo que em português, manteve-se apenas o item **di**. Além disso, emprega-se a nova forma **lontano da**, que se formou com o auxílio do advérbio **lontano**, ocorrendo dois processos: morfologização (justaposição) e recategorização (ADV > PREP).

Observa-se, ainda, que o emprego dessas preposições, através dos séculos, comprova a hipótese localista, pois todas elas partem do sentido mais concreto, espacial, passando para a acepção temporal e se abstraem cada vez mais, distanciando-se do seu sentido de base.

Ao aplicar a teoria dos protótipos, na sua versão clássica, percebe-se que a forma latina **de**, por exemplo, apesar de apresentar acepções cada vez mais abstratas, através do séculos, mantém o seu sentido prototípico de AFASTAMENTO.

11.2 CONCEITO DE ‘LOCALIZAÇÃO’

Na expressão da LOCALIZAÇÃO, em primeiro lugar, documentam-se, em latim, os casos morfológicos Ablativo e Acusativo, como já se observou nos exemplos apresentados anteriormente.

Entre as preposições latinas documentadas para expressar esse campo semântico, citam-se: **in**, **ad**, **apud**, **de**, **ex**, **pro**, **per**, **ob**, **intra**, **intus** e **sub**, assim como a locução prepositiva **usque ad**.

Na passagem do latim para a língua portuguesa, estão documentadas algumas formas que se mantiveram, como **em**, **a**, **por** e **sob**, apresentando apenas pequenas alterações fonéticas. Entretanto, há um número expressivo de formas novas, como as locuções prepositivas **dentro de**, **por ocasião de**, **diante de** e **em face de**, todas provenientes de dois processos de gramaticalização: morfologização (que corresponde ao primeiro estágio – *embraced* = justaposição) e recategorização de nomes a preposição (**por ocasião de** e **em face de**) e de advérbios a preposição (**dentro de** e **diante de**).

No que diz respeito à língua italiana, também estão documentadas preposições que se mantiveram na passagem do latim para essa língua, como **in**, **a**, **di** e **con**, além das preposições provenientes do processo de morfologização quando dois elementos se aglutinaram, tendo como resultado uma preposição, como **da**, **fra** e **tra**. Outras são provenientes do processo de recategorização, como ocorreu com **mediante**, proveniente do verbo **mediare** (V > PREP). Finalmente, registra-se a locução prepositiva **dentro di**, resultante do processo de morfologização (*embraced*). Na formação desse item, há ainda o processo de recategorização de um advérbio (**dentro**) em preposição (ADV > PREP).

Também, para a expressão desse conceito, observou-se que o emprego dessas preposições comprova a hipótese localista, uma vez que todos esses elementos surgiram, inicialmente, na acepção espacial, passando ao sentido temporal e a outros mais abstratos.

Quanto ao sentido prototípico, observou-se que a acepção de LOCALIZAÇÃO se apresenta, através dos séculos, na forma IN (‘em’).

11.3 CONCEITO DE 'DIREÇÃO'

Quanto ao campo semântico da DIREÇÃO, no latim, registra-se o emprego dos casos morfológicos Dativo e Acusativo.

Constata-se que, na passagem para o português, três formas caíram em desuso: **a/ab**, **apud** e **usque**, tendo as línguas portuguesa e italiana, ou substituído por formas já existentes nessas línguas, ou, ainda, criando as locuções prepositivas com as mesmas acepções do latim. Assim, tanto no português, como no italiano, documentam-se locuções prepositivas, como:

Português: **até a**, **para com**, **junto de**, **para dentro de**, **em direção a** e **em relação a**.

Italiano: **lontano da**, **senza di**, **fino a**, **dentro di** e **verso di**.

Todas as locuções acima se formaram através do processo de morfologização (*embraced*) e de recategorização (N > PREP, ADV > PREP).

Observou-se que todas essas preposições podem comprovar a hipótese localista, tendo iniciado sua trajetória com a acepção espacial, passando depois à acepção temporal e, finalmente, a acepções mais abstratas.

Ao aplicar a teoria dos protótipos, na sua versão clássica, verificou-se que a forma latina **ad**, por exemplo, é prototípica do campo semântico da DIREÇÃO, uma vez que, no decorrer dos séculos **ad** mantém o seu sentido de base de DIREÇÃO.

Após as análises realizadas a respeito das preposições empregadas nos dois primeiros livros da obra *Confessiones* de Santo Agostinho, com relação aos campos semânticos do AFASTAMENTO, da LOCALIZAÇÃO e da DIREÇÃO, pode-se concluir que a língua latina, apesar de usar pouco esses itens gramaticais, apresenta um quadro amplo de preposições, constituído, em grande parte, de formas sinônimas, com diferenças sutis nas suas acepções, embora se observe que a maioria delas ainda não se apresentem muito abstraídas, como se encontram nas duas línguas românicas enfocadas nesta pesquisa.

Com relação à língua italiana, as preposições se comportam de modo semelhante ao

latim, uma vez que o italiano também possui um quadro amplo desses elementos de ligação, tendo também optado pela sinonímia.

No que diz respeito a esse mesmo aspecto, o comportamento da língua portuguesa é um pouco diferente das línguas latina e italiana, uma vez que o quadro das preposições apresenta-se reduzido. Tal comportamento leva a concluir, junto com J. Mattoso Câmara Jr. (1975), que os falantes da língua portuguesa optaram pela polissemia.

Outro fato observado é que, através da comparação do latim com as duas línguas românicas em estudo, pode-se concluir que a língua latina, talvez por ter deixado de ser usada, apresenta poucos exemplos de locuções prepositivas e, mesmo com esse pequeno número, todas elas são constituídas por duas preposições. M. Bassols de Climent (1956) comenta que essas locuções eram considerados pouco clássicas, não reconhecendo o autor que, de acordo com a Lingüística atual, esses eram elementos da língua falada, revelando um primeiro estágio do processo de gramaticalização, que, depois, nas línguas derivadas do latim, se transformariam em formas simples, como aconteceu com as locuções **de ex** e **per ad** do latim tardio, que passaram, na língua portuguesa, a **des** e **pera**, respectivamente, tendo ocorrido, nesse caso, um processo de morfologização.

Convém ressaltar que se verificou que, além de se apresentarem mais abstraídas as preposições portuguesas e italianas, essas duas línguas, atualmente, compõem suas locuções prepositivas, não apenas com mais de uma preposição, mas também com nomes, verbos, advérbios etc.

12 CONCLUSÃO

A partir da comparação entre as estruturas da língua latina, da língua portuguesa e da língua italiana, no que se refere ao sistema das preposições, pôde-se constatar que algumas dessas formas se mantiveram na passagem do latim para o português, enquanto outras desapareceram. A redução inicial do número dessas preposições leva a um enriquecimento semântico daquelas que se mantiveram, como também à gramaticalização de novas preposições no português e no italiano, a fim de suprir as formas de expressão daqueles conceitos.

Como já se comentou, há várias vias de formação dos itens gramaticais: alguns provêm de outros itens existentes na língua, o que decorre de uma mudança de classe gramatical (recategorização), outros decorrem da morfologização, isto é, da junção de elementos para formar um item gramatical (*desde*), e outros, ainda, partem de um primeiro estágio, que é o da formação de locuções prepositivas.

Assim, neste trabalho, focalizou-se a trajetória de várias preposições latinas, sendo que algumas se mantiveram (como **de** e **ad**) e outras caíram em desuso (como **ex** e **ab**), sendo substituídas por outra preposição. Buscou-se, através do estudo de textos representativos da língua latina, da língua portuguesa e da língua italiana, identificar a correspondência no português e no italiano daquelas formas empregadas para expressar os conceitos de AFASTAMENTO, LOCALIZAÇÃO e DIREÇÃO.

Um aspecto importante que se observou é que, na passagem para o português e para o italiano, algumas preposições não chegaram ao estágio zero de gramaticalização, uma vez que no seu processo de enfraquecimento passaram a prefixos tanto no português, como no italiano, mantendo o significado que expressavam em latim, como preposições, ao juntarem-se a verbos ou nomes, tornando-se, destarte, morfemas presos, enquanto outras se conservaram como preposições e prefixos, como no caso dos itens gramaticais *de* e *ad*. Na língua portuguesa, tais formas, além de conservarem sua significação originária, adquiriram novas acepções.

Um ponto importante que se verificou no início desta pesquisa é que as línguas, ao perderem seus elementos gramaticais, buscam suprir essa falta com a gramaticalização de

novos elementos, ocorrendo, nesse caso, um processo de perdas e ganhos e que a inserção de uma mudança na gramática resulta num processo de gramaticalização “perfeito”.

Além do mais, observou-se que muitos elementos gramaticais iniciaram sua trajetória, apresentando acepções concretas e que, no decorrer dos séculos, esses elementos foram se tornando cada vez mais abstratos e cada vez mais gramaticais. Esses fatos podem comprovar a **teoria localista**, que parte do pressuposto de que os itens são empregados, inicialmente, em situações concretas, assumindo, com o passar do tempo, significações mais abstratas, como ‘tempo’ e ‘qualidade’.

No que concerne à **teoria dos protótipos**, pôde-se comprovar, com relação à significação, que os itens gramaticais mantiveram, durante os séculos, o sentido original do latim, sendo esse considerado, portanto, o sentido prototípico.

Quanto à forma, observou-se que alguns desses itens se mantêm na sua classe, sendo eles elementos prototípicos, enquanto outros migram de uma classe para outra, sendo, assim, elementos marginais.

Das preposições documentadas, nas *Confessiones* de Santo Agostinho, nos três campos semânticos estudados, ‘AFASTAMENTO’, ‘LOCALIZAÇÃO’ e ‘DIREÇÃO’, após estabelecer comparações entre a origem latina e as formas documentadas no português e no italiano, pôde-se distribuir esses itens em oito grupos indicados a seguir:

1º grupo: neste primeiro grupo, estão documentados, no latim, os casos morfológicos ablativo, acusativo etc. enquanto em português e em italiano são empregadas as preposições; é o que ocorre, por exemplo, na expressão do ‘AFASTAMENTO’ que em latim aparece o caso ablativo, mas em português tem-se a preposição **de** e em italiano, a preposição **di**;

2º grupo: neste grupo, registram-se as preposições que se mantiveram na passagem do latim para o português e para o italiano; foi o que ocorreu com as preposições latinas: **DE, IN, AD, PER, CUM** etc.

3º grupo: neste grupo, encontram-se as preposições decorrentes do processo de morfologização. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as preposições portuguesas **para** de

per /pro + ad e **até de ad + tenus** e com a preposição italiana **da**, proveniente da junção das preposições **de + ab/ abs** ou **de + ad**;

4º grupo: neste grupo, registram-se formas provenientes do processo de recategorização de Nomes, Verbos e Advérbios em preposição. É o que acontece, por exemplo, na língua portuguesa, com as locuções prepositivas documentadas **dentro de** e **longe de** nas quais os advérbios **dentro** e **longe** passam a compor as locuções prepositivas; ainda, na língua portuguesa, está registrado o emprego da locução prepositiva **a partir de**, locução constituída pelo verbo **partir** (V > Prep.); no italiano, registra-se também o emprego de advérbios na constituição de locuções prepositivas **dentro di** e **lontano da** (Adv. > Prep.), assim como de Nome que passa a compor locução prepositiva, como acontece, por exemplo, com a locução prepositiva **fino a**;

5º grupo: neste grupo, registram-se preposições que caíram em desuso, embora os conceitos por elas expressos tenham permanecido nas línguas românicas, sendo criadas novas formas; foi o que ocorreu, por exemplo, com as preposições exemplificadas a seguir:

LATIM	PORTUGUÊS	ITALIANO
A/ AB/ ABS	LONGE DE	LONTANO DA
INTRA	DENTRO DE	DENTRO DI

6º grupo: diferente do que acontecia, de um modo geral, em latim, documenta-se no *corpus*, a locução prepositiva latina **usque ad**, em que a forma **usque** deixou de ser usada na passagem para o português e para o italiano, sendo substituída no português pela nova forma simples **até**, que, como já se observou, é proveniente da junção de duas preposições latinas **ad + tenus**, enquanto, no italiano, criou-se a locução prepositiva **fino a**, constituída de Nome + Preposição;

7º grupo: neste grupo, registram-se preposições que caíram em desuso na passagem do latim para o português e para o italiano, mas que passaram a ser expressas por uma só forma no português e no italiano; foi o que ocorreu, por exemplo, com as preposições

latinas **ex** e **ab/ abs** que deixaram de ser usadas e foram substituída pela preposição polissêmica **de** em português e **di** em italiano;

8º grupo: neste grupo estão registrados itens que caíram em desuso como preposições na passagem para o português e para o italiano, atingindo, portanto, o estágio zero de gramaticalização, mas que, através de um processo de enfraquecimento, passaram a ser usados, nessas duas línguas, como prefixos; foi o que aconteceu, por exemplo, com as preposições latinas **a/ ab/ abs**, **ex**, **intra**, **ultra**, que, no português e no italiano, não são mais preposições e sim prefixos (**a-/ ab-/ abs-**, **ex-**, **intra-**, **ultra-**).

13 REFERÊNCIAS

- AGOSTINO. *Le confessioni*. A cura di Maria Bettetini. Trad. di Carlo Carena. Torino: Einaudi, 2002.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1987.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. 1, p. 263-568.
- BARBOSA, J. S. *Gramatica philosophica da lingua portugueza*. 4. ed. Lisboa: Academia Real de Sciencias, 1966.
- BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. conforme a 1. ed. de 1540. Lisboa: Astória, 1957. José Pedro Machado (Ed.).
- BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina*. Madrid: C. Bermejo, 1956. t. I.
- BASTARDAS PARERA, Juan. *Particularidades sintacticas del latin medieval: (cartularios españoles de los siglos VIII al XI)*. Barcelona: Escuela de Filologia, 1953.
- Battisti, Carlo; ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: G. Barbèra, 1975.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Nacional, 2002.
- BEC, Pierre. *Manuel pratique de philologie romane: (italien, espagnol, portugais, occitan, gascon)*. Paris: A & J. Picard, 1970. t. 1.

BLATT, Frans. Précis de syntaxe latine. Version française sous la direction de l'auteur, avec la collaboration de Henry Barbier et Kristian Olsen Lyon: I.A.C., 1952.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BREA, Mercedes. Las preposiciones, del latín a las lenguas románicas. *Verba: Anuario galego de Filoloxia*. Universidade de Santiago de Compostela, v. 12, p. 147-182, 1985.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994. p. 125-174.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTILHO, A. T. de; MORAES DE CASTILHO, C. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. v. 2. p. 213-260.

CASTILHO, Ataliba T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicção. *ALFA: Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 75-95, 1994.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, mar. 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CHIUCHIÙ, A FAZI, M. C.; BAGIANTI, R. *Le preposizioni*. Perugia: Guerra, 1984.

COLONNA, Barbara. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. l'origine delle nostre parole.. Roma: Grandi Tascabili Economici, 1997.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua*

portuguesa. 2. ed. rev. e acresc. de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Clássica, 1954.

DILLINGER, Mike. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 7, no. 1, p. 395-407. 1991.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. 3 éd. Paris: Klincksieck, 1939.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine*. 2 éd. rev. et augmentée. Paris: Klincksieck, 1953.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Hachette, 1934.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1975.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, Colette (Ed.). *Noun classes and categorization*, s. 1. 1986. p. 77-102.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

HEAD, Brian F. O “dialecto brasileiro” segundo J. Leite de Vasconcelos. In: *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística/ Edições Colibri, 1994. *Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística*, set. 1993, Miranda do Douro.

HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 1991. v. 1. p. 37-80.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT Elizabeth Closs; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

HOPPER, Paul J. Phonogenesis. In: PAGLIUCA, W. (Ed.) *Perspectives on grammaticalization: current issues in linguistic theory*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 29-45.

HOPPER, Paul J. Some recent trends in grammaticalization. *Annu. Rev. Anthropol*, n. 25, p. 217-236, 1996.

ILARI, Rodolfo. Temas em funcionalismo: da organização temática ao processamento cognitivo. *Boletim ABRALIN*, São Paulo, v. 19, p. 39-49, 1996.

INSOLERA, Melina. *Grammatica essenziale della lingua italiana*. Bologna: Znicelli, 1999.

IODAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1972. t. 1.

KATO, Mary A. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. especial. p. 145-168. 1998.

KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAKOFF, George, JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982. v. 1.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 37-80.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 2. ed. Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1958.

LINDSAY, W. M. *A short historical latin grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon, 1937.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Confluência, 1977. v. 3.

MAGNIEN, Victor. *Grammaire comparée du grec et du latin*. Toulouse: Bordas, 1948. t. 3.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ-Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.

MARTINET, André. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *Alfa: Revista de Lingüística*. São Paulo, v. 38, p. 11-19, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948. . [1. ed. 1912].

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Traduction française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter, 1900, t. 3: syntaxe. xvi + 857p.

MOIGNET, G. *Systématique de la langue française*. Parisa: Klincksieck, 1981.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, V. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador; materiais para seu estudo*. Salvador; Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1994. V. 1.

NARO, Anthony J.; VOTRE, Sebastião J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 8. p. 285-90, 1992.

NASCIMENTO, Milton do. Teoria gramatical e “mecanismos funcionais do uso da língua”. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 6. no. 1. p 83-98, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional, *ALFA: Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática de usos é uma gramática funcional*. Boletim ABRALIN, São Paulo, v. 19, p. 27-38, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

NUNES, J. Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 6. ed. Lisboa: Clássica, 1960.

POGGIO HEINE, Ângela Emília F. *Gramaticalização e relações semânticas dos itens de e des/ desde nos séculos XIV, XVI e XVII*. 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. 1999. 3 v. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. Notas de aula na Pós-Graduação. 2006.

POLITO, André. *Dicionário escolar italiano*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

PÖLL, Bernhard. Fraseologia portuguesa: algumas perspectivas de pesquisa. *Verba hispanica* IV, Liubliana, p. 177-186, 1994.

POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relations*. Paris: Klincksieck, 1962.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1969.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. melhorada e aumentada de lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e ampl. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo/ Brasília: Melhoramentos/ Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Bento e Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel. Ed. bilíngüe. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1924.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye, colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCORNAIENCHI, Darly Nicolanna. *As preposições no português e no italiano coloquial*. São Paulo: Diral Gráfica, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In: AXMAKER, S. et al. (Ed.). *General session and parasession on grammaticalization*. Berkeley: Berkeley Linguistics, 1988. p. 389-405.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1.

VAZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Trad. de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VOTRE, Sebastião J.; NARO, Anthony J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-62.

VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Resenha: GIVÓN, T. (1995). Funcionalism and grammar. *D.E.L.T.A.*, v. 13, n. 2, p. 331-340, 1997.